



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Vitor Hugo Rinaldini Guidotti

**“Da árvore do conhecimento, não comereis o fruto”: o caráter
neoconservador cristão da Escola sem Partido**

**São Carlos - SP
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Vitor Hugo Rinaldini Guidotti

**“Da árvore do conhecimento, não comereis o fruto”: o caráter
neoconservador cristão da Escola sem Partido**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Linha de Pesquisa: Estrutura social e desigualdades.

Orientado pelo Prof. Dr. André
Ricardo de Souza

**São Carlos - SP
2023**

Guidotti, Vitor Hugo Rinaldini

“Da árvore do conhecimento, não comereis o fruto”: o caráter neoconservador cristão da Escola sem Partido / Vitor Hugo Rinaldini Guidotti -- 2023.
200f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): André Ricardo de Souza

Banca Examinadora: Dario Paulo Barrera Rivera,

Vinicius Manduca, Luana Dias Motta, Fábio José Bechara Sanchez

Bibliografia

1. Neoconservadorismo. 2. Escola sem Partido. 3. Sociologia política. I. Guidotti, Vitor Hugo Rinaldini. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Vitor Hugo Rinaldini Guidotti, realizada em 07/12/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Andre Ricardo de Souza (UFSCar)

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera (UFJF)

Prof. Dr. Vinicius Manduca (SENAC)

Profa. Dra. Luana Dias Motta (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCar)

Agradecimentos

Depois de quase cinco anos, desde o início do doutorado, posso afirmar que a trajetória percorrida até aqui não foi fácil. Viver sob um governo de extrema direita e enfrentar uma pandemia simultaneamente exigiram uma determinação que, em alguns momentos, acreditei que não encontraria. Particularmente, enfrentei ameaças de desemprego e certo desencanto em relação à minha profissão. Tudo isso quase me levou à paralisia da escrita. Se estou escrevendo esses agradecimentos, é porque os nomes que seguem abaixo me proporcionaram momentos de felicidade, orientação e motivação para persistir em tempos tão sombrios. É por isso que agradeço a todos e todas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. André Ricardo de Souza, pelo aprendizado propiciado a mim ao longo desse período. Agradeço aos demais professores e à professora que participaram das etapas de avaliação dessa pesquisa: Profa. Dra. Luana Dias Motta (UFSCar), Prof. Dr. Fabio Jose Bechara Sanchez (UFSCar), Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera (UFJF), Prof. Dr. Vinicius Manduca (SENAC) e Prof. Dr. Rogério Diniz Junqueira (INEP).

Agradeço ao psiquiatra Dr. Rubens Guilherme Rodrigues da Silva. Sua dedicação profissional e seu apreço pela ciência foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos membros do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP), um grande obrigado pelo companheirismo e pelas instigantes discussões que tivemos ao longo deste período.

Agradeço aos meus colegas de docência, aos demais trabalhadores e estudantes das escolas: E. E. Dr. Fernando Corrêa da Costa, E. E. Castelo Branco, E. E. Dr. Joaquim Murtinho e E. E. Dom Aquino Corrêa, e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Amambai-MS. Este trabalho também foi dedicado a todos vocês.

Agradeço aos queridos amigos e amigas: Eduardo de Melo Salgueiro, David Junior de Souza Silva, José Victor Bortolotto Bampi, Renato Lucas Areco de Matos, André Dione Fonseca, João Paulo do Amaral, Daiane Vieira Flores, Rafael Henrique Bevilaqua Pivante, Thiago Augusto Betiati, Diogo Antunes da Conceição, Lucas Rinaldini, Fernanda Dayara Salamon, André Luiz Marcondes Pelegrinelli, Aline Maciel Pereira, Lourdes de Lima Cabral, Douglas Menezes de Oliveira e Sonia Vanessa Langaro. Os conselhos, o apoio nos períodos difíceis e os momentos de felicidade compartilhados foram imprescindíveis nesta jornada.

Um agradecimento especial e carregado de amor para as quatro pessoas mais importantes da minha vida: meu pai, Cesar Augusto Guidotti, minha mãe, Elza Maria Rinaldini Guidotti, meu irmão Júlio Cesar Rinaldini Guidotti e minha companheira e amor da minha vida, Caroline Paionk. O amor de vocês foi a força que me sustentou.

Em memória do Magnífico Reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo, dedico este trabalho às professoras e aos professores, que, mesmo em meio às trevas obscurantistas, empenham-se em revelar as contradições e injustiças do mundo.

“Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada são os dominadores. ”

Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*

RESUMO

A associação movimentista Escola sem Partido (ESP) atuou no período de 2004 a 2020, desempenhando um papel significativo durante a grande ascensão do neoconservadorismo no Brasil. Destacou-se por sua defesa de pautas que visavam restringir perspectivas críticas no campo da educação. O objetivo desta pesquisa foi abordar, em perspectiva sociológica, a influência neoconservadora cristã na ESP, explorando as estratégias e os fundamentos que ela mobilizou para sua atuação. Visando este objetivo, foram analisadas fontes primárias e secundárias, incluindo publicações em seu site e blog, bem como informações de seus perfis em redes sociais. Para analisar o conteúdo do *blog*, empregamos elementos da Análise Textual Discursiva e da Análise de Conteúdo Categorical. Além disso, estudamos outros materiais, como dados de outros blogs, redes sociais e sites com acentuado conteúdo neoconservador, discursos públicos de seu fundador e líder Miguel Nagib e documentos oficiais e material jornalístico confiável. Os resultados da pesquisa revelam a forte influência neoconservadora cristã na ESP, que fundamentou seus princípios e orientou suas iniciativas nos campos: político, educacional, religioso e jurídico. Foi possível perceber também a mobilização das pautas da ESP, especialmente em períodos eleitorais, sobremaneira nas eleições de 2018. Através deste estudo se identificou e buscou preencher lacunas de pesquisa, visando contribuir para uma compreensão sociológica maior da ESP, no contexto de ascensão da extrema direita e do neoconservadorismo no Brasil.

Palavras-chave: Neoconservadorismo. Extrema Direita. Escola sem Partido. Sociologia Política. Sociologia da Religião.

RESUMEN

La asociación movimentista Escola sem Partido (ESP) estuvo activa de 2004 a 2020, desempeñando un papel importante durante el gran auge del neoconservadurismo en Brasil. Se destacó por su defensa de agendas que apuntaban a restringir perspectivas críticas en el campo de la educación. El objetivo de esta investigación fue abordar, desde una perspectiva sociológica, la influencia neoconservadora cristiana en la ESP, explorando las estrategias y fundamentos que movilizó para sus acciones. Para ello se analizaron fuentes primarias y secundarias, incluidas publicaciones en su sitio web y blog, así como información de sus perfiles en redes sociales. Para analizar el contenido del blog, empleamos elementos de Análisis Textual Discursivo y Análisis de Contenido Categórico. Además, estudiamos otros materiales, como datos de otros blogs, redes sociales y sitios web con fuerte contenido neoconservador, discursos públicos de su fundador y líder Miguel Nagib y documentos oficiales y material periodístico confiable. Los resultados de la investigación revelan la fuerte influencia neoconservadora cristiana en la ESP, que fundó sus principios y guió sus iniciativas en los siguientes campos: político, educativo, religioso y jurídico. También fue posible percibir la movilización de las agendas de la ESP, especialmente durante los períodos electorales, especialmente en las elecciones de 2018. A través de este estudio, se identificaron y buscaron llenar vacíos de investigación, con el objetivo de contribuir a una mayor comprensión sociológica de la ESP, en el contexto del ascenso de la extrema derecha y el neoconservadurismo en Brasil.

Palabras clave: Neoconservadurismo. Extrema Derecha. Escola sem Partido. Sociología Política. Sociología de la Religión.

ABSTRACT

The activist association "Escola sem Partido" (ESP) operated from 2004 to 2020, playing a significant role during the major rise of neoconservatism in Brazil. It stood out for its advocacy of agendas aimed at restricting critical perspectives in the field of education. The aim of this research was to address, from a sociological perspective, the Christian neoconservative influence on ESP, exploring the strategies and foundations it mobilized for its activities. To achieve this goal, primary and secondary sources were analyzed, including publications on its website and blog, as well as information from its social media profiles. To analyze the blog content, elements of Textual Discourse Analysis and Categorical Content Analysis were employed. In addition, other materials were studied, such as data from other blogs, social media, and websites with pronounced neoconservative content, public speeches by its founder and leader Miguel Nagib, and reliable official documents and journalistic material. The research results reveal the strong Christian neoconservative influence on ESP, which underpinned its principles and guided its initiatives in the political, educational, religious, and legal fields. It was also possible to observe the mobilization of ESP's agendas, especially during electoral periods, particularly in the 2018 elections. Through this study, gaps in research were identified and addressed, aiming to contribute to a greater sociological understanding of ESP in the context of the rise of the far-right and neoconservatism in Brazil.

Keywords: Neoconservatism. Extreme Right. Escola sem Partido. Political Sociology. Sociology of Religion.

RÉSUMÉ

L'association activiste Escola sem Partido (ESP) a agi de 2004 à 2020, jouant un rôle significatif pendant la montée en puissance du néoconservatisme au Brésil. Elle s'est distinguée par sa défense de thèmes visant à restreindre les perspectives critiques dans le domaine de l'éducation. L'objectif de cette recherche était d'aborder, dans une perspective sociologique, l'influence néoconservatrice chrétienne dans l'ESP, en explorant les stratégies et les fondements qu'elle a mobilisés pour son action. Dans cette optique, des sources primaires et secondaires ont été analysées, y compris des publications sur son site web et son blog, ainsi que des informations provenant de ses profils sur les réseaux sociaux. Pour analyser le contenu du blog, nous avons utilisé des éléments de l'Analyse Textuelle Discursive et de l'Analyse de Contenu Catégorielle. De plus, nous avons étudié d'autres matériaux, tels que des données provenant d'autres blogs, réseaux sociaux et sites web présentant un contenu néoconservateur marqué, ainsi que des discours publics de son fondateur et leader Miguel Nagib et des documents officiels et du matériel journalistique fiable. Les résultats de la recherche révèlent la forte influence néoconservatrice chrétienne dans l'ESP, qui a fondé ses principes et guidé ses initiatives dans les domaines politique, éducatif, religieux et juridique. Il a également été possible de constater la mobilisation des thèmes de l'ESP, notamment pendant les périodes électorales, en particulier lors des élections de 2018. Cette étude a identifié et cherché à combler les lacunes de la recherche, dans le but de contribuer à une meilleure compréhension sociologique de l'ESP, dans le contexte de la montée de l'extrême droite et du néoconservatisme au Brésil.

Mots-clés: Néoconservatisme. Extrême Droite. Escola sem Partido. Sociologie Politique. Sociologie de la Religion.

LISTA DE SIGLAS

ACC – Análise de Conteúdo Categorical
ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade
ATD – Análise Textual Discursiva
AVANTE – Partido Avante
BJP – *Bharatiya Janata Party*
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CADH – Convenção Americana sobre Direitos Humanos
CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COVID-19 – Doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2
DC – Democracia Cristã
DEM – Partido Democratas
ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EPL – Estudantes Pela Liberdade
ESP – Escola sem Partido
Fidesz - *Magyar Polgári Szövetség*
FPCAR – Frente Parlamentar Católica Apostólica Romana
FPDEDI – Frente Parlamentar em Defesa da Educação sem Doutrinação Ideológica
FPE – Frente Parlamentar Evangélica
IEE – Instituto de Estudos Empresariais
IL – Instituto Liberal
IMB – Instituto Von Mises Brasil
Imil – Instituto Millenium
IPCO – Instituto Plínio Corrêa de Oliveira
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus
LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais e demais identidades de gênero de sexualidade
MBL – Movimento Brasil Livre
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
ME – Ministério da Economia
MEC – Ministério da Educação

MJSP – Ministério da Justiça e Segurança Pública
MMFDH – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
MPF – Ministério Público Federal
NOVO – Partido Novo
ONGs – Organizações Não Governamentais
PATRI – Partido Patriota
PL – Partido Liberal
PLs – Projetos de Lei
PNE – Plano Nacional de Educação
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático
PP – Partido Progressistas
PPS – Partido Popular Socialista
PR – Partido da República
PRB – Partido Republicano Brasileiro
PRP – Partido Republicano Progressista
PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSC – Partido Social Cristão
PSD – Partido Social Democrático
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSL – Partido Social Liberal
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PT – Partido dos Trabalhadores
PTC – Partido Trabalhista Cristão
PV – Partido Verde
RCC – Renovação Carismática Católica
RSS – *Rashtriya Swayamsevak Sangh*
SOLIDARIEDADE – Partido Solidariedade
STF – Supremo Tribunal Federal
TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade
TSE – Tribunal Superior Eleitoral

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Antonio Gramsci e José Dirceu.....	73
Figura 02 – Nuvem de palavras dos artigos de Olavo de Carvalho reproduzidos pelo blog da ESP.....	76
Figura 03 – Mapa de códigos: proximidade entre os temas tratados no blog da ESP, seção “Educação Moral de Religiosa”.....	81
Figura 04 – Frequência de pesquisa do termo “Escola sem partido” no Google, período de 2004 a 2023, em comparação com outros termos (valores relativos).....	121
Figura 05 – Folder da ESP nas Eleições de 2018.....	122
Figura 06 – Modelo de carta de compromisso político público com a ESP – eleições 2018.....	123
Figura 07 – Publicação de Damares Alves sobre a criação do canal de denúncias.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Publicações reproduzidas no blog da ESP, por ano de publicação, oriundas da imprensa e/ou de jornalistas.....	103
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Textos oriundos de sites conservadores, cristãos ou ultraliberais reproduzidos no blog da ESP.....	60
Quadro 02 – Amostra de textos publicados no blog da ESP, que versam sobre o PT e seus governos.....	66
Quadro 03 – Redes Sociais ativas da ESP.....	73
Quadro 04 - Textos de Olavo de Carvalho reproduzidos no blog da ESP.	75
Quadro 05 – Referência cruzada: temas abordados/codificação por ano de publicação no blog da ESP, seção “Educação Moral de Religiosa”.....	80
Quadro 06 – Perfis de redes sociais com maior alcance, por país, relacionados com o <i>slogan</i> “ <i>Com Mis Hijos No Te Metas</i> ”.....	90
Quadro 07 – Blog da ESP: artigos reproduzidos na seção “Doutrinação pelo mundo”.....	91
Quadro 08 – Publicações reproduzidas no blog da ESP, oriundas da imprensa e/ou de jornalistas, entre 2006 a 2009.....	100
Quadro 09 – Publicações de Miguel Nagib em canais jornalísticos reproduzidos no blog da ESP.....	104
Quadro 10 – Menções do “Kit Gay” e suas variações no blog da ESP.....	108
Quadro 11 – Textos do blog da ESP que mencionam o PNE.....	109
Quadro 12 – Lista de ministros da Educação nomeados no governo Bolsonaro (2019-2022).....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Seções e quantidade de textos analisados.....	28
Tabela 02 – Textos de Reinaldo Azevedo, por ano de publicação, reproduzidos no <i>blog</i> da ESP.....	102
Tabela 03 – Bancadas eleitas e apoio à ESP nas eleições de 2018.....	119
Tabela 04 – Cargos e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018.....	124
Tabela 05 – Gênero e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018.....	125
Tabela 06 – Origem/unidade federativa e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018.....	125
Tabela 07 – Filiação partidária e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018.....	126

Sumário

Introdução	18
1. Escola sem Partido: neoconservadorismo, crise democrática e pânicos morais em perspectiva	31
1.1. Neoconservadorismo cristão e a crise da democracia no mundo	33
1.2. O neoconservadorismo cristão no Brasil: política, religião e a grande crise da democracia	50
1.3. O neoconservadorismo conectado: “ideologia de gênero” e marxismo cultural como pânicos morais	67
1.4. O “perigo” da doutrinação ideológica nas escolas: o caráter transnacional do seu combate.....	86
2. A ESP em atuação e a disputa pelo poder (2004-2018)	95
2.1. “No princípio Nagib criou a ESP”: do “porno-marxismo” ao impulso jornalístico	96
2.2. A ESP em evidência: imprensa e incursão no legislativo e judiciário ...	106
2.3. A ESP nas eleições de 2018: o neoconservadorismo cristão alcança o poder.....	116
3. O “fim” e o recomeço institucional: a ESP e o governo Bolsonaro (2019-2022)	132
3.1. O neoconservadorismo no poder: o perfil da composição do governo Bolsonaro	133
3.2. O fim da ESP? Do abandono de seus apoiadores à inconstitucionalidade das leis.....	141
3.3. Discursos e ações do governo Bolsonaro e sua relação com a agenda da ESP.....	145
Considerações finais	161
Referências	168
Apêndices	197

Introdução

A presente tese aborda, do ponto de vista sociológico, a forte tendência neoconservadora cristã da associação movimentista Escola sem Partido (ESP), tendo decorrido de investigação sobre as estratégias e os fundamentos empregados por ela em sua atuação no Brasil. Além disso, através da pesquisa se procurou compreender a aliança que a ESP estabeleceu, ao longo do tempo, com grupos neoconservadores cristãos, notórios por suas ações caracterizadas pela defesa do tradicionalismo moral e do liberalismo econômico, além de reagirem de modo enfático a qualquer perspectiva que questione sua cosmovisão – linha de ação que, em alguma medida, apresenta semelhanças com o fundamentalismo religioso. Tais grupos se opõem a perspectivas laicas, científicas e relacionadas a diferentes formas de ser e pensar, que não se limitam a comportamentos alinhados com a moralidade religiosa estabelecida. Podemos considerar os grupos neoconservadores cristãos como uma espécie de "tropa de elite cristã" (Machado, 2015), que busca ocupar os espaços políticos intentando a hegemonia do cristianismo fortemente conservador no território nacional. A pesquisa abrangeu as interações sinérgicas estabelecidas entre esses grupos e outros atores sociais, visando promover seus valores e princípios religiosos na sociedade, notadamente no campo educacional.

A ESP foi formada em 2004 pelo advogado católico e então procurador do Estado de São Paulo, Miguel Francisco Urbano Nagib, com o objetivo de combater o que denomina como "doutrinação ideológica, praticada por 'militantes travestidos de professores', que afeta os diferentes níveis educacionais e se manifesta em todo o país" (ESP, 2023). Embora seu portal oficial tenha anunciado o encerramento de suas atividades em 22 de agosto de 2020, não é correto afirmar, como demonstraremos adiante, que sua atuação e tampouco sua influência na sociedade tenham desaparecido.

A associação movimentista¹ ESP prossegue registrada no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Ela obteve sua inscrição como associação privada em 28 de outubro de 2015, sob o número 23.857.417/0001-70, com o nome formal: Associação Escola sem Partido. Em seu registro, consta "Atividades de Associações de Defesa de Direitos Sociais" e o nome de Nagib como único sócio administrador².

Conforme Miguel (2016), a ESP começou a ganhar destaque na conjuntura política e educacional em 2010, conectada com a forte onda conservadora e, em alguns casos, reacionária que se formou no país, impulsionada notavelmente pelos eventos de junho de 2013³. Dado que seu programa "(...) foi adotado por todos os grupos da direita brasileira" (Miguel, 2016, p. 595), a ESP ganhou influência no cenário político ao defender publicamente o combate à chamada "ideologia de gênero" (Machado, 2018). Essa "batalha" já estava sendo travada por igrejas e grupos religiosos, em particular pela Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Cabe ressaltar que tal pauta evidencia de forma clara como os interesses tanto dos grupos religiosos quanto da ESP convergiram, estabelecendo uma espécie de união sob a mesma bandeira político-ideológica.

Durante o período de atuação incisiva, as principais ferramentas para a disseminação de ideias e práticas da ESP foram seu site oficial (<http://www.escolasempartido.org/>) e seus perfis nas redes sociais. A ESP atuou divulgando uma ampla variedade de materiais, conteúdo de opinião em diversos segmentos, visando alcançar, de alguma forma, os meios de comunicação. Além disso, ela realizou atividades nos campos: educacional, jurídico e religioso. Mas sua influência maior se acabou se dando no meio

¹ Para esta pesquisa, seguiremos a mesma classificação adotada por Paolin (2022), que categorizou a ESP como uma "associação movimentista". Embora vários estudos tenham definido a ESP como um "movimento", uma análise mais detalhada não permite caracterizá-la dessa forma. A ESP apresenta uma organização confusa, com pouca informação sobre sua estrutura organizacional ou número de membros, entre outros elementos que a afastam da definição de movimento social. Portanto, a escolha de 'associação movimentista' segue a linha de interpretação estabelecida pelas discussões feitas do âmbito do NEREP-UFSCar.

² Sua situação jurídica permaneceu "ativa" até o final desta pesquisa, em outubro de 2023. Tais dados foram obtidos no site da Receita Federal: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br>, acesso em 07 nov. 2023.

³ Conjunto de protestos liderados, inicialmente, por jovens contra o aumento das tarifas de transporte público em grandes capitais, que, posteriormente, abordaram outras questões (Ellwanger, 2018).

parlamentar dada a grande adesão de políticos de direita e extrema direita, tendo havido alguns desdobramentos jurídicos (Algebaile, 2017).

Entre os objetivos declarados pela ESP, é mencionada a luta pela liberdade de consciência e crença, bem como a defesa do direito dos pais em relação à educação moral e religiosa de seus filhos. A ênfase dada por ela ao tema da religião é evidente na referência, feita duas vezes na seção "Quem Somos" de seu site oficial (<http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>), quanto ao artigo 12º da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (CADH), que aborda a "Liberdade de consciência e de religião". Nessa descrição, é destacado o inciso IV do artigo 12º, que estipula: "Os pais, e quando for o caso, os tutores, têm o direito de que seus filhos ou pupilos recebam educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções".

A proposta fundamental da ESP é o "Programa Escola sem Partido". Como consta em seu site (<http://www.escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>), trata-se basicamente de um projeto de lei que impõe às escolas a obrigação de exibir um cartaz contendo os "Seis Deveres do Professor". Entre esses deveres, quatro mencionam direta e indiretamente as responsabilidades dos docentes no que diz respeito a religião e moralidade dos estudantes. Na justificativa apresentada pela ESP para fundamentar o projeto de lei, são mencionadas a Constituição Federal de 1988 e a CADH, buscando enfatizar a ideia de que os professores não devem abordar temas que contrariem a moralidade e a religião dos estudantes e de seus pais.

O ativismo de grupos religiosos e da ESP ganhou notoriedade quando passou a influenciar efetivamente o debate público nacional sobre educação, mediante tramitações congressuais. Tal atuação ganhou força a ponto de envolver os três Poderes da República, demonstrando a articulação dos grupos atuantes nos campos: religioso, político e judicial.

Além das investidas da ESP e dos grupos religiosos contra as propostas educacionais progressistas, que são alinhadas com a defesa dos direitos humanos, houve também outras iniciativas relacionadas, como os Projetos de

Lei (PLs) apresentados em várias casas legislativas, com o objetivo de promover a implementação do programa reivindicado pela ESP.

A influência da ESP permaneceu notável mesmo após o anúncio de sua descontinuidade formal. A título de exemplo, na 56ª legislatura, que abrangeu os anos de 2019 a 2022, foram identificados PLs em defesa da "Escola sem Partido", como o nº 246/2019, apresentado pela deputada federal Bia Kicis, do Partido Social Liberal (PSL-RJ), em colaboração com outros deputados, e o nº 258/2019, proposto pelo deputado federal Pastor Eurico, do Patriota (PATRI-SP).

Embora a ESP tenha apostado em uma roupagem de neutralidade e defesa de direitos, o ponto nevrálgico é o conteúdo rotulado como "doutrinação ideológica" ou violação do direito à religião ou crença. Isto, na verdade, está relacionado a questões ancoradas na contestação do modelo de família tradicional, da heteronormatividade e de concepções conservadoras de gênero, entre outros. Para a ESP, assuntos que promovem o desenvolvimento do pensamento crítico e que contrariam visões religiosas e conservadoras de mundo não poderiam ser discutidos nas escolas, isto porque, supostamente, violam o direito à moral e à religião de pais e filhos. Além disso, há a concepção de que as instituições de ensino deveriam se limitar ao processo de escolarização e não se envolver na educação, algo mais amplo no processo de formação do aluno. Na visão da ESP, a educação é um direito exclusivo da família e do grupo religioso do qual esta faz parte (Penna, 2017).

Neste contexto, em que a influência política de grupos que adotam perspectivas neoconservadoras cristãs é evidente (Lacerda, 2019; Vaggione; Machado; Biroli, 2020), a análise das ações da ESP, no sentido de vincular suas ideias à política institucional e à gestão da educação brasileira, pode revelar as estratégias utilizadas quanto ao uso da religião como sistema simbólico para preservar a ordem social. Isso, por conseguinte, atende aos interesses de grupos dominantes (Bourdieu, 2011). Portanto, é pertinente discutir a origem e as ações da ESP, bem como dos grupos caracterizados por "interesses religiosos" no campo educacional, além de delinear as relações imbricadas entre eles e suas propostas para o sistema educacional brasileiro.

Relevantes pesquisas já foram feitas buscando examinar os impactos da ESP no país (Espinosa; Queiroz, 2017; Macedo, 2017, 2018; Neves, 2018; Guilherme; Piccoli, 2018; Lima; Hypolito, 2019). Nessas investigações, a relação entre essa associação movimentista, seus valores e os grupos religiosos sempre tem destaque, mesmo quando o objetivo principal é aprofundar outras questões relacionadas à ESP, não ligadas à temática religiosa. Além disso, houve pesquisas específicas voltadas para a relação entre ela e o neoconservadorismo cristão devido ao apoio de líderes religiosos fundamentalistas, juntamente com parlamentares vinculados a denominações evangélicas e setores católicos conservadores, que buscaram incorporar as demandas da associação em suas atividades político-partidárias (Moura, 2018a; Souza, 2019). Torna-se evidente no cenário político e social estudado a sinergia entre a ESP e os setores neoconservadores cristãos, particularmente nas disputas travadas nas instâncias dos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Dado que a literatura existente tem destacado as conexões da ESP com os setores cristãos neoconservadores, o propósito da pesquisa que gerou esta tese foi aprofundar o entendimento sociológico de tal tema. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar os aspectos religiosos da Escola sem Partido, examinando o conjunto de argumentos criados, defendidos e disseminados para fundamentar sua perspectiva, além de analisar as parcerias estabelecidas entre a associação movimentista e grupos religiosos.

A metodologia empregada neste estudo seguiu uma abordagem bourdieusiana, fundamentada na teoria dos campos, que "(...) é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as escolhas práticas da pesquisa" (Bourdieu, 1989, p. 27).

A teoria dos campos, contida na obra de Bourdieu, é profícua. Por meio da contribuição de Catani *et al* (2017, p. 65), entendemos por “campo” “(...) um ‘sistema’ ou um ‘espaço’ estruturado de posições ocupadas pelos diferentes agentes”, e, nele “as práticas e estratégias dos agentes só se tornam compreensíveis se forem relacionadas às suas posições no campo”. Os agentes pertencentes ao campo agem a partir da incorporação de um *habitus*

específico, que, segundo Bourdieu (1989, p. 61) é “(...) um conhecimento adquirido, e também um haver, (...) indica a disposição incorporada, quase postural” de agentes a partir de suas ações, isto é, uma forma específica de procedimento a partir de determinado conhecimento e capital adquirido. Os integrantes de um campo compõem “(...) um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou competição entre os agentes que ocupam diversas posições” (Catani *et al*, 2017, p. 65).

A recompensa para os grupos dominantes que triunfam no jogo específico do campo que disputam é o predomínio na produção e significação dos bens simbólicos, algo que é essencial para a manutenção da hierarquia de poder entre dominantes e dominados.

A consideração das disputas presentes nos campos: educacional, religioso, político e jurídico foi particularmente relevante na elaboração desta pesquisa. Ainda que cada "campo" tenha suas próprias lutas internas (Bourdieu, 2003), é importante ressaltar que as relações externas entre os grupos dominantes desempenham um papel significativo na competição entre os agentes, muitas vezes gerando uma espécie de aliança entre as posições dominantes com o intuito de preservar e garantir sua supremacia. Isso justifica o interesse em investigar a ESP, visto que Espinosa e Queiroz (2017, p. 49) apontaram que a associação movimentista apresenta “(...) uma poderosa teia de relações que surpreende pelo cunho conservador, com várias articulações e redes que perpassam por entidades da sociedade civil, instâncias religiosas e partidos políticos”. Nesse contexto, é digno de nota o “(...) forte vínculo do movimento com partidos ligados a segmentos evangélicos, como, por exemplo o PSC, cujo presidente é um pastor evangélico” (2017, p. 61). A título de exemplo, o dirigente desta legenda, entre 2015 a 2023, foi Everaldo Dias Pereira, conhecido como Pastor Everaldo, que concorreu à Presidência da República em 2014 e, em 2016, realizou um batizado simbólico do Rio Jordão, em Israel, do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que é católico, vale lembrar.

Bourdieu (2011, p. 69) explicita a relação sinérgica entre o campo religioso e o poder político como forma de impedimento, tanto da “subversão simbólica”, contraproducente ao grupo dominante religioso, quanto da

“subversão política”, danosa aos grupos politicamente dominantes. Segundo Bourdieu (2011, p. 33-34), para manter o poder político que atenda aos interesses de grupos dominantes de diversos campos, a religião, manifestada pelas igrejas e seus líderes (que podem ser vistos como monopolistas dos bens de salvação), “(...) contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios da estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social (...)”, de modo que acaba por impor “(...) um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural dos cosmos”. Os *insights* do sociólogo nos permitem compreender a religião como um sistema simbólico que reforça a perpetuação e a legitimação da dominação social. Essa realidade é estabelecida e legitimada por meio da “alquimia ideológica”, ou seja, “(...) a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas e, portanto, justificadas” (Bourdieu, 2011, p. 33).

As observações de Bourdieu (2011) nos auxiliam a compreender o fato de a religião, enquanto sistema simbólico, reforçar a dominação social exercida por aqueles que controlam o campo religioso. Nesse processo de construção da realidade social, por meio da oferta de bens simbólicos de salvação para as massas “dominadas e domesticadas”, a religião opera, por vezes, como uma forma de violência simbólica⁴. Ela serve aos interesses de grupos dominantes de outros campos, uma vez que a religião reivindica para si a configuração social, “naturalizando” as relações sociais e a perspectiva do leigo em relação ao mundo social. A força simbólica da religião sustenta não apenas os grupos que compõem o campo religioso, mas também aqueles que exercem a dominação a partir dele. Conforme as palavras do sociólogo, a “absolutização do relativo e a legitimação do arbitrário” consagram e eternizam um estilo de vida considerado “correto”, submetido aos interesses desses grupos dominantes.

Nesse contexto, percebemos que a ESP é um grupo que não apenas compartilha da dominação exercida pelos grupos religiosos neoconservadores

⁴ Tal conceito de Bourdieu (1989) nos ajuda a entender a função de dominação social que a religião engendra.

no cenário religioso brasileiro atual, mas também se apoia de forma indireta na construção religiosa da realidade social com objetivos que vão além do âmbito puramente religioso.

Uma grande contribuição também deriva das interpretações de Bourdieu e Passeron (2013) sobre o campo educacional. Ao examinar seu funcionamento, eles ilustram como as instituições de ensino, suas políticas e suas práticas de gestão tendem a favorecer mais a preservação da ordem estabelecida do que a transformação da realidade social. Os grupos dominantes são privilegiados em detrimento dos esforços para alterar as condições enfrentadas pelos grupos subjugados. É nesse contexto que vemos o interesse da ESP pelo campo educacional, impulsionada pelo desejo de controlar a agenda da educação no país e obter força suficiente para a promoção de uma legislação correspondente a seus objetivos. A ESP atuou com o intuito de contribuir para a manutenção da dominação social elitista e conservadora por meio da educação formal, buscando restringir as oportunidades intelectuais e de sociabilidade que poderiam levar à superação da ordem legitimada pela religião alinhada com o poder político. Especificamente, nos referimos à atuação de grupos cristãos neoconservadores que adotam valores políticos de orientação notadamente de direita e extrema direita.

A capilaridade que a ESP conseguiu obter durante sua atuação revela as conexões intrincadas e os diversos interesses que permeiam os campos mencionados anteriormente. Esse panorama de entrelaçamentos (na política, na educação e na religião), cujo foco excede os próprios objetivos definidos pela associação, isto é, o combate à “doutrinação ideológica”, leva à suposição de que a ESP não procurava apenas a disputa pela dominação do campo educacional, mas, também exercer, de alguma maneira, influência mais ampla na sociedade. Isso explica, e em boa medida, justifica sua aliança com grupos dominantes do no país, composto sobremaneira por financistas e empresários do campo e da cidade (Monteiro, 2018).

Assim, a ESP não tinha como único objetivo influenciar muito fortemente campo educacional. Seu propósito político parece ser mais amplo: a conservação do espaço social por meio da disputa pelo campo do poder, em

consonância com demais grupos neoconservadores, compostos por lideranças religiosas de direita e extrema direita. De acordo com Bourdieu (1996), o campo do poder é distinto dos demais, sendo considerado um metacampo. Ele se configura como um espaço de luta entre grupos dominantes visando manter o valor relativo de seus tipos de capital e, ao fazer isso, assegurar a dominação em seus próprios campos, ao mesmo tempo em que controlam o que percebem como ameaças subversivas. O campo do poder (econômico, político e institucional) é fundamental, pois “[...] impõe princípios gerais de funcionamento a todos os campos” (Monteiro, 2018, p. 52). Conforme Jourdain e Naulin (2017), ele é o "campo dos campos", sendo aquele que estabelece o "princípio da dominação dominante" e o "princípio legítimo da legitimação".

Nesse contexto, a competição no campo do poder, de acordo com Bourdieu (1996, p. 51, grifo do autor), envolve o controle do Estado, uma vez que este detém a “(...) violência física e simbólica *legítima*”. Para o sociólogo, é por meio do Estado que se exerce a capacidade de regulamentar os diversos campos, como, por exemplo, a tomada de decisão sobre a distribuição de recursos para a implementação de políticas públicas educacionais ou culturais e a definição das diretrizes dessas políticas públicas. De acordo com Jourdain e Naulin (2017), o controle do Estado ocorre necessariamente por meio das lutas que se desenrolam no campo político e os vencedores dessas lutas acabam vendo suas visões de mundo legitimadas. Portanto, compreendemos o interesse da ESP em suas relações com políticos profissionais e sua afinidade ideológica com setores que detêm uma posição de domínio no campo do poder, como grandes empresários e indivíduos ligados ao mercado financeiro, que possuem um grande capital econômico, bem como os próprios líderes do campo religioso, como discutido anteriormente.

Em síntese, a teoria dos campos de Pierre Bourdieu fornece uma base sólida para a compreensão da atuação da ESP no espaço social. Esse subsídio teórico-metodológico, ao definir tanto o funcionamento interno dos campos como os elementos externos de poder e dominação que os atravessam, oferece um arcabouço analítico para examinar os efeitos da associação movimentista, seus princípios e suas alianças com os neoconservadores cristãos. Cabe destacar que, além da perspectiva teórica de

Bourdieu, esta pesquisa também incorporou referências analíticas e estudos empíricos relacionados aos temas abordados, principalmente das áreas de sociologia da religião e sociologia política, cujas referências aparecem ao longo desta tese.

As fontes nesta pesquisa realizada podem ser categorizadas em quatro grupos distintos: (i) textos elaborados e disponibilizados pela ESP em seu site oficial e blog, (ii) informações provenientes de blogs, redes sociais e sites com conteúdo neoconservador, (iii) declarações públicas de Miguel Nagib e (iv) documentos oficiais e material jornalístico confiável.

Uma das principais fontes utilizadas é o site da ESP, onde estão aglutinadas todas as informações que procura veicular a seus simpatizantes. Nele, podemos encontrar: (i) uma apresentação da ESP, incluindo a definição de seus objetivos; (ii) informações sobre o seu "Programa" - que se traduz no referido projeto de lei propondo a exibição de um cartaz com os supostos deveres dos professores - seguido por um tópico chamado "faça sua parte", sugerindo ações diretas dos simpatizantes. Além disso, ao final da seção sobre o Programa, há 25 "perguntas e respostas" sobre a relevância dos projetos de lei; (iii) um conjunto de dez "perguntas e respostas" destinadas a esclarecer dúvidas frequentes sobre a associação movimentista; (iv) links para suas redes sociais ainda ativas, especificamente seus perfis no Facebook, X/Twitter e YouTube; e, por fim, (v) um link para o blog da ESP, que reúne uma coleção de artigos de opinião, depoimentos, denúncias e notícias publicadas pelo administrador do site – nome que não é informado.

O blog foi de particular interesse para a pesquisa, pois contém um número significativo de documentos contendo informações pertinentes, como simpatizantes da associação, fontes utilizadas pela ESP, temas abordados e outras informações relevantes para compreender suas estratégias de atuação, fundamentos e diretrizes ideológicas. No total, foram analisados 712 textos do blog da ESP. Os textos foram divididos em seções internas do mesmo, cada uma com um propósito específico. A tabela a seguir apresenta a quantidade de textos analisados, suas seções de origem e o período em que foram publicados no blog:

Tabela 01 – Seções e quantidade de textos analisados

Seções	Número de textos publicados	% correspondente	Período de Publicação
Artigos e Vídeos	242	33,9	2006 a 2020
Caso COC	10	1,4	2012
Corpo de Delito	69	9,7	2005 a 2020
Depoimentos	130	18,2	2004 a 2020
Doutrina da Doutrinação	5	0,7	2012 a 2015
Doutrinação pelo Mundo	19	2,6	2012 a 2014
Educação Moral e Religiosa	54	7,6	2011 a 2017
Livros Didáticos	35	4,9	2011 a 2020
Não Categorizado	42	5,9	2008 a 2020
Notícias	90	12,6	2007 a 2017
Processos Judiciais	2	0,3	2012 a 2017
Representações ao MP	7	0,9	2012 a 2020
Síndrome de Estocolmo	7	0,9	2011 a 2015
TOTAL	712	≈ 100%	-

Fonte: *Blog da ESP em 2023*.

A técnica de pesquisa utilizada para o estudo dos textos que constam no blog incorpora elementos da Análise Textual Discursiva (ATD) e da Análise de Conteúdo Categorial (ACC). A ATD consiste em uma “(...) metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas concepções sobre fenômenos e discursos” (Moraes e Galiazzi, 2016, p. 13). A ATD permite análises que incorporam contribuições tanto da Análise de Conteúdo (AC) quanto da Análise de Discurso (AD), que são abordagens estabelecidas no campo metodológico e de técnicas de pesquisa (Bardin, 1977; Orlandi, 2005).

Conforme Moraes e Galiazzi (2016), a ATD permite leitura, análise e crítica aprofundada de um conjunto de documentos, denominado *corpus*, através de um processo sistematizado de tratamento do conteúdo. Os procedimentos da ATD incluem unitarização, codificação e categorização, que podem ser construídas com base em critérios lexicais, sintáticos e/ou semânticos. Esse exercício permite a constituição de unidades de contexto e unidades de sentido com a finalidade de permitir a “(...) elaboração de textos descritivos e interpretativos, apresentando argumentos pertinentes à compreensão do pesquisador em relação aos fenômenos que investiga” (Moraes e Galiazzi, 2016, p. 72). Além disso, foi possível classificar os documentos com base em variáveis que contribuíram para uma compreensão mais aprofundada da ESP e suas concepções religiosas.

Já a ACC, segundo Sampaio e Lycarião (2021), é uma técnica de pesquisa baseada em procedimentos sistemáticos que possibilita elaborar inferências válidas sobre determinados conteúdos analisados. Os autores ressaltam que a ACC pode ser empregada tanto em uma perspectiva quantitativa quanto qualitativa. Eles a consideram uma técnica de investigação, não uma teoria científica, enfatizando sua utilidade na organização e sistematização de dados em projetos de pesquisa. No presente estudo, a ACC foi aplicada como uma técnica intermediária para auxiliar na análise e compreensão dos dados coletados.

O software MAXQDA⁵ é uma ferramenta útil para a análise de dados qualitativos e a realização de pesquisas que envolvem métodos mistos. No contexto deste estudo, o software foi empregado para analisar e discutir os dados coletados no portal oficial da ESP, bem como no seu blog, em relação ao tema específico, abordado em cada capítulo da tese. Essa abordagem metodológica permitiu uma análise mais aprofundada dos materiais coletados e a identificação de padrões e tendências relevantes relacionadas à ESP e suas concepções religiosas.

Outras fontes para a nossa pesquisa foram os perfis ainda ativos da ESP nas redes sociais: Facebook, Instagram e X/Twitter. Também analisamos as falas públicas de seu coordenador, Miguel Nagib. Ele atuou nos últimos anos concedendo entrevistas, palestras, realizando lives e participando de audiências públicas em várias cidades do país. No perfil da associação movimentista no YouTube, há o registro de algumas dessas atividades em formato de vídeo.

Por fim, foi utilizada na pesquisa fontes oficiais e jornalísticas. Assim como no caso dos dados das redes sociais, tais fontes forneceram informações importantes para o estudo da atuação da ESP. As fontes oficiais, em sua maioria, dizem respeito a documentos depositados no site do Congresso Nacional, tais como: projetos de legislativos, leis, informações de parlamentares, entre outros documentos pertinentes. As fontes jornalísticas

⁵ Produto: MAXQDA Plus 2022 Semester. Versão: MAXQDA 2022 (Release 22.7.0). Último número de série utilizado: MQSE22-EzkESM-KJEO7C-6BMkr5-Q5SN5s.

foram selecionadas a partir de sua relevância com base na confiança pública do veículo de imprensa enfocado.

Em resumo, os dados analisados se referem ao conteúdo do site da ESP, com tratamento técnico específico, cujo intento foi uma compreensão abrangente das informações encontradas. Diferentemente, mas não menos relevante, os dados das redes sociais, as falas públicas de Nagib e as fontes oficiais e jornalísticas, ainda que não explorados em sua totalidade, foram selecionados mediante a pertinência e a capacidade de absorvê-los durante o processo da pesquisa.

A tese está dividida em três capítulos. O primeiro volta-se para uma discussão conceitual e analítica do problema investigativo, fornecendo uma análise do neoconservadorismo cristão, da extrema direita no país e das crises democráticas em nível global e no contexto nacional (Lacerda, 2019; Vaggione, Machado, Lacerda, 2020). Além disso, são explorados os conceitos de pânico moral, "marxismo cultural" e "ideologia de gênero" como fundamentais para compreender o quadro político, ideológico e religioso da ESP e seus colaboradores.

No segundo capítulo, é aprofundada a trajetória da ESP ao longo do período de 2004 a 2018, investigando seus modos de ação, alianças e valores defendidos. Foi examinada a influência da associação movimentista nas eleições de 2018, destacando sua conexão com segmentos da extrema direita.

O terceiro capítulo é dedicado ao período do governo Bolsonaro (2019 a 2022). Aqui, a análise abordou as ações e os posicionamentos de tal governo em relação às pautas da ESP.

1. Escola sem Partido: neoconservadorismo, crise democrática e pânicos morais em perspectiva

No cenário contemporâneo, a intersecção entre política, religião e educação tem crescido no Brasil. Nesse contexto, a ascensão da ESP, marcada pelo caráter ideológico profundamente enraizado no neoconservadorismo cristão, como procuraremos demonstrar, gerou intensos debates acadêmicos e influenciou discussões políticas. Neste capítulo são abordadas as significativas turbulências de tal convergência, explorando a complexa dinâmica que permeia a relação entre o neoconservadorismo cristão, a crise da democracia e os pânicos morais que impulsionam a associação movimentista no Brasil.

Nesse sentido, o capítulo busca estabelecer as bases conceituais para nossa análise. Abordamos o neoconservadorismo cristão como uma corrente ideológica que se tornou um componente relevante dos debates políticos contemporâneos, influenciando o modo como pessoas, grupos e instituições lidam com questões relacionadas à moralidade sexual, valores familiares e concepções de educação. Também buscamos examinar a crise democrática que tem atingido fortemente muitos países e como o neoconservadorismo cristão se insere em tal fenômeno global. Entende-se que o neoconservadorismo cristão, que será discutido no primeiro tópico do capítulo, pode ser entendido como uma cosmovisão que defende o tradicionalismo moral e o liberalismo econômico, negando e reagindo à ideias, ações e grupos que clamam por transformações sociais.

O primeiro tópico, "O neoconservadorismo cristão e a crise da democracia no mundo", decorre da análise de modo como tal fenômeno se manifesta em diferentes partes do mundo e como impacta as estruturas democráticas. Isso nos auxilia a situar a experiência brasileira, compreendendo o papel desempenhado por essa corrente ideológica nas complexas crises democráticas que têm atingido diversos países.

O segundo tópico, "O neoconservadorismo cristão no Brasil: política, religião e a grande crise da democracia", se volta para as especificidades do caso brasileiro, traçando as raízes históricas e as dinâmicas políticas que deram origem ao neoconservadorismo cristão e à ESP no país. Exploramos como as questões religiosas se entrelaçam com a política, alimentando empreendimentos e agendas que desafiam os princípios democráticos, primordialmente a secularização do Estado e, em decorrência, das políticas públicas.

O terceiro tópico, "O neoconservadorismo conectado: 'ideologia de gênero' e 'marxismo cultural' como pânico morais", trata dos elementos integrantes do pânico moral que impulsionou a ESP no Brasil. As expressões "ideologia de gênero" e "marxismo cultural" vêm desempenhando um papel central nesse discurso, de modo que exploramos como elas são utilizadas para ofensivas contra as transformações na educação brasileira e para promover a agenda conservadora e até reacionária da associação movimentista.

Por fim, na seção "O 'perigo' da doutrinação ideológica nas escolas: o caráter transnacional do seu combate," examinamos a natureza transnacional da luta contra a suposta doutrinação ideológica nas escolas. Buscamos demonstrar como as redes sociais e as mídias digitais desempenharam um papel crucial na disseminação das preocupações dessas iniciativas, ressaltando o fato de o fenômeno não se circunscrever às fronteiras nacionais.

Nosso objetivo com este capítulo foi lançar luz sobre a interconexão entre o neoconservadorismo cristão e a Escola sem Partido, destacando as influências, estratégias e consequências de tal convergência. Esperamos, com isso, ter contribuído para uma compreensão mais abrangente da atual dinâmica política e educacional brasileira, num momento em que a democracia está sob certo escrutínio em muitas partes do mundo.

1.1. Neoconservadorismo cristão e a crise da democracia no mundo

Mais perceptíveis na última década, algumas expressões políticas radicalizadas, ao redor do mundo, vêm atraindo a atenção da comunidade acadêmica, buscando entender o porquê, em diferentes partes do globo, essa efervescência sócio-política apresenta tantos pontos em comum, ainda que em contextos tão distintos.

Alguns casos ajudam a entender as similaridades entre essas manifestações, mesmo com suas peculiaridades. Na Índia, o primeiro ministro Narendra Damodardas Modi atua desde 2014, sendo reeleito em 2019 e ocupando o cargo até o momento dessa pesquisa. Modi é conhecido por seu posicionamento anti-islâmico, contrário à minoria muçulmana no país, além de defender uma agressiva agenda nacionalista hindu, isto é, um nacionalismo de caráter religioso. Seu partido, Bharatiya Janata Party (BJP), ou “Partido do Povo Indiano”, é, na verdade, uma organização que operacionaliza o Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS), entidade paramilitar de feição fascista, cujo propósito é a construção da “pátria ou nação hindu”. Modi ganhou substantivo apoio do grande capital por ser considerado um nome apropriado para a modernização econômica do país. Seus últimos anos à frente do governo indiano mostraram a convergência da agenda autoritária e neoliberal (Santos, 2021).

Na Hungria, Viktor Mihály Orbán ficou conhecido por seus posicionamentos autoritários e a promoção de políticas persecutórias contra minorias LGBTQIA+. Premiê do país desde 2010 e no terceiro mandato consecutivo, Orbán apresenta um compêndio de iniciativas com teor discriminatório e antidemocrático, entre elas: políticas que impedem conteúdos referentes à homossexualidade em escolas e em canais televisivos dirigidos à menores de idade (Abril, 2021); mudanças na legislação para angariar maior controle das universidades, que antes dotavam de significativa autonomia (Palomo, 2021); e a condecoração de personalidades antisemitas (Schlagwein, 2020). Líder do partido Magyar Polgári Szövetség (Fidesz), ou “União Cívica Húngara”, o atual primeiro-ministro faz uso de interpretações baseadas em valores cristãos para a promoção de suas ideias, chegando

inclusive a denominar o sistema político do país por ele capitaneado como “democracia cristã” (Sbardelotto, 2019).

Há exemplos também na América Latina. Conforme apontam Biroli, Machado e Vaggione (2020), o processo de inflexão da “onda vermelha” na região, a partir de 2010, isto é, o desmantelamento de governos de centro-esquerda que se firmaram em diversos países, veio junto com o recrudescimento de visões de mundo autoritárias, antidemocráticas e marcadas pelo conservadorismo religioso. Foi o que se evidenciou no Paraguai, com a destituição de Fernando Lugo em 2012 e com as eleições, em 2016, de Pedro Pablo Kuczynski no Peru e de Sebastián Piñera, em 2010 e 2018, no Chile. Sem tocar no caso brasileiro, que trataremos posteriormente, o que ocorreu na Bolívia em 2019 é emblemático no que se refere à força de ruptura institucional provocada pela ebulição política e social com traços religiosos. Naquele país, o então presidente, Evo Morales, sofreu um golpe de Estado promovido pela aliança de milícias com grupos cristãos, em sua maioria evangélicos. O líder golpista boliviano, Fernando Camacho, transmitiu ao vivo, em redes sociais, sua entrada na sede do governo, ostentando a bandeira do país e colocando sobre ela um exemplar da Bíblia⁶ (Marques, 2019).

Não obstante, o período de Donald Trump à frente da Presidência dos Estados Unidos é, notadamente, o mais lembrado quando o tema diz respeito aos efeitos de mobilizações políticas radicais. Trump foi o 45º mandatário daquele país, eleito pelo Partido Republicano ao vencer uma disputa apertada, em 2016, contra a senadora Hilary Clinton, do Partido Democrata – vindo a governar de fevereiro de 2017 a janeiro de 2021. De perfil excêntrico, o empresário bilionário Trump deixou vasto legado de ações políticas, manifestações públicas e acenos explícitos em prol de visões de mundo discriminatórias, obscurantistas e alheiras à dignidade humana. Dentre elas, destacam-se: políticas contra a imigração, sobremaneira de refugiados muçulmanos e cidadãos latino-americanos, ações e discursos homofóbicos, transfóbicos e machistas, assim como declarações e apoios de cunho racista e

⁶ O golpe ocorrido em 2019 na Bolívia se converteu em 2020, quando, após a realização de eleições, vence Luis Arce, considerado sucessor de Evo Morales. Jeanine Áñez, que assumiu a presidência do país logo após Morales deixar o governo, foi condenada a 10 anos de prisão por tramar o golpe (O Globo, 2022).

o posicionamento anticientífico, como a negação do aquecimento global e de medidas para o controle da pandemia do COVID-19. O final de seu mandato foi bastante conturbado, uma vez que acusou de fraudulentas as eleições presidenciais de 2020, incentivando até mesmo a invasão do Capitólio – análogo ao Congresso Nacional do Brasil – por seus apoiadores, dado seu fracasso judicial em reverter o resultado eleitoral que culminou em sua derrota. Considerando que os EUA são ainda a maior potência econômica e militar do mundo, o fato de Donald Trump alcançar a Presidência significou expressiva debilitação nas relações políticas internacionais.

Nesse sentido, países ao redor do mundo apresentam situações semelhantes, como Turquia, Singapura, Mianmar e Grécia, por exemplo. Em parte desses territórios nacionais há predominância da visão cristã conservadora, assim como a deterioração de procedimentos democráticos. Isto é, há uma perspectiva ideológica que proporciona e justifica a mobilização radical, por um lado e, por outro, o recaimento dos seus efeitos na política, na sociedade, na cultura, na economia e na expressão religiosa em seus contextos nacionais. Esses dois aspectos são estudados sob distintas perspectivas teóricas. A respeito da visão cristã, alguns conceitos são mobilizados para sua compreensão, tais como: fundamentalismo religioso, tradicionalismo e neoconservadorismo. Já sobre os abalos de governos, muitos estudos se debruçam sobre a crise das democracias pelo mundo, analisando as especificidades de cada caso e, tanto quando possível, compreendendo suas correlações transnacionais.

Quanto à perspectiva ideológica, como dito, uma interpretação advém do conceito fundamentalismo religioso. De acordo com Willaime (2012), vertentes religiosas fundamentalistas tomam como base de ética os escritos sagrados de sua doutrina, fechadas a outras formas de compreensão do mundo e, não obstante, propõem a universalização de suas prerrogativas teológicas. Para Miguel (2018, p. 21) o fundamentalismo religioso “(...) se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate”. Já para Armstrong (2009), o fundamentalismo pode ser entendido como uma forma espiritual combativa, surgida em reação aos declarados inimigos, que, segundo seus adeptos, insistem em contrariar e destruir sua religião. Ainda

conforme a autora, o fundamentalismo religioso propõe uma batalha do bem contra o mal, tendo como artifício de combate o resgate de doutrinas e práticas passadas. Em outras palavras, buscam sacralizar de modo exclusivista e intolerante suas próprias ações no mundo.

Armstrong (2009), entretanto, ao discutir casos de fundamentalismo religioso nos Estados Unidos, em Israel, no Egito e no Irã, assevera que suas interpretações podem não se aplicar a outros fenômenos existentes pelo mundo. Trata-se de um conceito, ao mesmo tempo polissêmico e não generalizável, pois “(...) cada ‘fundamentalismo’ constitui uma lei em si mesmo e possui uma dinâmica própria” (Armstrong, 2009, p. 10). Há diferenças entre os fundamentalismos em diferentes países, inclusive os manifestados a partir de uma mesma religião. Apesar dessas diferenças, Armstrong (2009, p. 10) argumenta que o fundamentalismo religioso pode ser tomado como eixo interpretativo, uma vez que é inegável a sua força de mobilização, de tal modo que essa forma de religiosidade “(...) voltou a ser uma força que nenhum governo pode ignorar impunemente”.

Todavia, tal conceito parece deixar escapar aspectos das mobilizações radicais anteriormente mencionadas. Como aponta Burity (2018), ler as manifestações políticas contemporâneas a partir do conceito de fundamentalismo religioso pode ser um exercício insatisfatório, que tende a se reduzir a uma perspectiva de análise insustentável empiricamente. Dessa forma, embora algumas profícuas discussões que tocam tal tema possam ajudar na compreensão desses fenômenos recentes, nos parece que o conceito não consegue angariar êxito como única chave de leitura.

Quanto ao conceito de tradicionalismo, Teitelbaum (2020) pontifica que se trata de uma escola espiritual e filosófica de poucos adeptos pelo mundo, mas que pode revelar sinais do crescimento de radicalismo ideológico profundo. Os tradicionalistas, conforme o autor, rejeitam a modernidade, pois ela é, para eles, algo que reduz o valor da religião, enfraquece o simbólico em favor do material e dá condições de mobilização libertária e igualitarista. “Os Tradicionalistas aspiram ser tudo que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vidas transcendentais e atemporais, em vez de buscar o ‘progresso’” (Teitelbaum, 2020, p. 20).

Os tradicionalistas compreendem a história de maneira cíclica, em que determinados períodos são relegados à degeneração e à materialidade, e outros à suposta melhora da sociedade e à espiritualidade. Em tal perspectiva, no melhor período histórico para os homens, chamado de idade de ouro, haveria um governo teocrático com autoridade religiosa, e no pior período, o “sombrio”, seria regido pelo poder popular democrático ou pelo “comunismo”. O tradicionalismo também carrega elementos de devoção à Antiguidade, à masculinidade, à raça branca e ao hemisfério Norte. Isso constitui uma leitura histórica que explicaria a degenerescência da humanidade, sobremaneira pelos efeitos da democracia, do comunismo, do feminismo, da secularização e do “escurecimento da população”, conforme a migração dos povos do Sul ao Norte. “(...) O que o Tradicionalismo oferece é um relato da história e da sociedade que aborda uma vasta gama de ideais e movimentos modernos como inter-relacionados e igualmente desprezíveis” (Teitelbaum, 2020, p. 24).

O trabalho desse autor é interessante e se mostrou atual ao se basear em uma etnografia sobre atividades de importantes nomes da conjuntura política contemporânea, como Steve Bannon, que foi estrategista das campanhas e do governo de Donald Trump. A força explicativa do conceito de tradicionalismo reside no fato de que Bannon nega vários rótulos, tais como de supremacista branco, nacionalista ou neonazista, porém, ao ser confrontado com a interrogação sobre sua relação com o tradicionalismo, ele reconheceu que já teve contato com essa forma de pensamento. No entanto, como o próprio Teitelbaum (2020, p. 20) aponta, o tradicionalismo, ainda que ajude a entender o cenário global de mobilizações radicais, tende a apresentar aspectos que podem ser contraditórios em uma análise mais abrangente: “É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do islã e do Oriente em geral”. Dessa forma, o conceito de tradicionalismo, ainda que pertinente à análise pretendida, parece ser limitado em alguns aspectos, assim como o de fundamentalismo religioso.

Nesse sentido, o conceito que foi utilizado no presente estudo para a compreensão da predominância da visão cristã nas mobilizações mundiais é o de neoconservadorismo. Segundo Lacerda (2019), podemos compreender os

movimentos neoconservadores como um conjunto de agentes e ideias que pretendem conservar determinados valores da sociedade considerados inquestionáveis. Além disso, o neoconservadorismo se caracteriza pela reação enfática contra mobilizações que buscam suplantar sua cosmovisão. Para Vaggione, Machado e Biroli (2020, p. 24), “(...) ideologias e iniciativas conservadoras tendem a aparecer quando segmentos sociais minoritários que desafiam a ordem estabelecida se fortalecem a ponto de ameaçar os fundamentos ideais e materiais das instituições”.

Ao abordar a história e o conceito de neoconservadorismo, Lacerda (2019) afirma que alguns autores tratam conservadorismo e direita como sinônimos, já outros preferem uma definição mais precisa que afasta automaticamente a identificação similar entre os conceitos. Para a autora, “Conservadorismo se refere (...) à ideologia produto de uma situação de conflito entre manutenção e alteração do *status quo*”, e a “Direita, por sua vez, refere-se a um conjunto de posições substantivas mais ou menos opostas à busca crescente por igualdade (Lacerda, 2019, p. 27, grifos da autora). A diferença entre os conceitos, ainda que não absolutamente excludentes em suas matrizes, está em que o conservadorismo revela maior preocupação quanto ao plano moral e a direita política ao plano econômico. Já o neoconservadorismo, diante de suas manifestações contemporâneas, acaba por mesclar as bases do conservadorismo e da direita, pois preocupa-se com o plano moral e com a atuação governamental, minimizando ao máximo possível as políticas em prol de investimentos sociais, conforme parâmetros neoliberais.

Assim, o neoconservadorismo também pode ser entendido como expressão de uma nova direita, que combina tradicionalismo moral com liberalismo econômico. Entre os valores que defende estão: a família tradicional baseada no modelo cristão patriarcal, o anticomunismo, o militarismo e os valores de mercado. O neoconservadorismo se caracteriza pela ideia cristã de que a família, e não o Estado, é responsável pela organização da sociedade e a resolução de seus problemas, inclusive educacionais (Lacerda, 2019).

Um dos elementos fundamentais para compreender o neoconservadorismo é a chamada direita cristã⁷. Ao estudar as primeiras manifestações neoconservadoras nos Estados Unidos, Lacerda (2019) demonstra que a direita cristã é o seu “grupo cervical”. Naquele país, a direita cristã ganhou maior relevância na década de 1950, formada pela aliança entre evangélicos e a Renovação Carismática Católica (RCC)⁸. Sua atuação política ganha fôlego com incentivo de setores não religiosos da direita e penetra o debate político com pautas marcadamente anticomunistas e antifeministas, desdobrando-se em ataques contra as garantias de direitos sexuais e reprodutivos. Para os ideólogos da direita cristã, foi necessária uma reação religiosa contra o distanciamento da “América” de Deus, ao passo que a sociedade foi se tornando mais pluralista e aceitando outros modos de vida. Essa influência da direita cristã nas bases do neoconservadorismo também opera em outros países, incluindo o Brasil, como veremos adiante.

Outro aspecto marcante do neoconservadorismo é a defesa da família patriarcal, tema que possui afinidade eletiva com a direita cristã. Como o neoconservadorismo enfoca questões relativas à sexualidade e à reprodução humana, parte de sua atuação está em dissolver a força política do feminismo, visto que, para os neoconservadores, as agruras da sociedade seriam culpa das mudanças proporcionadas por esse movimento. O argumento neoconservador está em que o feminismo nega as “diferenças naturais entre os sexos”, rejeita a autoridade masculina da família e deturpa os “naturais papéis sociais e de trabalho” entre homens e mulheres. Resultaria disso uma sociedade disfuncional com problemas como: gravidez precoce, criminalidade juvenil, pobreza e dependência das famílias ao Estado. Mais uma vez, se observa o enfoque na família, comandada pelos homens, como a garantida de uma sociedade fraterna. Em reação a essas mudanças, o neoconservadorismo defende a primazia masculina nas relações afetivas, sobremaneira no domínio da relação conjugal, a discriminação autorizada pelo Estado contra pessoas

⁷ Lacerda (2019) também aponta como elementos do neoconservadorismo o sionismo - que ganhou ainda mais evidência, a partir da nova fase do conflito armado entre o grupo palestino Hamas e o governo de Israel, iniciada em 7 de outubro de 2023 - o militarismo anticomunista, o idealismo punitivo e o neoliberalismo.

⁸ Para compreender a relação entre a Renovação Carismática Católica e a política, ver: Souza; Prandi (1996) e Reis (2011).

LGBTQIA+ e um currículo escolar que proporcionasse uma formação pautada pelas suas visões de mundo. Algumas propostas para a educação seriam: oração em escolas públicas, ensino do criacionismo, eliminação de temas relativos a gênero e sexualidade, demissão de professores homossexuais, inexistência de fiscalização estatal de escolas privadas e religiosas, além do incentivo fiscal às matrículas nesses estabelecimentos (Lacerda, 2019).

Segundo Vaggione, Machado e Biroli (2020), os defensores do neoconservadorismo não se resumem apenas a religiosos, porém, estes se mostram centrais em várias disputas travadas pelos neoconservadores. O neoconservadorismo, enquanto conceito sociológico, ajuda a compreender a coalizão de grupos e agendas religiosos e não religiosos, cujo objetivo, entre muitos, é manter a ordem patriarcal e o modelo neoliberal de economia. Além do mais, o conceito permitiu a compreensão das aproximações entre valores neoconservadores cristãos com o individualismo liberal, com o antipluralismo e o neoliberalismo. Como ressalva Lacerda (2019), o neoconservadorismo tem caráter privatista, que advém de uma visão da família tradicional cristã como estrutura principal da sociedade e da defesa do livre mercado e da mínima interferência estatal na economia. Ao mesmo tempo em que há a defesa de um “Estado mínimo”, o neoconservadorismo reclama a condição de impor seu modo de vida via do Estado. Em resumo:

O neoconservadorismo é um movimento político que forjou um ideário privatista (defende o predomínio do poder privado da família e das corporações), antilibertário (a favor da interferência pública em aspectos da vida pessoal), neoliberal (contra a intervenção do Estado para a redução das desigualdades), conservador (articula-se em reação ao Estado de bem-estar, ao movimento feminista e LGBT) e de direita (se opõe a movimentos reivindicatórios que buscam maior igualdade de direitos) (Lacerda, 2019, p. 58).

Ainda para Vaggione, Machado e Biroli (2020, p. 25, grifos dos autores), “o termo neoconservadorismo tem, como outros, várias limitações; no entanto, permite caracterizar o fenômeno em sua emergência no *momento político atual, ressaltando as coalizões diversas que o sustentam em um contexto específico*”. Dessa forma, sua capacidade explicativa, conforme tais autores, pode ser apoiada em cinco dimensões: (i) “(...) o conceito de neoconservadorismo permite jogar luz sobre as alianças e afinidades entre diferentes setores” (2020, p. 28, grifos dos autores); (ii) o neoconservadorismo

procura tornar lei sua moralidade; (iii) o neoconservadorismo opera em contextos democráticos; (iv) seu caráter é transnacional; e, por fim, (v) há uma convergência entre neoconservadorismo e neoliberalismo.

É neste sentido que consideramos o conceito de neoconservadorismo um instrumento importante para a compreensão dos casos contemporâneos de mobilização radical aqui tratados. São considerados outros aspectos que não somente os valores religiosos cristãos, isto é, as questões oriundas de matrizes ideológicas diferentes, que não advém da religião, porém não escapam do conceito de neoconservadorismo, como o neoliberalismo, dada a preservação da desigualdade social que enseja.

Se podemos compreender a presença majoritária da visão cristã nas mobilizações a partir do conceito de neoconservadorismo, seus efeitos decorrentes de distintos contextos nacionais são analisados pelos estudos que versam sobre grande crise das democracias em diversos países.

Em seu livro *Ruptura: a crise da democracia liberal*, o sociólogo Manuel Castells (2018) apresenta argumentos defendendo apresentam sinais de deterioração da democracia. Mas para iniciarmos a abordagem de seu raciocínio, faz-se necessário apontar o conceito de democracia liberal, que o autor nos oferece:

(...) é isso que o modelo de democracia liberal nos propõe. A saber: respeito aos direitos básicos das pessoas e aos direitos políticos dos cidadãos, incluídas as liberdades de associação, reunião e expressão, mediante o império da lei protegida pelos tribunais; separação de poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário; eleição livre, periódica e contrastada dos que ocupam os cargos decisórios em cada um dos poderes; submissão do Estado, e de todos os seus aparelhos, àqueles que receberam a delegação do poder dos cidadãos; possibilidade de rever e atualizar a Constituição na qual se plasam os princípios das instituições democráticas. E, claro exclusão dos poderes econômicos ou ideológicos na condução dos assuntos públicos mediante sua influência oculta sobre o sistema político (Castells, 2018, p. 9).

De maneira coloquial e citando Robert Scarpit, Castells (2018, p. 09) afirma que democracia “(...) é quando batem na sua porta às cinco da manhã e você supõe que é o leiteiro”. Ainda que esta última definição pareça simples, ela representa a ideia de que foi superado, com muitas “mortes, suor e lágrimas”, o tempo em que a suposta visita matinal era protagonizada pelo suserano, pelo senhor do engenho, pelo nobre ou pelo militar subordinado ao

ditador, quase sempre com consequências danosas. A democracia liberal, nos termos das duas definições aqui apresentadas, pode significar uma ideia de liberdade ampliada e participação política, nunca experimentada, em tantas partes do globo, por um grande número de humanos que não se circunscrevem aos circuitos do poder.

Mas, como dito, para Castells (2018) este modelo de democracia liberal, que já apresentava incongruências, hoje está ainda mais precarizado. Isso pode ser observado a partir da crise que as democracias em diversos países apresentam na tentativa de responder – quando respondem – às múltiplas tensões que hoje vivenciamos, como: o problema do aquecimento global, as crises econômicas, o terrorismo, o medo e a privação da liberdade (em nome da segurança), ameaças de conflitos e guerras, patriarcalismo e violência de gênero, dentre outras. Para Castells (2018, p. 6) tal crise da democracia liberal – que hoje vivenciamos – diz respeito, principalmente, à “(...) ruptura da relação entre governantes e governados”.

Essa crise influencia na credibilidade das instituições pela fragilidade da representação política que destes espaços deveriam proporcionar, espaços esses que deveriam representar os interesses comuns da sociedade. O autor cita as experiências observadas nos últimos anos, como protestos que contestam essa ideia de representatividade e sugerem novas formas de organização política que ultrapassam os limites da democracia liberal. O ponto aqui é que não se trata apenas de manifestações progressistas, com o intuito de superar as fraquezas desta democracia, hoje preponderante no mundo, mas, sim, muitas propostas que insistem enfaticamente no seu regresso. Ainda que ele apresente experiências progressistas de contestação da democracia liberal⁹, aqui enfocamos as experiências opostas, aquelas que consideram o passado sombrio como o único futuro possível.

Para isso tomaremos principalmente como base a reflexão que o sociólogo faz sobre o caso dos Estados Unidos, mas que pode ser estendido,

⁹ Castells (2018, p. 78) trata com bastante atenção um caso da Espanha, o movimento que ficou conhecido como 15-M e que foi uma ampla mobilização social em resposta às consequências da crise de 2008. O autor afirma, em sua análise minuciosa, que “do movimento surgiram os debates que expuseram com força em toda a sociedade os valores de dignidade, de igualdade de gênero, de tolerância, de paz e, sobretudo, a possibilidade de uma vida diferente, para além da burocracia e do mercado”.

guardadas as devidas proporções e especificidades, para outros casos nacionais, como o Brasil.

Para Castells (2018), é possível observar uma crise de representação de interesses, sendo ela decorrente de constantes crises econômicas, concentração de renda e desigualdade social, em sinergia com uma crise identitária oriunda dos processos de globalização que o mundo experimentou a partir do século XX. Esta mescla de problemas produziu em diversas sociedades a ideia de que as pessoas estavam perdendo o controle de suas vidas, tanto sobre suas condições materiais de existência (por exemplo, garantia de trabalho), quanto sobre seu Estado, cultura, religião e costumes. A reação a isso é que as pessoas “refugiam-se em sua nação, em seu território, em seu deus” (Castells, 2018, p. 15). Esse sentimento produz desconfianças em relação a uma elite que parece estar à vontade com as novas mudanças, elite esta integrante da classe política, que, supostamente, deveria representar os anseios desta população amedrontada com o novo.

Neste vácuo de representação política, deixado pelos indivíduos que não mais representam, políticos profissionais se apressam a ocupar tais espaços, utilizando determinadas artimanhas muito características de uma sociedade virtualmente conectada. Explica Castells (2018) que, neste período de crise da democracia liberal, as formas de disputa pelo poder passam pela política midiática, pela produção de escândalos e pela autonomia comunicativa dos cidadãos. A fabricação de mentiras é muito eficaz neste cenário, pois tende a desacreditar pessoas que apresentam vínculos com cidadãos, ao mesmo tempo em que reforça vínculos com outros, canalizando a ira popular contra aqueles que disseram sempre representá-los, ao passo que fortalece vínculos com grupos e políticos que vendem uma imagem de *outsider* – ainda que estes sempre se mantiveram presentes e atuantes no “sistema” que afirmam se opor.

O problema, aqui, é que este jogo político ancorado em mentiras e manipulações acaba por gerar um resultado corrosivo: “o de inspirar o sentimento de desconfiança e reprovação moral sobre o conjunto dos políticos e da política, contribuindo assim para a crise de legitimidade” (Castells, 2018, p. 22). A derivante disso é que, sem instituições legitimadas para explicar a realidade e com a agitação produzida pelo emprego das técnicas de

disseminação que podemos alcunhar como pós-verdade, cada um acaba por definir o que é real a partir de seus próprios princípios. As pessoas não acreditarão naquilo que é verossímil, mas sim no que parece confortá-las.

Este conforto está intrinsecamente relacionado à busca de solução do medo que as assombra. Este medo - canalizado politicamente pelo sentimento de desconforto vivido por pessoas que não se identificam com as mudanças do mundo - pode ser o pretexto ideal para que estas mesmas pessoas aceitem o desmantelamento das conquistas inerentes à democracia liberal, em busca de proteção. Aí reside um dos efeitos mais nocivos desta lógica manipuladora e reacionária que aflige as democracias no mundo e que pode ser exemplificado em um raciocínio individualizado: 'diante das mudanças que ocorrem no mundo e que eu não compreendo, me sinto deslocado, como se a vida que sempre vivi esteja sendo contestada e já não seja mais possível de ser vivida e, contra estas mudanças, preciso buscar, a todo custo, uma salvação'. Para superar isso, as pessoas declaram um inimigo comum: tudo o que é diferente e estranho. E neste processo, julgam que todos os limites estabelecidos legalmente podem ser atropelados para o seu combate.

É assim que a crise de legitimidade democrática foi gerando um discurso do medo e uma prática política que propõe voltar ao início. Voltar ao Estado como centro da decisão, acima das oligarquias econômicas e das redes globais. Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça, como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como instituição primeira de proteção cotidiana diante de um mundo em caos. Voltar a Deus como fundamento (Castells, 2018, p. 29).

A solução, segundo o sociólogo, produzida a partir desta forma de lidar com a realidade, passa por eleger um líder ou uma causa como canalizadora para a reconstrução da sociedade, cujas instituições deslegitimadas devem ser constantemente questionadas quanto a seus intentos cosmopolitas. Deve-se rejeitar o "estado das coisas" cujo discurso passa por negar qualquer possibilidade de mudança daquilo que é tido como o correto. Esta ideia de correto, importa destacar, quase sempre está associada à defesa mista de conservadorismo de costumes com a noção de liberalismo de mercado.

Para ilustrar tal abordagem, Castells cita o caso dos Estados Unidos. Tal país mostra, em boa medida, como a contestação da democracia liberal, ao

contrário das manifestações progressistas, pode ser expressa a partir da xenofobia e do ultranacionalismo. Donald Trump exemplifica muito bem essa situação. Conforme o autor, Trump foi eleito exatamente por possuir as características que seriam execradas em qualquer lógica política que aprecie a dignidade humana. “Porque em seu discurso e em sua pessoa, transcendendo os partidos, se reconheceram milhões cujas vozes haviam sido apagadas pela “correção política” das elites cosmopolitas que haviam monopolizado a política, a cultura e a economia do país” (Castels, 2018, p. 31). Isso não significa, é claro, que o autor considera os estadunidenses, em sua grande maioria, intolerantes e até destaca que, antes de Trump, foi um negro e progressista (em termos de costumes), nos termos estritamente liberais, que presidiu o país: Barack Obama

Sinteticamente, a ascensão de Trump ao poder contou com a mobilização desse sentimento que não era mais visualizado pelas instituições democráticas, quando não recriminados por elas. Com declarações machistas, racistas e tratando a globalização como um mal no mundo, o então pré-candidato presidencial ganhou amplo espaço na mídia e encantou trabalhadores brancos que se sentiam abandonados num cenário de grandes mudanças. Sua inserção nesse extrato social, embora seja um bilionário, foi facilitada, pois o governo Obama não conseguiu reduzir, em parte, o racismo no país. Não apenas os racistas declarados viram ecoar seus anseios no discurso de Trump, mas, também, parcela da sociedade que temia as mudanças e procurava “(...) preservar seu mundo, um mundo em que certos momentos viam desaparecer” (Castells, 2018, p. 36).

Esse desejo de preservação se manifesta como uma reação ou resposta às mudanças que não são compreendidas por essa parcela da sociedade acostumada com os espaços sociais que ocupavam, supondo que outros grupos jamais iriam ocupá-los. No entanto, isso começou a mudar. Nos EUA o desenvolvimento de políticas identitárias, no sentido de angariar mais direitos e reconhecimento para grupos historicamente discriminados, começou a ganhar força entre os representantes eleitos, especialmente pela ampla mobilização destes mesmos grupos em luta por suas demandas. Segundo Castells (2018, p. 39):

De repente, os homens brancos perceberam que ninguém falava de sua identidade. E mais, que as outras identidades se definiam como contestadoras da identidade supostamente dominante: a identidade patriarcal do homem branco. Que, por ser a identidade alfa, foi superada e negada como identidade. Desse sentimento de exclusão das manifestações culturais dominantes e das categorias protegidas em termos de direitos especiais, surgiu a necessidade de uma afirmação dos esquecidos da política identitária: o homem branco. Nesse caldo de cultura floresceram grupos racistas, neonazistas e antisemitas, que haviam ficado na penumbra e viram chegar seu momento. Organizaram-se como alt-right (direita alternativa) e começaram a influir na campanha de Trump através de sua presença em meios de comunicação xenófobos com uma crescente reputação entre os nativistas americanos.

Este cenário, somado com uma oposição progressista, cometendo graves erros políticos e eleitorais, fez com que a vitória de Trump se tornasse realidade e o mundo viu emergir um autêntico xenófobo, racista e machista governando a maior potência mundial e militar, amparado por milhões de pessoas que o elegeram conforme as regras democráticas daquele país.

A crise da democracia liberal, nestes termos, é a deslegitimação das instituições e de valores relacionados à dignidade humana. É concernente ao processo de legitimação de políticos, grupos e ideias intensamente intolerantes, sob a justificativa de retorno a um passado “reconfortante”, livre de mudanças e de contato com o diferente.

Contribuição igualmente importante para a compreensão desta crise pode ser encontrada na obra de David Runciman, *Como a democracia chega ao fim*. De fato, muito do que Runciman (2018) trata em seu livro tem sintonia com a abordagem de Castells (2018), inclusive o modo como inicia sua discussão, ao afirmar que a democracia, em muitos lugares do mundo, começa a dar a impressão de que está saindo dos eixos.

Para Runciman (2018), o que vivemos hoje não é uma repaginação do fascismo e de possíveis guerras mundiais, como ocorreu no século passado. O cientista político considera que é mais interessante levar em conta que a democracia pode estar fracassando de uma maneira que desconhecemos, isto é, ele problematiza que, embora a democracia possa seguir existindo, talvez ela não cumpra mais umas de suas propriedades básicas, que seria oportunizar um espaço em que os conflitos entre distintas perspectivas políticas e sociais se enfrentem em uma eleição, cujo perdedor reconheça a derrota, e

onde aquele que está no poder não recorra à violência para se manter nele. “Noutras palavras: a democracia é a guerra civil sem o combate armado. A democracia fracassa quando as batalhas simbólicas se transformam em combates de verdade” (Runciman, 2018, p. 20). Mas, o autor alerta, por mais que não vejamos a ascensão de conflitos armados nas democracias atuais, isto não significa que a legalidade do jogo democrático esteja resguardada. Runciman (2018, p. 27) assevera que “pode parecer que a democracia está funcionando, mas a verdade é que não, porque o outro lado não está mais jogando conforme as regras”. Em face da grande crise da ordem política, que é fruto da intolerância mútua entre as partes, há, segundo o autor, o seguinte panorama: “Em vez de uma guerra civil sem combate, temos embates verbais sem guerra civil” (Runciman, 2018, p. 27).

Runciman apresenta seu argumento tratando de três grandes temas que considera importantes para compreendermos como a democracia, tal como hoje conhecemos, está sob risco. Ele aborda os conceitos de golpes de Estado e como podemos observar este fenômeno na contemporaneidade; as calamidades sofridas pelo mundo, que não são mais as mesmas que outrora; e as mudanças provocadas pelo triunfo da tecnologia da informação. Algumas dessas reflexões nos ajudam a entender a ascensão neoconservadora.

Quanto aos golpes de Estado, cabe destacar que, diferentemente do que vivenciamos nos anos 1960, o sucesso de um golpe não está em deixar claro sua ação de romper com as regras democráticas, mas sim no fato de que golpes bem-sucedidos hoje “(...) demandam que apenas o mínimo possível de pessoas saiba o que acontece” (Runciman, 2018, p. 63). Para que o poder seja mantido, “teorias da conspiração” tendem a ser criadas por aqueles que compõem o próprio governo, mesmo que este seja autoritário, e ainda que esse autoritarismo seja chamado de democracia. As teorias da conspiração contam com o objetivo de alarmar a população, com o argumento de que complôs contra o governo existem em grande quantidade. Essa estratégia gera resultados para a manutenção do poder. Ao olharmos a ascensão de políticos antidemocráticos, observamos uma miríade de teorias conspiratórias disseminadas contra seus adversários políticos, que começa antes da chegada desses grupos ao poder e se mantém após a vitória eleitoral.

Outro aspecto importante que Runciman (2018) discute diz respeito às tecnologias de informação. Considera que um descontrole destes mecanismos de comunicação social pode produzir disfuncionalidades das democracias ao redor do mundo. Os motivos são vários, tais como: uso de *fake news*, uso de *bots*¹⁰ para inflação de consensos sociais criados artificialmente e a manipulação da opinião pública, além da captação de dados pessoais a partir de redes sociais – Runciman (2018) afirma, por exemplo, que só o Facebook pode solapar o funcionamento da democracia. De fato, assim como Castells (2018), Runciman demonstra como as instituições democráticas devem ficar atentas aos efeitos nocivos que a rede mundial de computadores vem apresentando há algum tempo.

Desta forma, ambos os autores: Castells e Runciman consideram que o presente e o futuro apresentam uma série de desafios para a vigência da democracia liberal no mundo. Castells (2018) enfatiza que não existirá democracia enquanto o seu sentido estiver perdendo espaço no único lugar em que pode perdurar, qual seja, na mente dos cidadãos. Já Runciman (2018, p. 230) destaca o esvaziamento que as instituições democráticas vêm sofrendo, em consonância com o “solucionismo exagerado e pelo hiperestímulo à expressão pessoal”. As conclusões parecem confluir, seja pela abordagem crítica a respeito da deslegitimação das instituições democráticas, seja pelo enfoque na dimensão do indivíduo despolitizado, amedrontado e incitado ao ódio, algo que possui caráter explicativo do cenário atual.

Nesse sentido, observa-se que o entendimento do neoconservadorismo contribui para a compreensão das crises das democracias pelo mundo, ao passo que as análises sobre essas crises remetem a seus elementos religiosos, sobremaneira cristãos. Há uma convergência entre as abordagens, cujo elemento religioso é significativo, assim como a rejeição do novo, seja sob o manto da “modernidade”, seja a partir da estranheza do diferente. Essa negação da mudança, como bem apontado ao longo da discussão, geralmente

¹⁰ O termo *bot* é diminutivo de *robot*, e conforme Michalski e Paula (2019, p. 03), trata-se de “(...) programas de computador criados para automatizar tarefas e procedimentos repetitivos em ambiente digital, na disseminação viral de desinformação, criação e manipulação de tendências”. No âmbito das redes sociais, há a existência dos chamados *bots* sociais, que são utilizados para gerar conteúdo online e interagir com internautas. Eles podem ser classificados entre benignos e maliciosos, a depender para qual finalidade forem programados.

é fundamentada por uma visão cristã do mundo. Por isso, ainda que outros segmentos sejam importantes, como o neoliberalismo, o caráter cristão do neoconservadorismo é notadamente um de seus elementos centrais. Toda essa conjuntura revela uma marcha antidemocrática que se assenta em justificativas cristãs neoconservadoras, no intento de “recuperar” um mundo, que, na visão desses grupos, se degenera à medida em que valores, antes considerados basilares, são relativizados, tratados não mais como fundamentais.

No que se refere à relação da ascensão neoconservadora com a ESP, parece-nos importante trazer à baila o panorama descrito, pois são indicativos de que, pelo menos a partir da segunda década do século XXI, o mundo começou a sinalizar a condição para a proliferação de cosmovisões bastante compatíveis com algumas de suas preocupações mobilizadas. Não menos importante é a afirmação feita por vários autores, como Teitelbaum (2020), Lacerda (2019), Vaggione, Machado e Biroli (2020), entre outros, do estreitamento de laços entre políticos neoconservadores de diferentes países. Foi o que vimos, no caso, entre o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e Donald Trump, enquanto este estava no poder. Não se tratava apenas de uma agenda econômica, na procura de benefícios para o mercado brasileiro ou a promoção de uma relação internacional meramente burocrática, mas sim, de alinhamento ideológico muito claro, ambos com matriz cristã e autoritária. Há inclusive, fartas evidências de que estrategistas políticos neoconservadores dos dois países estabeleceram canais de comunicação em torno de uma agenda comum. Isso evidencia que o contexto para o surgimento da ESP não é exclusivamente brasileiro, o que se desdobra em possíveis relações transnacionais, como é o caso do “Com Mis Hijos No Te Metas”, *slogan* veiculado em países latino-americanos que defende proposta semelhante à associação movimentista brasileira – voltaremos a discutir esse caso posteriormente.

Dessa forma, a análise dos efeitos do neoconservadorismo cristão, com dimensão global, bem como seus efeitos na deterioração das democracias pelo mundo, é contributiva para compreensão do cenário brasileiro.

1.2. O neoconservadorismo cristão no Brasil: política, religião e a grande crise da democracia

Como já apontado a partir na obra de Marina Basso Lacerda (2019), o neoconservadorismo teve suas sementes plantadas nos Estados Unidos e uns de seus elementos mais expressivos é a direita cristã, que ganha evidência no início de 1950. A partir de 1970, segmentos evangélicos começam a influenciar a política internacional, apoiando pautas da direita nacionalista estadunidense. Mas a atuação internacional da direita cristã, que mais se destacou, foi em países latino-americanos¹¹.

As principais preocupações da direita cristã na América Latina, a partir de 1970, foi combater a Teologia da Libertação, as políticas e os governos progressistas. Os evangélicos acreditavam que suas ações constituíam uma missão bíblica de evangelização do mundo. Uma das formas de atuação nos países latino-americanos foi a transmissão de programas religiosos de rádio e TV com teor conservador. No Brasil, transmitia-se esses programas, sejam em canais abertos de televisão, sejam em rádios evangélicas, como as administradas pela National Religious Broadcasters (Assmann, 1989). Outra forma de a direita cristã disseminar conteúdo neoconservador no Brasil foi pelas editoras evangélicas. Para se ter uma ideia, já em 1960 “as editoras (...) associavam o comunismo a forças satânicas, num dualismo de guerra fria que espelhava o bem e o mal” (Lacerda, 2019, p. 38).

Como aponta Machado (2020), o contexto de mudança no campo religioso brasileiro e a aliança entre católicos e evangélicos contra a “agenda de gênero” fortaleceu o neoconservadorismo no país. Observa-se nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 2000, o crescimento de segmentos evangélicos e o declínio dos católicos, o que estimulou a ascensão política

¹¹ Além das referências já citadas, indicamos os resultados de pesquisas registrados na obra organizada por Guadalupe e Carranza (2020), além do artigo de Souza (2013), que versam sobre os efeitos dos evangélicos na política latino-americana e brasileira.

evangélica no Brasil¹² e em outros países da América Latina. A partir de 1980 e 1990, têm-se umas das etapas de fortalecimento dos evangélicos na política partidária, caracterizada pelo surgimento de legendas confessionais, a politização dos fiéis, a aliança entre atores políticos e líderes religiosos com interesses eleitorais e a indicação de lideranças religiosas em agremiações partidárias em alguns países latino-americanos. Conforme Machado (2020, p. 90), “(...) no Brasil, são notáveis a associação do Partido Social Cristão (PSC) com a Assembleia de Deus e do Republicanos (antigo Partido Republicano Brasileiro) com a Igreja Universal do Reino de Deus”.

Outra etapa fundamental para o consolidação evangélica nas disputas políticas em países da América Latina e no Brasil é a difusão de movimentos “pró-vida” e “pró-família”¹³, estratégia que era mobilizada com ênfase pelos católicos, especialmente até o final dos anos 1990. Tais movimentos surgem como reação de lideranças evangélicas, católicas e espíritas kardecistas contra as pautas de movimentos feministas e LGBTQIA+, minando mudanças na legislação que buscam garantir direitos à grupos historicamente discriminados (Machado, 2020).

Percebe-se, assim, que o fortalecimento político-evangélico na América Latina e, especialmente, no Brasil, deriva de uma preocupação desse segmento religioso com a ideia de “crise moral” que “assolava” os países em questão. Os evangélicos, que até os anos 1980, não demonstravam interesse em envolvimento político-partidário, propuseram uma radical intervenção eleitoral, fruto das “(...) mudanças na própria forma de pensar a luta contra o mal e as ‘coisas mundanas’” (Machado, 2020, p. 91). As implicações na esfera política começaram a ser observadas a partir da redemocratização, com a

¹² As transformações no campo religioso e suas implicações na política brasileira, com bases nos dados censitários do IBGE, foram discutidas cientificamente (Pierucci, 2004; 2011; Camurça, 2011; Mafra, 2013; Teixeira, 2013; Andrade, 2013; Giumbelli, 2013; Mariano, 2013; Oliveira, 2013; Souza, 2019). Até o final da redação desta tese, não haviam dados publicados sobre religião do último censo demográfico do Brasil, de 2022. A falta de dados censitários, que deveria ter ocorrido em 2020, em parte se deve a inaptidão, descaso ou estratégia do governo Bolsonaro na paralisação de levantamento de dados (Ueno, 2023; Amorim, 2023). Tal apagão pode ser lido como uma característica de governos de extrema direita, pois com a escassez de informações é possível impor mais facilmente uma interpretação da realidade que justifique seus interesses político-ideológicos.

¹³ Sobre os efeitos políticos dos movimentos “pró-vida” e “pró-família” no Brasil, ver Manduca (2021).

presença de políticos evangélicos no Congresso Nacional, o que resultou no surgimento de uma força política de caráter religioso, organizada e atuante no poder legislativo (Freston, 1993).

Prova disso é o surgimento da bancada evangélica em 1986 (Prandi e Santos, 2017) e sua oficialização como Frente Parlamentar Evangélica (FPE), em 2003 na 52ª legislatura do Congresso Nacional (Ortunes, Martinho e Chaia, 2019)¹⁴. Observou-se o fortalecimento da FPE nas 55ª, 56ª e 57ª legislaturas (que correspondem aos anos de 2015 a 2027), com crescimento de influência política e o número de seus membros. Com base no documento de maio de 2023 (Brasil, 2023), referente à instalação e posse na legislatura em vigor, a FPE conta com 220 deputados federais (42,9% do total) e 26 senadores (32,1%) como signatários. No preâmbulo do documento, afirma-se que os parlamentares representantes do segmento evangélico estão sob “a proteção de Deus”, e que formam a FPE com o objetivo de “assegurar os direitos do povo cristão e de sua representatividade junto ao parlamento e a sociedade brasileira” (Brasil, 2023). No documento são apresentadas algumas finalidades da FPE, entre as quais destacamos:

Art. 2º. A FPE tem como finalidade, em cumprimento aos termos do inciso I, do art. 54, do Código Civil Brasileiro: I) Promover a defesa e articulação política das bandeiras evangélicas junto ao Congresso Nacional; II) Promover junto à bancada que a representa seminários, mesas redondas, audiências públicas, debates, estudos, discussões sobre temas de relevância para o segmento evangélico junto a sociedade e governo. III) Acompanhar e fiscalizar os programas e as políticas públicas governamentais manifestando-se quanto aos aspectos mais importantes de sua aplicabilidade e execução para o seu segmento e representação; (...) VI) Atuar junto ao processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes nas Casas do Congresso Nacional, e atuação no Plenário da Câmara, do Senador [sic], e do Congresso Nacional segundo seus objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme Sua Palavra; (Brasil, 2023).

Observa-se o evidente interesse da FPE em influenciar a legislação brasileira a partir de sua visão de mundo, promovendo a defesa de pautas evangélicas, organizando discussões públicas com orientação religiosa e fiscalizando políticas públicas a partir de seus princípios. A própria noção,

¹⁴ A FPE já foi objeto de diversas pesquisas, o que dispensa uma discussão detalhada sobre o tema. Sobre a FPE, além das referências já citadas, recomendamos a leitura de Vital da Cunha e Lopes (2012), Dip (2019) e Oliveira Júnior (2022).

registrada em documento, de pautar o Congresso Nacional com base nos “propósitos de Deus e conforme Sua Palavra” demonstra a força do segmento evangélico e suas pretensões¹⁵.

Conforme Machado (2020), é possível afirmar que os segmentos religiosos, sobretudo evangélicos, contribuíram para a constituição de uma “nova direita” no país. Esse contexto é analisado por Miguel (2019) ao abordar a recomposição da direita no Brasil, adquirindo posições extremadas. Fala-se em recomposição, pois, ao contrário do que alguns veículos de imprensa e pesquisas acadêmicas apontaram, não foi nas Jornadas de Junho de 2013 que a extrema direita brasileira apareceu de modo mais evidente. A ideia de expressão política extremada de direita e que pretende influenciar a cultura já é estudada desde as décadas de 1980 e 1990, conforme a análise de Pierucci (2013).

Para Miguel (2018), compreender as manifestações contemporâneas da direita no Brasil passa por considerar devidamente que a prática de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), ainda que útil para evitar confrontos e acomodar interesses de boa parte da classe política, começou a mostrar sinais de fragilidade. Parte disso se deve ao fato de existirem setores que nunca aceitaram as acomodações propostas pelos petistas, uma vez que sempre desejaram assumir o poder. O Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), nesse caso, representou uma dura oposição aos governos petistas. Não obstante a direita moderada do PSDB, existiam também grupos mais extremados, compostos por defensores da ditadura militar, fundamentalistas religiosos e liberais na economia que nunca se colocaram à disposição para compor a base dos governos petistas.

A fragilidade começa a ser observada ao longo dos governos Lula e Dilma, conforme ocorria a “desidratação eleitoral” e o realinhamento de aliados dos petistas, em face das mudanças no cenário político. Parte dessa fragilidade se deve às ações da imprensa hegemônica nas críticas, muitas vezes, infundadas sobre as políticas sociais criadas e gestadas pelos governos do PT.

¹⁵ É importante assinalar que a FPE não é a única frente parlamentar religiosa com perfil neoconservador. Nas 57ª e 56ª legislaturas, firmou-se também a Frente Parlamentar Católica Apostólica Romana (FPCAR). Os dois segmentos religiosos, a depender da pauta, estabelecem alianças (Machado, 2015).

Isso motivou o PSDB a se mobilizar cada vez mais à direita, o que resultou na defesa de pautas neoconservadoras nos pleitos eleitorais de 2010 e 2014, como a oposição à descriminalização do aborto e a defesa da redução da maioria penal, por exemplo. No outro grupo contrário aos governos petistas, mais radical, dado que se constatava a perda de capital político da centro-esquerda no país, percebia-se uma lacuna que poderia ser preenchida por visões cada vez mais extremadas à direita. Isto é, “os anos petistas testemunharam, assim, dois fenômenos paralelos: o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita; e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso” (Miguel, 2018, p. 94). É nesse contexto que começa a ficar nítido o ânimo da direita extremada no Brasil.

De acordo com Miguel (2018), a parte mais extremada da direita nacional apresenta, entre seus eixos orientadores, a conjunção de grupos e visões baseados no “libertarianismo”, no “antigo anticomunismo” e no “fundamentalismo religioso”, sendo que este último trataremos mais detalhadamente¹⁶. Importa destacar que os eixos orientadores não são estanques, isto é, há grupos que podem estar atrelados aos três eixos, além de haver alianças entre os diferentes grupos que compõem as bases da direita brasileira. É o caso, por exemplo, do libertarianismo e do fundamentalismo religioso. Miguel (2018) mostra que o libertarianismo, no sentido de galvanizar influência política, se contradiz em seus princípios, uma vez que necessita do apoio de setores religiosos neoconservadores para a factível implantação de seu programa econômico. É por isso que os adeptos do libertarianismo, que deveriam defender radicalmente a liberdade individual, colocam-se contrários à descriminalização do aborto e à defesa da fiscalização do Estado em questões relativas à liberdade de expressão, como faz a própria ESP. Isso tudo para

¹⁶ Vale apontar breves considerações sobre os outros dois eixos, isto é, o libertarianismo e o antigo anticomunismo. Em síntese, o libertarianismo, que tem como um de seus maiores representantes no país o Movimento Brasil Livre (MBL), defende a ideia de “Estado mínimo” e que a sociedade deve ser radicalmente organizada a partir dos mecanismos de mercado, mesmo que essa organização produza desigualdades abissais, o que para Miguel demonstra uma perspectiva neofeudalista. Já o antigo anticomunismo é uma reciclagem do discurso anticomunista da primeira metade do século XX e que agora é pulverizado a partir do uso das mídias digitais e redes sociais. O anticomunismo propagado agora busca fazer uma sobreposição ao antipetismo, agindo para demonizar ideias, candidatos, políticos e intelectuais de esquerda (Miguel, 2019).

estabelecer uma estratégica de aliança com religiosos que possuem maior influência sob setores populares.

Por mais que nesse trabalho seja mobilizado o conceito de neoconservadorismo e não o de fundamentalismo religioso, a definição de Miguel (2019, p. 102) sobre fundamentalismo, que “(...) se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate”, ajuda a compreender a forma pela qual os setores religiosos brasileiros procuram influenciar a política nacional. Para o autor, a base cristã da direita brasileira é muito presente, tanto no Congresso Nacional quanto em outros espaços – como as redes sociais – e atua na oposição à garantia de direitos que possam contrariar suas percepções de mundo. Além disso, os líderes religiosos, ocupantes ou não de cargos eletivos, atuam no sentido de imunizar o rebanho de fiéis contra discursos considerados “anticristãos”, a partir das pregações no altar ou nos programas de rádio e televisão espalhados pelo país. A força política também é notada quando se estabelece uma base popular sólida e que pode servir como barganha em eleições, o que, para Miguel (2019, p. 103), consolida os líderes religiosos como “novos coronéis da política brasileira”.

Além dos outros acontecimentos já listados, especialmente a constituição de frentes parlamentares religiosas, outros episódios mostram a força política dos setores religiosos em disputas eleitorais e seus efeitos nos governos do PT. Miguel (2019) cita a eleição municipal de 2016, quando o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro dom Orani Tempesta apoiou, ainda que discretamente, o candidato evangélico e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella, do então Partido Republicano Brasileiro (PRB) – hoje Republicanos. A aliança, naquele momento, se justificava pela ameaça que católicos e evangélicos neoconservadores viam diante de uma possível vitória de Marcelo Freixo, então candidato do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Outro exemplo listado pelo autor foi a estratégia do PT de se aproximar dos evangélicos a fim de garantir estabilidade no governo. Mesmo que a influência religiosa não fosse uma novidade, dada a histórica influência católica na política, os petistas buscaram firmar aliança com demais organizações

religiosas, o que se desdobrou no apoio da Igreja Universal em certos períodos de seus governos.

Esse apoio religioso para os governos de centro-esquerda, no entanto, era assentado de modo frágil, o que possibilitou a pressão de líderes religiosos neoconservadores para que os governos petistas minorassem a agenda progressista, em especial a atrelada aos direitos sexuais e de gênero. Ademais, a estratégia do PT em galgar apoio religioso não conseguiu abranger todos os grupos cristãos, estes que se mantiveram na oposição e paulatinamente aumentaram suas críticas aos governos petistas. Assim, observava-se, cada vez mais, o êxito das ações da direita no Brasil, tanto no controle dos interesses sociais e nos debates públicos, quanto na produção da paralisia governamental de políticas que desagradavam setores do neoconservadorismo cristão.

(...) a direita extremada, em suas diferentes vertentes, contribuiu para redefinir os termos do debate público no Brasil, destruindo consensos que pareciam assentados desde o final da ditadura militar. Ainda que aparecessem vozes dissidentes e que os compromissos muitas vezes fossem de fachada, o discurso político aceitável incluía a democracia, o respeito aos direitos humanos e o combate à desigualdade social. De maneira mais geral, a partir da Constituição de 1988, a disputa política no Brasil ocorria num terreno marcado pelo discurso dos direitos, que se tornara amplamente hegemônico. A mobilização da direita rompeu com isso. (Miguel, 2019, p. 107).

Paralelamente às ações de grupos religiosos neoconservadores na política brasileira, outros setores da direita vinham consolidando espaço no debate público e, por conseguinte, enfraquecendo a centro-esquerda e a esquerda. Agrupamentos direitistas - mobilizados através de atividades culturais, movimentos políticos, instituições educacionais e a mídia hegemônica, além do uso da internet - alicerçaram por anos as condições para a inculcação de seus ideais na sociedade. Essas iniciativas remontam à década de 1980 e foram ocupando espaço e se modernizando, com o passar dos anos. Para Casimiro (2018; 2020), tal atuação política foi organizada por entidades que defendem interesses empresariais, como: o Instituto Liberal (IL), o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), o Fórum da Liberdade, o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, o Instituto Liberdade, o Instituto Millenium (Imil), o Instituto Von Mises Brasil (IMB), o grupo Estudantes Pela Liberdade (EPL) e o Movimento Brasil Livre (MBL), sendo estes dois últimos conectados diretamente com a

ESP. Casimiro, que analisou o processo de formação da “nova direita” brasileira, afirma que todas as ações políticas e ideológicas orquestradas pelos grupos supracitados permite constatar a formação de um verdadeiro partido, não no sentido de uma legenda, mas sim na solidificação de um grupo que busca a dominação social.

A ocupação do governo federal pelo PT, entre 2003 a 2016, aliada ao fortalecimento da direita no Brasil, permitiu que parcela da sociedade descontente com as políticas sociais vigentes – relativamente modestas, cabe ponderar – iniciasse uma verdadeira cruzada contra os pilares da democracia. Nesse cenário, começam a surgir discursos antidemocráticos que questionavam, desde a legitimidade do voto da população mais pobre até os resultados das urnas, como resposta ao descontentamento de determinados setores incrédulos com a permanência petista no poder¹⁷. O discurso da corrupção, veiculado diuturnamente na imprensa tradicional e na internet, além da mobilização de setores públicos, por meio de processos judiciais e investigações políticas, foi usado para enfraquecer as gestões petistas. O objetivo era estigmatizar o PT e, por consequência, a esquerda brasileira, tornando todo grupo, pessoa ou partido atrelado a esses ideais como a encarnação do mal (Miguel, 2019).

Nesse sentido, em 2015, começaram a surgir grandes manifestações que clamavam pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em seu segundo mandato. Assim, em dezembro de 2015, Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados e então membro da igreja Sara Nossa Terra (depois Assembleia de Deus), abriu o processo de impedimento contra a mandatária. Passados alguns meses, em agosto de 2016, consolida-se o processo, retirando a então presidenta de seu cargo. Não cabe aqui uma discussão detalhada de todo o processo de impeachment, uma vez que o tema já foi abordado em outros estudos e não é o enfoque deste trabalho, mas importa destacar que a justificativa usada no processo foi amplamente criticada por

¹⁷ Nesse mesmo contexto, ganha espaço o discurso da meritocracia como crítica aos programas sociais, que “estariam produzindo uma sociedade preguiçosa”, além do incentivo ao “empreendedorismo”, o que demonstra o declínio da influência da Teologia da Libertação e, de modo diametralmente oposto, o efeito da difusão da Teologia da Prosperidade no país (Miguel, 2019; Pena e Zientarski, 2022).

pesquisas da área do direito, como se observa nos trabalhos contidos na obra organizada por Proner, Cittadino, Tenenbaum e Ramos Filho (2016). Tanto a insuficiência nos argumentos jurídicos mobilizados, quanto o percurso político e social analisado por pesquisadores das ciências humanas, permitem compreender o processo de impeachment de Dilma Rousseff como um golpe parlamentar, nos termos de Miguel (2019). A pesquisa de Prandi e Carneiro (2018), ao evidenciar que deputados evangélicos votaram a abertura do processo de impeachment mais ancorados em visões religiosas do que em valores democráticos ou em teses jurídicas, também consubstancia a ideia de sobre o ocorrido em 2016.

De fato, o golpe de 2016 marcou a história política do país e assinalou sua grande crise democrática. Outro acontecimento que justifica a tese do colapso da democracia liberal brasileira foi a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2018, como desdobramento das ações da Operação Lava Jato. Naquele ano, na eminência das eleições presidenciais, a crise da democracia brasileira permitiu o surgimento de uma atmosfera favorável à retirada da disputa eleitoral do candidato que ocupava o primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto.

No campo da direita, o PSDB, que esperava ganhar espaço com a liquefação do PT e da esquerda, acabou por ser suplantado pelos setores da extrema direita. Exemplo disso foi o desempenho pífio de Geraldo Alckmin no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, mesmo com uma grande estrutura a seu favor. O PSDB também perdeu considerável poder no Congresso Nacional naquele pleito, dado o baixo número de deputados eleitos. Com um contexto de enfraquecimento político, restava ao PSDB e à direita moderada decidir o seu futuro, e estes optaram pela aliança com os setores da extrema direita e a defesa da candidatura de Jair Bolsonaro, eleito presidente da República pelo Partido Social Liberal (PSL). “Entre aceitar que o campo popular voltasse a ser incluído como interlocutor político legítimo ou jogar o Brasil no caminho da barbárie, a classe dominante não titubeou” (Miguel, 2019, p. 116). O Governo Bolsonaro será abordado de modo detalhado no capítulo 3.

Além das reflexões aqui trazidas, em especial a de Luis Felipe Miguel, outros trabalhos buscam compreender a crise democrática brasileira e podem

oportunizar perspectivas não contempladas nesse momento (para citar alguns: Jinkins, Doria e Cleto, 2016; Souza, 2016; Souza e Valim, 2018; Mascaro, 2018). No entanto, parece razoável afirmar que a formação de um cenário favorável à propagação dos ideais da nova direita brasileira, em consonância com o enfraquecimento da democracia, surgiu também graças à mobilização e o engajamento político dos setores neoconservadores cristãos. Foi nesse percurso que a extrema direita, de modo geral, e o neoconservadorismo cristão, em particular, se consolidaram como forças políticas no país. Mostrou-se patente sua participação na erosão da democracia brasileira, que se justifica pela estratégia da extrema direita, em nível global e local, ao procurar enfraquecer mecanismos democráticos para permitir mais facilmente o estabelecimento do seu projeto de poder.

Nesse sentido, mesmo que a ESP procure afirmar sua neutralidade política (Guidotti, 2020) ou a não associação a uma religião específica (Souza, 2019), as fontes analisadas nesta pesquisa demonstram sua relação com pautas da extrema direita e com o neoconservadorismo cristão. Vejamos alguns exemplos disso.

Primeiramente, destaca-se o interesse da ESP em passar a impressão de neutralidade política. Isso se revela em uma das “perguntas e respostas” que consta de seu site. Ao atribuir a questão “O ESP é de direita? ”, há a seguinte resposta:

O ESP não defende e não promove nenhum tópico da agenda liberal, conservadora ou tradicionalista. Logo, não é de direita.

Mas isso não impede que professores e estudantes de esquerda nos apliquem esse rótulo, com o objetivo de desqualificar o nosso trabalho. Fazem isso porque reconhecem que é a esquerda a única responsável pela instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos; e, como nos opomos a essa prática, somos vistos como adversários ideológicos.

Ou seja: se combatemos uma prática da esquerda, temos de ser “de direita”. É assim que eles raciocinam. (ESP, 2023).

Sobre a afirmação de não promoção de uma agenda liberal, Penna (2017) afirma que Miguel Nagib foi articulista do Imil e chegou a publicar no site do Instituto um artigo intitulado “Por uma escola que promova os valores do Millenium”, que logo foi retirado do ar pelo impacto negativo que aparentava causar para a ESP. Mesmo que Nagib tente desvencilhar suas convicções

peçoais das pautas da associação movimentista, não há como ignorar sua relação com um dos maiores institutos de propagação de ideias liberais no país. Quanto às agendas conservadora ou tradicionalista, a análise das redes da ESP produzida por Lima e Hypolito (2020) mostra sua proximidade com institutos, políticos, influenciadores, partidos, jornalistas e “ativistas” com perfil neoconservador cristão. Ademais, Nagib apresenta relações familiares com deputados de extrema direita: é cunhado da deputada federal Bia Kicis, do Partido Liberal (PL), notória parlamentar bolsonarista e defensora de pautas neoconservadoras.

Outras evidências que denotam a vinculação político-ideológica da ESP é o conteúdo reproduzido em seu blog. Dos 712 textos analisados, 23 deles (3,2% do total) são oriundos de portais neoconservadores, que podem ser classificados como: cristãos, ultraliberais ou conservadores, este último não caracterizado necessariamente por uma visão cristã ou ultraliberal, congregando as duas primeiras classificações de maneira fluída. As informações apresentadas no quadro abaixo denotam o conteúdo que a ESP pretendia veicular em seus canais de comunicação.

Quadro 01 – Textos oriundos de sites conservadores, cristãos ou ultraliberais reproduzidos no blog da ESP

Data	Título	Autor	Origem da Publicação	Perfil
2020	Em 1964, ex-deputada Sandra Cavalcanti já alertava contra a picaretagem do método Paulo Freire	Oliver	Senso Incomum	Conservador
2020	Arquiteta conta o que viu e viveu como aluna de uma universidade federal	Anônimo	Instituto Liberal	Ultraliberal
2014	Pedagogia do opressor	Sol Stern	City Journal	Conservador
2014	Pais católicos reagem!	Klauber Cristofen Pires	Libertatum	Conservador
2014	Livro Infantil Promove Satanismo	Foco Cristão	Foco Cristão	Cristão
2014	Universidade sem ideologia	Leonardo Correa	Instituto Liberal	Ultraliberal
2013	Livro didático: ferramenta para a revolução socialista	Orley José da Silva	Mídia sem Máscara	Conservador
2013	Fique de olho nesse livrinho. A escola do seu filho poderá adotá-lo	Sandro Guidalli	Portal Fé em Jesus	Cristão
2012	Pai é preso depois de protestar contra livro gay	WND Staff	WorldNetDaily (WND)	Conservador
2012	O catecismo do bom socialista	Não Encontrado	Fundación Faes	Conservador
2012	A aula como instrumento de doutrinação ideológica	Felipe Azevedo Melo	Blog UnB Conservadora	Conservador
2012	Abade do Mosteiro de São Bento denuncia uso do sistema de ensino para a difusão de	Instituto Plinio Corrêa de	Instituto Plinio Corrêa de Oliveira -	Cristão

	valores contrários à família	Oliveira	IPCO	
2012	Vaticano diz para a ONU: todos os pais têm o direito de dar educação escolar para os filhos em casa	Ben Jonhson	LifeSiteNews	Cristão
2012	Pesquisa revela pressão política generalizada em sala	American Council of Trustees and Alumni (ACTA)	Students for Academic Freedom	Ultraliberal
2012	Lavagem cerebral	Ben Shapiro	Front Page Mag	Conservador
2012	Reforma do Pensamento	Alan Charles Kors	Reason: Free Minds and Free Markets	Ultraliberal
2011	Lavagem cerebral na sala de aula	Thomas Sowell	Mídia sem Máscara	Conservador
2011	História distorcida	Thomas Sowell	Mídia sem Máscara	Conservador
2011	Educação e consciência - Entrevista com o filósofo Olavo de Carvalho	Olavo de Carvalho	Olavo de Carvalho – Website Oficial	Conservador
2011	Guia politicamente incorreto da História do Brasil	Leandro Narloch	Mídia sem Máscara	Conservador
2011	As libélulas da USP	Felix Maier	Olavo de Carvalho – Website Oficial	Conservador
2011	Método Paulo Freire, ou Método Laubach?	David Gueiros Vieira	Mídia sem Máscara	Conservador
2011	Profetas desastrados	Dom Aloísio Roque Oppermann	CNBB	Cristão

Fonte: Blog da ESP em 2023

Vale explorar as especificidades de alguns dos sites cristãos e conservadores divulgados no blog da ESP, que somam ao todo 18 publicações.

Entre as referências cristãs, encontramos: Portal Fé em Jesus, Foco Cristão, LifeSiteNews, e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO). Não foi possível acessar os sites do Portal Fé em Jesus e Foco Cristão. No caso do primeiro não há indicação do seu endereço na internet e quanto ao segundo consta que foi arquivado ou banido do sistema WordPress por violar os termos de serviço. No entanto, as publicações se referiam a livros prescritos para serem utilizados em escolas. Para o autor do texto de 2013, publicado no Portal Fé em Jesus, o livro *Aparelho Sexual & Cia, Um guia inusitado para crianças descoladas* (Companhia das Letras, 2007) iria exaltar o “gayzismo”, o “bissexualismo” e o “homossexualismo” ao ilustrar uma família gay – o autor insere a palavra família entre aspas, em sentido depreciativo (Guidalli, 2013). Já a publicação do Foco Cristão, de 2014, se refere ao livro *A Máquina de Brincar* (Bertrand Brasil, 2005) que seria distribuído pelo governo estadual de São Paulo e que “promoveria o satanismo”:

O livro infantil, em questão, faz um verdadeiro culto à Satanás, uma invocação simpática e direta ao Diabo e, ao mesmo tempo, debocha de Deus, cultiva o Mal e menospreza o Bem. Corrupção de menores? A Bíblia não pode nas escolas, mas a veneração ao Diabo pode? (ESP, 2014a).

As outras duas referências cristãs, ainda online, permitiram a exploração de maiores informações. O portal LifeSiteNews é uma iniciativa ultraconservadora católica, existente desde 1997, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, com o objetivo principal de combater as políticas em prol da interrupção da gravidez. Em 2021, seus perfis nas redes sociais Facebook e YouTube foram banidos sob acusação de disseminar informações enganosas a respeito da pandemia do SARS-CoV-2 (COVID-19). A publicação reproduzida pela ESP, de 2012, se referia à fala de um representante do Vaticano em defesa da educação domiciliar. Conforme o texto:

Um crescente número de pais opta por educar seus filhos em casa por causa da péssima qualidade das escolas disponíveis, **ou porque as escolas cada vez mais promovem valores que estão em conflito com a moralidade cristã tradicional.** (Jonhson, 2012, grifos do original).

Em seguimento, o IPCO é uma associação fundada em 2006 por discípulos do líder católico de mesmo nome¹⁸. Entre as suas finalidades, consta “dar continuidade a seu vasto trabalho de mobilização da sociedade civil com vistas a preservar os pilares básicos da “civilização cristã”, ameaçados pela “Revolução anti-cristã” (IPCO, 2023). A publicação que a ESP endossa tratava de uma “denúncia” do abade do Mosteiro São Bento, de São Paulo, sobre “uso do sistema de ensino para a difusão de valores contrários à família” (ESP, 2012f). Em uma palestra proferida pelo abade, cujo tema era o risco que os sistemas de ensino podem gerar para a educação dos filhos, há a argumentação de que o sistema educacional sofre um processo de decadência:

A primeira semente dessa decadência começou a brotar já na Renascença, com a perda da sadia autonomia das universidades, dando lugar a um controle cada vez maior por parte do Estado, sobretudo dos príncipes influenciados pelo protestantismo nascente.

¹⁸ Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995) é uma figura central do catolicismo conservador do século XX. Foi influenciado pela visão do catolicismo ultramontano e pelo integrismo católico, duas perspectivas reacionárias em relação às mudanças e valores da modernidade. Oliveira também foi fundador, em 1960, da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), uma entidade católica marcada pelo combate a ideias marxistas e busca do “restabelecimento da civilização cristã” (Zanotto, 2001).

Esse processo chegou até nossos dias, em que o Estado suplantou a proeminência da Igreja no ensino e passou a controlar tiranicamente as instituições, impondo-lhes seu viés marxista e imoral. (...) Hoje a “formação de valores” está às avessas: os valores passados são princípios opostos à doutrina católica. As instituições de ensino quiseram “libertar-se” dos dogmas, dos “tabus” e da sã doutrina, dando lugar a um liberalismo exacerbado e a uma contestação sistemática de tudo o que nos legou a civilização cristã. (...) No ensino de História, são simplesmente descartados os livros que não repitam a ladainha de imprecizações à Igreja como instituição opressora, e que não pintem um quadro negro da Idade Média e da civilização cristã (ESP, 2012f).

Por fim, o portal Libertatum: Vida, Propriedade e Liberdade é uma referência neoconservadora apreciada pela ESP. O conteúdo veiculado no site, ao estilo de um blog, trata de pautas neoconservadoras. Intitulada “Pais católicos reagem!”, a publicação de 2014, reproduzida no blog da associação, trata de uma carta de pais católicos endereçada a dom Alberto Taveira Corrêa, então arcebispo de Belém. O conteúdo dela dizia respeito ao que os pais chamaram de “inovações metodológicas e curriculares”, ensinadas em escolas católicas, que estaria aviltando a devoção religiosa com temas anticristãos (Pires, 2014).

A análise de alguns trechos de depoimentos veiculados no blog auxilia a compreender como os anseios da ESP são atrelados à agenda neoconservadora. Vejamos:

Sou estudante do curso de Licenciatura em Geografia de uma Universidade Pública do interior do Paraná. Sou cristão, conservador e de direita, sofro ataques constantemente por pensar diferente dos meus colegas e professores encéfalos radicais de esquerda. Os cursos de licenciatura só formam doutrinadores de esquerda. Qualquer um que pensa diferente deles é visto como inimigo. A qualidade do ensino está cada vez pior por conta desses professores doutrinadores que abdicam da aplicação do conteúdo para impor suas ideologias. Tudo conspira para que eu desista do curso, mas não vou desistir, pois nós jovens de direita conservadores, precisamos tomar os espaços públicos que são nossos por direito. Luto por uma educação livre e imparcial, voltada a aplicação do conteúdo, que apresente as variadas correntes ideológicas deixando com que os alunos formem a sua opinião (ESP, 2020a).

Admito sem vergonha alguma minha orientação como cidadão. Sou cristão, conservador, hétero, a favor do porte de armas e eleitor de Jair Bolsonaro. Minha família compartilha das mesmas ideias sem qualquer imposição de minha parte. Minhas três filhas engajaram na campanha dele por acreditar que os valores, os bons princípios e a educação são a chave para a sociedade prospera. Após elas manifestarem o seu posicionamento político passaram a ser vistas com desconfiança [sic] mas sem discriminação (ESP, 2019).

As citações advêm de artigos da seção Depoimentos que a ESP publicou em seu blog, cujo objetivo era divulgar “(...) depoimentos de estudantes que tiveram ou ainda têm de aturar a militância político-partidária ou ideológica de seus professores”, além de “(...) mostrar aos professores que porventura se reconheçam em tais depoimentos o grande erro que vêm cometendo ao tentar fazer de seus alunos futuros ‘agentes de transformação social’, a serviço desse ou daquele partido ou ideologia” (ESP, 2023). Ao total, são 130 depoimentos publicados entre 2004 a 2020. Os textos são oriundos de submissões de pessoas interessadas em relatar suas experiências de modo anônimo ou não, além de relatos extraídos de: redes sociais; da imprensa; de livros, como um trecho do *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (LeYa, 2009), do jornalista Leandro Narloch, vinculado a grupos de direita (ESP, 2012a); de sites conservadores, como o Blog UnB Conservadora (Melo, 2012); e de sites liberais, como o portal do Instituto Liberal (ESP, 2020b).

Percebe-se um teor dos depoimentos sempre relegando à militância político-partidária de docentes, a ação de setores progressistas ou de esquerda. Há também a afirmação de alguns valores vinculados ao neoconservadorismo e relacionados a pautas da extrema direita como justificativa para a denúncia contra professores, escolas ou universidades. O intuito da ESP é produzir um discurso que visa vitimizar pessoas identificadas com valores cristãos ou neoconservadores. Outros depoimentos também seguem essa mesma linha (Simão, 2020a; 2020b; ESP, 2020c; 2020d).

Além dos depoimentos, as menções ao conservadorismo também marcam a relação da ESP com pautas neoconservadoras:

Apresento aqui um livro escolar com alguns flagrantes de doutrinação ideológica – Todos os leitores podem ajudar me enviando o material dos seus filhos para serem publicados aqui, no site do Escola sem Partido e em todos os blogs liberal-conservadores que se dispuserem a ajudar. (Pires, 2012).

Não é preciso ser um gênio para perceber que o capitalismo tem sido muito mais bem sucedido na prática do que o socialismo, ou que os valores judaico-cristãos promovem uma sociedade melhor do que qualquer outro conjunto de valores. Em uma discussão aberta, os conservadores geralmente ganham. (ESP, 2012b).

A primeira citação é de Klauber Cristofen Pires, que, além do texto referenciado, conta com outros seis textos no blog da ESP. Não menos

importante do que o descrito no trecho é a vinculação de Pires como autor no site do Instituto Rothbard, entidade que se denomina como “(...) o epicentro de disseminação da Escola Austríaca de economia e do libertarianismo” (Instituto Rothbard, 2023). No trecho em questão, Pires apresenta, de modo transparente, o intento de atrelar a ESP a iniciativas liberais e conservadoras na defesa de suas agendas. A segunda citação se refere a um trecho da entrevista de Ben Shapiro, autor do livro *Brainwashed: How Universities Indoctrinate Americas Youth*, de 2004, que faz uma defesa do liberalismo e dos valores cristãos como pilares da sociedade.

Para demonstrar a associação da ESP com valores e pautas neoconservadoras cristãs também apresentamos um trecho da entrevista concedida por Nagib ao canal do YouTube *Dois Dedos de Teologia*, cujo título é “Miguel Nagib responde os cristãos sobre o Escola sem Partido”:

Eu desafio qualquer pessoa a provar que o Escola sem Partido não é 100% sem partido. O projeto não puxa sardinha para nenhuma brasa política, ideológica ou partidária. Ele estabelece rigorosamente o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado.

(...) Nesse ponto eu falo como cristão. Acontece que a ordem natural está do lado dos conservadores. É por isso que os conservadores não têm que ter medo do Escola sem Partido, porque a ordem natural está do nosso lado. Nós não temos medo da verdade. Nós não queremos a mentira dentro da sala de aula. Nós queremos o pensamento crítico, nós queremos saber como as coisas são, e como elas aconteceram, ninguém aqui quer ser enganado. [...] Nós queremos a verdade, e o cristão não pode ter medo da verdade.

(...) Sabe quem é que acha que o projeto vai resolver o problema da educação? Os nossos adversários. Toda a esquerda está unida contra o Projeto Escola sem Partido. Por que? Porque eles sabem que vai funcionar. O que me dá certeza absoluta que o projeto vai funcionar é a reação da esquerda, é a reação dos sindicatos de professores, do PCdoB, do PSOL. É isso que me dá certeza que nós achamos a cura para o câncer da doutrinação (Miguel..., 2017).

Primeiramente, é interessante notar que não houve, por parte de Nagib, o mesmo empenho, cristalizado em um vídeo para esse fim, em responder adeptos das religiões afro-brasileiras, ateus e agnósticos, espíritas ou outras ramificações religiosas. No primeiro momento da entrevista, ele usa a tática de afirmar a neutralidade da ESP, no entanto, ao longo de pouco mais de 12 minutos de fala, o coordenador da associação movimentista se declara cristão e afirma que a “ordem natural” está do lado dos conservadores, numa precisa demonstração de que há uma orientação ideológica neoconservadora para a

interpretação da realidade social. É plausível que Miguel Nagib não compreenda ser impossível desatar suas visões políticas, religiosas ou ideológicas das pautas que defende em nome da ESP, por mais que muitas vezes ele queira fazer essa separação para evitar críticas. Ao final, ele define seus adversários como a esquerda, em um movimento argumentativo que o coloca do outro lado do espectro ideológico, evidentemente, a direita¹⁹.

Além das evidências já analisadas, é possível identificar a vinculação da ESP com críticas aos governos petistas, especialmente no contexto da crise da democracia nacional. Com base em uma análise lexical simplificada no blog, encontramos 280 menções ao PT em 128 documentos, 277 menções a Lula em 88 documentos e 67 menções a Dilma em 38 documentos. Vale ressaltar que também ocorreram menções a outros políticos associados ao partido e aos governos petistas. Um exemplo notável é o uso da frase “A pior ameaça que nós vamos viver é o Escola sem Partido”, do ex-ministro da Casa Civil (durante o primeiro Governo Lula) e ex-presidente do PT, José Dirceu, a fim de destacar a relevância da ESP na luta contra setores progressistas e de esquerda.

O conteúdo das menções da ESP sobre os governos petistas e seus representantes políticos sempre carrega um teor pesadamente crítico, baseado nos princípios do ativismo político, acusando o partido e o governo de instrumentalizar a educação brasileira para seus propósitos, enfraquecendo, assim, a religião cristã, os valores neoconservadores e a direita. O quadro a seguir apresenta uma pequena seleção de textos com os títulos mais sensacionalistas, como ilustração:

Quadro 02 – Amostra de textos publicados no blog da ESP, que versam sobre o PT e seus governos

Publicação	Título	Referência
2015	Programa Escola Sem Partido: por que o PT e o Sindicato dos Professores são contra	ESP, 2015
2012	A que ponto chegou o domínio do PT sobre as escolas!	ESP, 2012c
2012	Livros aprovados pelo MEC criticam FHC e elogiam Lula	ESP, 2012d
2012	Cartilha de militante petista é adotada em escolas públicas do Distrito Federal	ESP, 2012e
2012	O projeto petista de hegemonia política na educação: um elefante que as oposições não conseguem ver	Lamounier, 2012
2012	Guerra do petismo contra os valores da família	Azevedo, 2012

¹⁹ A fim de ilustração, no perfil da ESP do Instagram há uma publicação de abril de 2023 sugerindo que a ação de movimentos de direita sem a presença da ESP seria o mesmo que “enxugar gelo” (@escolasempartidooficial, 2023).

2011	Haddad é o responsável pelo desastre moral e intelectual na UnB	ESP, 2011
------	---	-----------

Fonte: **Blog da ESP em 2023.**

Todas as evidências aqui abordadas contribuem para a compreensão das relações entre a ESP e os setores neoconservadores cristãos. No que se refere à associação movimentista, é crucial ressaltar que sua trajetória está intrinsecamente ligada ao percurso da extrema direita e do neoconservadorismo cristão no Brasil. Pode-se afirmar que a ESP, ao mesmo tempo em que teve seu crescimento devido aos efeitos da efervescência política, também se tornou um fator catalisador das agendas defendidas pelos dois segmentos anteriormente mencionados. Dessa maneira, a discussão acerca das vertentes de direita, do neoconservadorismo cristão e da crise da democracia brasileira auxilia na compreensão do percurso que a ESP percorreu.

1.3. O neoconservadorismo conectado: “ideologia de gênero” e marxismo cultural como pânicos morais

Abordamos, nos dois tópicos anteriores, a consolidação do neoconservadorismo cristão no mundo e no Brasil. A trajetória da extrema direita internacional e nacional demonstra como a ESP pode ser compreendida em um caminho delineado por visões de mundo religiosas, que passaram a exercer influência política cada vez maior. Além das estratégias previamente discutidas sobre esse espectro político, ideológico e religioso, é importante também atentar aos modos pelos quais a extrema direita se apropria dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação.

Uma relevante referência para entender o “neoconservadorismo conectado” é o trabalho de Miskolci (2021). Para o autor, foi a partir das Jornadas de Junho de 2013 que as redes sociais se tornam um terreno de disputas políticas e um instrumento de formação da opinião pública. Tais redes, não apenas apresentam um suporte técnico que facilita o embate político, mas seu uso resulta em mudanças culturais de produção, consumo e disseminação de informação. O cenário da disputa política e ideológica, potencializado pelas

mídias e redes digitais, é abraçado por setores neoconservadores (Miskolci; Baliero, 2018).

Levando em conta as críticas quanto ao determinismo tecnológico, não se pode tomar as redes digitais como totalmente benéficas ou maléficas, mas sim, ter em vista que elas reconfiguram e impulsionam tensões políticas que antecedem o seu surgimento. Portanto não se trata de afirmar que as ações neoconservadoras se iniciaram com a redes sociais, mas sim que elas amplificaram seu alcance.

Assim, as redes foram tomadas como recurso político da extrema direita, já no início da década de 2010. Empreendedores morais (Becker, 2009) começaram a mobilizar lideranças que conseguissem captar o sentimento popular com o propósito de calibrar conteúdos das redes sociais para o público alvo. Vários recursos passaram a ser utilizados: criação de perfis em redes sociais, formação de sites e jornais para disseminação de suas visões políticas, divulgação de fake news²⁰ e conteúdo desinformativo em formato de posts e memes. Para Miskolci:

Qualquer que seja a estratégia (...), o que se deve reconhecer é que a esfera pública técnico-midiatizada ampliou o espaço para a já antiga manipulação e/ou polarização política que existia nas comunicações de massa. Assim, a automatização da esfera pública é inseparável da emergência de noções como a de pós-verdade e de fatos alternativos, ambas usadas para justificar expedientes de desinformação e os estender às mídias “tradicionais” para influenciar a opinião pública (Miskolci, 2021, p. 36).

Foi, portanto, notável o crescimento em número de seguidores e em popularidade de políticos de direita e extrema direita. Defendemos a hipótese de que parte desse êxito do neoconservadorismo foi galgado a partir de estratégias políticas de produção do medo e a constituição de inimigos comuns. A noção de pânico moral contribui para tal entendimento.

Analisado desde os anos de 1960, o pânico moral, nas palavras de Miskolci (2021, p. 25) “(...) revela um medo desproporcional em relação a um tema e promove também uma reação exagerada a ele”. Tal pânico é mobilizado por grupos com determinados interesses, chamados pelo sociólogo estadunidense Howard Becker (2009) de empreendedores morais, até que se

²⁰ Para Miskolci (2021), *fake news* pode ser compreendido como notícias fraudulentas, que possuem como objetivo a promoção de interpretações enganosas.

estabeleça a cruzada contra uma ideia, pessoa, partido, teoria, religião, entre outras possibilidades. Para Miguel (2021), o pânico moral é uma ferramenta utilizada para acionar uma mobilização popular rápida, emotiva e acrítica contra uma determinada “ameaça”. O pânico moral nega qualquer possibilidade de contraditório, uma vez que sustenta a ideia de que a ameaça, seja ela qual for, não tem bons argumentos ou que a tentativa de diálogo pode ser uma ferramenta de cooptação inimiga.

Segundo Oliveira *et al* (2020), o pânico moral gera uma preocupação dos grupos afetados pelo discurso alarmista que propicia o medo de uma desordem social generalizada. Dessa forma, assim entendemos: pânico moral é um artifício político mobilizado por empreendedores morais, que produzem medo e desespero por meio de uma confabulação retórica, cujo intuito é atribuir culpa de um possível caos social a determinado segmento ou ideia. O resultado disso é a estigmatização de grupos ou visões de mundo.

Embora o pânico moral já venha sendo estudado desde a segunda metade do século XX, o fenômeno das redes digitais impulsionou seus efeitos na sociedade, o que chamou a atenção de cientistas sociais. Nesse sentido, os pesquisadores que procuram compreender a dinâmica dos pânicos morais, especialmente as relacionadas com temas como religião, neoconservadorismo e educação, tendem a apontar a “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural” como dois instrumentos poderosos utilizados nas redes. Vale tratar brevemente da definição e do histórico dos termos.

Para o sociólogo Rogério Diniz Junqueira, a expressão “ideologia de gênero” é uma invenção central do ativismo neoconservador ²¹. A “ideologia de gênero” pode ser entendida como “um neologismo que cumpre o papel de um artefato retórico e persuasivo, em torno do qual foi possível reorganizar o discurso político e desencadear novas estratégias de mobilização e intervenção” (Junqueira, 2022, p. 17). A expressão é utilizada, muitas vezes, de modo agressivo ou ofensivo, buscando neutralizar quaisquer avanços em

²¹ De modo recorrente, “ideologia de gênero” é tratada tanto como uma expressão quanto como um sintagma, conforme bibliografia consultada (Junqueira, 2022; Machado, 2020).

temas relacionados a gênero, sexo e sexualidade, além de imputar perspectivas atreladas ao neoconservadorismo.

Junqueira (2022) apresenta um conjunto de atores envolvidos com a disseminação do pânico moral a partir da “ideologia de gênero”: estruturas eclesiais, organizações e movimentos religiosos fundamentalistas e grupos ultraconservadores, movimentos eclesiais, redes de associações pró-família e pró-vida, associações de clínicas de conversão sexual, organizações de juristas e de médicos cristãos, movimentos e partidos políticos de direita e de extrema direita, profissionais da mídia, agentes públicos, dirigentes governamentais, entre outros. A agenda antigênero de matriz católica, estudada pelo sociólogo, ao instaurar o uso da expressão aqui tratada, procura estabelecer “(...) um projeto que visa a reafirmar o estatuto de autoridade moral das instituições religiosas ou salvaguardar sua influência em contextos mais secularizados” (Junqueira, 2022, p. 20).

A origem do sintagma “ideologia de gênero” se deu por ocasião da IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher na cidade de Beijing, China, em 1995. Naquelas circunstâncias, intelectuais não religiosos e lideranças católicas cunharam a expressão como forma de se opor às transformações sociais reivindicadas por movimentos feministas. Com isso, a expressão ganhou evidência em 1998, com a realização da Conferência Episcopal da Igreja Católica do Peru, cujo tema foi: “A ideologia de gênero: seus perigos e alcances”²². A atenção imputada a esse assunto deriva dos alertas emitidos, desde 1997, pelo então cardeal Joseph Ratzinger, que posteriormente se tornou o papa Bento XVI, liderando a Igreja Católica de 2005 a 2013. Ratzinger afirmava que o conceito de gênero era uma perspectiva contrária ao catolicismo e que poderia impulsionar críticas sobre a submissão feminina, além de incentivar o reconhecimento dos direitos dos homossexuais. Na América Latina o uso da expressão “ideologia de gênero” também pôde ser observado a partir de 2007, no Documento de Aparecida, fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, texto que

²² Tavano e Leão (2020) produziram uma detalhada análise do documento produzido por tal reunião de bispos peruanos.

apresenta preocupações a respeito das transformações sociais relacionadas à gênero e à sexualidade (Miskolci, 2021).

Assim, é possível afirmar que a criação e inicial difusão da “ideologia de gênero” advém de iniciativas da Igreja Católica (Machado, 2018; Junqueira, 2022; Miskolci, 2021). Por sua vez, setores evangélicos passaram, paulatinamente, a se apropriar da expressão. Isso fica nítido em 2014, quando religiosos, evangélicos e católicos, uniram forças sob o manto da “ideologia de gênero” para combater de modo virulento as propostas de reconhecimento da diversidade sexual debatidas para os planos educacionais (Miskolci, 2021; Machado, 2018).

Ainda que a expressão tenha se tornado popular em 2014, Machado (2020, p. 93) explica que a “ideologia de gênero” já era utilizada desde 2003 no Congresso Nacional, tendo havido “(...) curva ascendente a partir de 2013, com pico máximo de citações em 2017”. Machado assinala também que quem mais utilizou a expressão foram políticos do sexo masculino e cristãos, referenciando o termo nos projetos de lei por eles submetidos.

Dessa forma, além das referências já tratadas, um conjunto substancial de pesquisas vêm tratando dos impactos do uso da expressão “ideologia de gênero”. Em síntese, os resultados dos estudos mostram a mobilização da “ideologia de gênero” como meio de produzir pânico moral (Mano, 2019; Miskolci; Campana, 2017; Rondón, 2017; César; Duarte, 2017; Cornejo-Valle; Pichardo, 2017); seus efeitos políticos no funcionamento estatal (Campos; Bernardes, 2022; Potechi, 2023; Teixeira; Biroli, 2022; Leite, 2019); além do uso da expressão no debate educacional e estudos que se aproximam do enfoque da presente pesquisa realizada (Borges; Borges, 2018; Reis; Eggert, 2017; Alves; Rossi, 2020).

Em sequência, o outro instrumento utilizado pelo neoconservadorismo para a promoção de pânico moral é o chamado “marxismo cultural”. Um importante estudo sobre o termo é de Iná Camargo Costa (2020)²³. Para a

²³ Sobre o marxismo cultural, indicamos também o artigo de Silva, Sugamoto e Araujo (2021).

autora, esse termo teve sua segunda aparição²⁴, em 1990, nos Estados Unidos. A partir de então, os primeiros usuários da expressão foram grupos pertencentes à extrema direita estadunidense, dentre eles cristãos fundamentalistas e supremacistas. Para tais grupos, o marxismo cultural representa a destruição dos valores ocidentais, que provoca um pandemônio em relação à religião cristã, à família e às questões relativas a gênero e sexualidade.

Para Miguel (2019), o “marxismo cultural” se sustenta em uma leitura fantasiosa das publicações do célebre filósofo Antonio Gramsci. A teoria do comunista sardo é deturpada para argumentar que o objetivo do marxismo cultural é assumir o controle da cultura e assim fazer uma “lavagem cerebral” e controlar os corações e as mentes das pessoas. O objetivo final dos “marxistas culturais”, segundo os propagadores desse pânico moral, é dissolver a cultura ocidental, a moral sexual e a família tradicional.

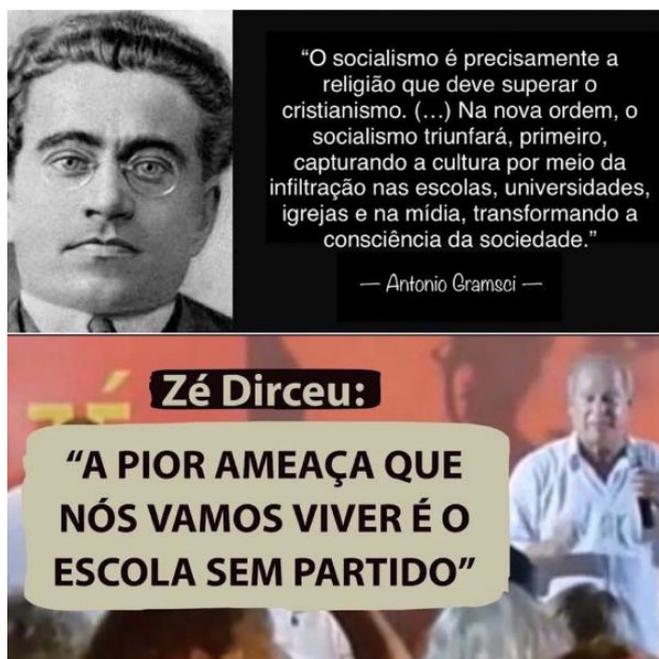
Com base nas discussões de Costa (2020) e Miguel (2018), pode-se assegurar que a “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural” apresentam uma ligação umbilical, que muitas vezes podem se confundir nas estratégias políticas da extrema direita, dado que os termos não são herméticos. Como se procurou demonstrar, os dois ganham força nos últimos anos no Brasil, sendo utilizados por políticos de direita e de extrema direita nas eleições de 2018. Prova disso é o aumento vertiginoso, em períodos eleitorais, de pesquisas sobre os termos por usuários da ferramenta de pesquisa do Google, conforme aponta os dados do Google Trends²⁵.

²⁴ Argumenta Costa (2020) que a primeira aparição do fantasma do marxismo cultural surge com a publicação do livro de Adolf Hitler, intitulado *Mein Kampf (Minha Luta)*. Hitler não chegou a utilizar o termo, mas no decorrer do livro há uma clara declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural, que na época era representado pelo bolchevismo. Já ocupando o poder, os nazistas procuraram combater toda a influência marxista na cultura e nas artes, influência essa que foi denominada “bolchevismo cultural”.

²⁵ Trata-se de uma ferramenta do Google que apresenta as tendências de pesquisa por usuários da internet. Segundo informa o site: “Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo” (Google Trends, 2023). O instrumento não apresenta dados absolutos, além de produzir recursos imagéticos com imprecisões de visualização, todavia fornece um parâmetro de avaliação de quão frequente é a busca pelos termos.

No perfil da ESP no Instagram, há uma publicação fixada que associa o “marxismo cultural” ao PT:

Figura 01 – Antonio Gramsci e José Dirceu



Fonte: Perfil da ESP no Instagram (@escolasempartidooficial, 2023).

Um texto acompanha a publicação e em seu trecho inicial há a seguinte afirmação: “O Escola sem Partido era a revolução antigramsciana que estava acontecendo milagrosamente na educação brasileira. Ninguém percebeu isso de forma tão clara quanto José Dirceu”. O enfoque em Gramsci é muito presente nas publicações do Instragram, em um esforço da ESP em denunciar a influência desse pensador nos rumos da educação e da política brasileira. As redes sociais foram um grande vetor de comunicação da associação movimentista. O quadro abaixo apresenta algumas informações sobre os perfis das redes sociais ativas da ESP²⁶:

Quadro 03 – Redes Sociais ativas da ESP

Rede Social	Alcance	Link de Acesso
Instagram	45,9 mil seguidores	https://www.instagram.com/escolasempartidooficial/
YouTube	3,7 mil inscritos / 214 mil visualizações	https://www.youtube.com/@escolasempartido8933
X / Twitter	107,7 mil seguidores	https://twitter.com/escolasempartid

Fonte: Fonte: Redes sociais em 19 de outubro de 2023.

²⁶ Para uma análise da ESP e seus efeitos no Facebook e Instagram, ver Severo; Gonçalves; Estrada (2019).

Sobre os usos das redes sociais pela ESP, a dissertação de Paolin (2022) revela como o Instagram foi instrumentalizado para uma “cruzada antigênero”. São muitas publicações que se voltam para a denúncia da suposta doutrinação nas escolas e do ataque ao modelo de família tradicional. Como subsídio para combater políticas de promoção de igualdade de gênero, Paolin mostra que a ESP tenta relacionar determinadas agendas feministas e de grupos LGBTQIA+ com a “aceitação social” da pedofilia, além de sugerir uma degeneração da cultura advinda desses movimentos. Dentre as postagens analisadas pela pesquisadora, há uma contendo o seguinte texto: “Sou a favor da ideologia de Gênesis. Deus criou macho e fêmea”; outra associa as distintas expressões de gênero existentes como uma desordem mental. É perceptível que a ESP dissemina pânico moral sobre ações que almejam reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, incitando uma interpretação alvoroçada segundo a qual os propagadores da “ideologia de gênero” estariam compromissados em corromper valores religiosos, ocidentais e relativos às visões tradicionais de família, gênero e sexualidade.

Com base no estudo das publicações do blog da ESP, observa-se conteúdo relacionado à “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural” em várias de suas publicações. Há citações exatas das expressões publicadas no blog. A expressão “ideologia de gênero” aparece 47 vezes em 32 textos, já o termo “marxismo cultural” é mencionado 2 vezes em 2 documentos diferentes, porém, palavras atreladas a essa última expressão denotam sua presença. A fim de ilustração, “Gramsci” aparece 100 vezes em 49 documentos distintos, “Marx” soma 192 aparições em 79 textos e “marxismo” consta 153 vezes em 78 publicações. Vale sublinhar que essas são evidências diretas das expressões, mas a mobilização do conteúdo é feita de outros modos que não apenas a menção exata dos termos.

Um dos maiores propagadores dos termos “ideologia de gênero” e do “marxismo cultural” no Brasil foi o falecido escritor Olavo de Carvalho. Ex-jornalista e autointitulado filósofo, Carvalho ocupou posição de destaque como guia da extrema direita brasileira, em particular do bolsonarismo. Católico combativo, é autor de um conjunto de textos, livros, vídeos e cursos que “denunciam” a “dominação esquerdista” do mundo e propõem uma reação

neoconservadora global como resposta aos “ataques contra os valores anticristãos e antiocidentais”. Segundo Rocha (2021), o sistema de crenças produzido por Olavo de Carvalho foi um fator decisivo para a ascensão da direita no Brasil. Conforme aponta Teitelbaum (2020), o nomeado “guru” da extrema direita direcionou crítica à sociedade brasileira, afirmando que o “materialismo infestou” todos os espaços possíveis, inclusive a Igreja Católica. Diante desse cenário, o Brasil estaria vivendo sua idade sombria, pois, para Olavo:

A mídia, o sistema educacional e o governo do Brasil não apenas estão corrompidos por dinheiro e interesses próprios, como também são provedores de ignorância, graças ao seu investimento cego na ciência moderna e à sua incapacidade para considerar – e menos ainda para valorizar – a espiritualidade (Tietelbaum, 2020, p. 231).

Outros trabalhos procuraram analisar influência de Olavo de Carvalho no cenário político-cultural brasileiro (Prado, 2021; Silva, 2021). Abordar a relevância desse personagem é necessária, uma vez que a ESP apresenta uma estreita relação com suas ideias e formulações. O próprio Miguel Nagib teve relação direta com Carvalho, pois, pelo menos até 2018, este defendia a proposta da associação movimentista, algo que mudou com o advento do governo Bolsonaro, em 2019. Tal questão será abordada no capítulo 3. No blog da ESP, são reproduzidos 14 textos assinados por Olavo, conforme quadro a seguir:

Quadro 04 - Textos de Olavo de Carvalho reproduzidos no blog da ESP

Publicação	Título	Origem
2014	Carta de um aluno	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2013	Bobinha	Diário do Comércio
2012	Viva Paulo Freire!	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Educação e consciência - Entrevista com o filósofo Olavo de Carvalho	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Ideário do absurdo	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Enquanto a Zé-Lite dorme	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Uma glória da educação nacional	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Consciência reprimida: duas notas	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Reação débil e tardia	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Neutralidade e ortodoxia	Jornal da Tarde
2011	Um guru da educação brasileira	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Paranoia sociológica	Olavo de Carvalho – Website Oficial

2011	Os novos demiurgos	Olavo de Carvalho – Website Oficial
2011	Educação ou deformação?	Olavo de Carvalho – Website Oficial

Fonte: Blog da ESP em 2023.

Com base nos dados acima constata-se que a ESP procurou por diversas vezes reproduzir em seus espaços digitais de comunicação as publicações oriundas do site de Olavo de Carvalho, intitulado *Sapientiam autem non vincit malitia* (Olavo de Carvalho – Website Oficial, 2023). O nome em latim do site é inspirado em uma passagem bíblica (Sabedoria, capítulo 7, versículo 30), cuja tradução é: “contra a Sabedoria, o mal não prevalece”. O título alude ao esforço de Carvalho de combater, por meio de sua “produção filosófica”, as transformações sociais que estariam dilapidando o cristianismo e a cultura ocidental. Os vocábulos mais frequentes nos textos do escritor - que constam do blog da ESP, em formato de “nuvem de palavras” - permite apreciar o panorama geral dos temas abordados:

Figura 02 – Nuvem de palavras dos artigos de Olavo de Carvalho reproduzidos pelo blog da ESP



Fonte: Blog da ESP em 2023.

Como se vê, a educação é o termo mais presente nos textos de Carvalho, com 75 menções em 12 publicações. Há destaque para as palavras atreladas à disseminação do “marxismo cultural”, como: cultura, comunismo e suas variações, esquerdista e suas variações, marxismo e suas variações, intelectuais, ideológico, revolucionária, valores, manipulação, moral, controle,

entre outros termos. Nesse sentido, várias são as passagens, nos textos do blog, em que há a indicação de que as escolas brasileiras são tomadas pelo “marxismo cultural”, ainda que o termo seja tratado, indiretamente, pelos autores, com menção a Gramsci, Escola de Frankfurt e Marx.

Nos 14 textos de Olavo de Carvalho há menções a intelectuais e acadêmicos, como Antonio Gramsci (12 menções em 6 textos), Pierre Bourdieu (13 menções em 3 textos) e Paulo Freire (21 menções em 3 textos). Sobre Gramsci, Carvalho (2011a) tenta construir a ideia de que há um plano global e nacional de dominação cultural orientada pelo pensador italiano, e procura associar tal suposto plano com as políticas educacionais dos governos petistas. A interpretação da educação elaborada por Bourdieu, que, coincidentemente é usada como referência teórico-metodológica na presente tese, é “criticada” por Carvalho (2011b). Este acusa o sociólogo de produzir uma esquematização simplista e diametralmente oposta à realidade observada nas escolas. Em um texto intitulado “Paranoia sociológica” (Carvalho, 2011c), o escritor associa obras de Gramsci e Bourdieu com propagadoras da “doutrinação comunista”, como se vê em trechos de outro escrito seu:

De 1998 até agora, a ideologia comunista que entrou pelos livros de História se alastrou pelo sistema de ensino inteiro e infectou todas as disciplinas — até matemática e educação física —, de modo que para as novas gerações de estudantes brasileiros tudo o que escape da cosmovisão marxista se tornou inexistente e impensável. Como previa Gramsci, o “senso comum modificado” é algo de mais profundo e arraigado do que a mera crença consciente (Carvalho, 2011e).

Toda a documentação que não existe sobre o planejamento da manipulação psicológica burguesa existe, em abundância, sobre a manipulação educacional revolucionária e socialista. Milhares, centenas de milhares de livros, artigos acadêmicos, atas de assembléias de professores e estudantes, revistas educacionais, circulares de sindicatos, filmes, vídeos etc., sem contar as obras completas de Antonio Gramsci e do próprio Pierre Bourdieu, atestam a existência de enormes trabalhos empreendidos para implantar na cabeça das crianças os valores e condutas que os revolucionários julgam convenientes para transformar os estudantes em massa de militantes ou simpatizantes da causa revolucionária, bem como para fazer com que os agentes desse empreendimento passem despercebidos e os efeitos de suas ações sejam vivenciados como transformações espontâneas do processo histórico. E isto não é uma interpretação que eu esteja fazendo. Os próprios revolucionários declaram que esse trabalho tem de ser feito e explicam como ele deve ser feito (...). A “sociologia da educação” de Pierre Bourdieu é não somente uma idiotice: é uma projeção psicótica das ações do próprio Bourdieu e de seus correligionários sobre uma realidade inexistente. É uma doença mental, e seu sucesso se deve precisamente a isso: é mais fácil transmitir o vírus de uma moléstia

incapacitante do que algum conhecimento da realidade (Carvalho, 2011c).

Olavo de Carvalho também se dedica a criticar a pessoa e a obra de Paulo Freire. Este, nomeado Patrono da Educação Brasileira no primeiro governo de Dilma Rousseff (Brasil, 2012), foi escolhido pela ESP como um dos “inimigos” a serem combatidos. Não à toa, o educador é mencionado 254 vezes em 65 publicações diferentes no blog da ESP. Em suas publicações, a associação movimentista busca atribuir culpa a Freire por ser o intelectual responsável por estabelecer as bases da “doutrinação comunista” no sistema educacional brasileiro, desde a pós-graduação, passando pela formação de professores e culminando nas primeiras etapas da educação infantil. No entanto, a educação formal, gerida pelo Estado, é colocada em perspectiva mais abrangente, no interior da sociedade, na obra deste educador, internacionalmente renomado²⁷ (Freire, 2019; 2020).

O guru da extrema direita brasileira afirmava que o método educacional elaborado por Paulo Freire não produziu nada além de “(...) um florescimento espetacular de louvores em todos os partidos e movimentos comunistas do mundo” (Carvalho, 2012). Em uma entrevista, ao ser questionado sobre a contribuição de Freire para a educação brasileira, Carvalho afirma que é um “pseudo-intelectual militante” e que “sua fama baseia-se inteiramente no lucro político que os comunistas obtêm do seu método” (Carvalho, 2011d).

Em suma, o conteúdo de Olavo de Carvalho, reproduzido pela ESP, incita o pânico moral, sobremaneira a partir dos arquétipos elaborados a partir da crítica do “marxismo cultural”. Contribui para a disseminação das visões distorcidas, baseadas na “ideologia de gênero”, uma vez que as expressões, muitas vezes, se confundem quando mobilizadas pelos empreendedores morais. A articulação entre a “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural” impulsionou a capacidade de influência da ESP no debate público:

A fusão da denúncia da doutrinação marxista de inspiração gramsciana com a oposição à “ideologia de gênero” obedeceu, assim, ao senso de oportunidade do MESP. Deu a ele aliados de peso, uma

²⁷ Ademais, estudiosos da educação brasileira apontam as tendências pedagógicas liberais, em especial a tradicionalista e a tecnicista, como as que mais influenciam o ensino-aprendizagem nos espaços escolares. Essas tendências são opostas à “pedagogia libertadora”, que tem Freire como um de seus maiores intelectuais (Luckesi, 1994; Saviani, 2018).

capilaridade com a qual nem poderia sonhar e um discurso com ressonância popular muito mais imediata. A confluência foi facilitada graças ao trabalho de propagandistas da extrema-direita, em particular os alinhados a Olavo de Carvalho, para quem a dissolução da moral sexual convencional é um passo da estratégia comunista (Miguel, 2016, p. 601).

A fim de encontrar maiores indícios da presença do neoconservadorismo cristão e do uso do pânico moral como estratégia mobilizadora, analisamos mais detidamente algumas publicações do blog da ESP. Foi selecionada a categoria Educação Moral e Religiosa, pela pertinência exploratória com o tema estudado. Tal categoria é contemplada em 54 textos, correspondendo a 7,6% do total das publicações. Conforme consta no blog da ESP, os critérios para a inclusão de textos na categoria Educação Moral e Religiosa são:

Publicaremos nesta seção artigos, denúncias, depoimentos e reportagens relacionadas à usurpação, pelas escolas e pelo governo, do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral e religiosa que esteja de acordo com suas próprias convicções, direito este assegurado pela Convenção Americana de Direitos Humanos (ESP, 2023).

Sobre os critérios da seção, a ideia de divulgar a “usurpação” de direitos dos pais sobre a educação moral e religiosa de seus filhos, ratifica a realidade que a associação movimentista julga existir, segundo a qual as escolas públicas e privadas brasileiras são palco de frequentes violações da liberdade de religião e crença, sobremaneira em relação aos cristãos. No entanto, a hipótese da ESP não tem sustentação empírica, sendo baseada, ora por opiniões pontuais que tendem a generalizar exceções²⁸, ora por compreensões equivocadas e conservadoras sobre propostas educacionais.

Já seguindo para a apresentação e discussão dos dados, temos a seguinte quantidade de publicações por ano: 5 em 2011, 22 em 2012, 13 em 2013, 6 em 2014, 3 em 2015, 4 em 2016 e apenas 1 em 2017. Alguns textos têm a publicação original bastante anterior, mas consideramos na pesquisa a data publicada no blog, por se referir ao interesse da ESP em divulgar a ideia naquele período. As datas de publicação dizem muito pouco, se isoladas de outros dados, porém coincidem com o período em que a extrema direita brasileira começa a ganhar força no cenário político nacional.

²⁸ A título de ilustração, a ESP se baseia em enquetes abertas pelo seu próprio perfil no X, ex-Twitter. Os resultados são efetivamente tendenciosos, dado que o alcance desse tipo de publicação, evidentemente, fica restrito às pessoas identificadas, de algum modo, com a associação movimentista.

Ao analisar o conjunto de textos da seção, encontramos artigos de opinião, depoimentos e denúncias enviadas por simpatizantes, além da reprodução (como fotocópia) de reportagens publicadas em diversos sites de notícias, sendo, nesse último caso, com a repetida alteração de seus títulos originais ou a inclusão de comentários em destaque. Também se encontra documentos produzidos por grupos diversos, que buscam reforçar a argumentação da ESP.

Com os princípios de investigação da Análise Textual Discursiva e da Análise de Conteúdo Categorical (Moraes; Galiazzi, 2016; Sampaio; Lycarião, 2021), foi feita a codificação semântica dos artigos, a partir de conceitos e temas que foram contemplados na pesquisa feita. Dos 54 textos analisados, 53 apresentaram conteúdo para as 15 codificações e subcodificações propostas. Desse modo foi possível a elaboração de um quadro de referência cruzada, que apresenta a frequência de assuntos tratados por ano de publicação:

Quadro 05 – Referência cruzada: temas abordados/codificação por ano de publicação no blog da ESP, seção “Educação Moral de Religiosa”

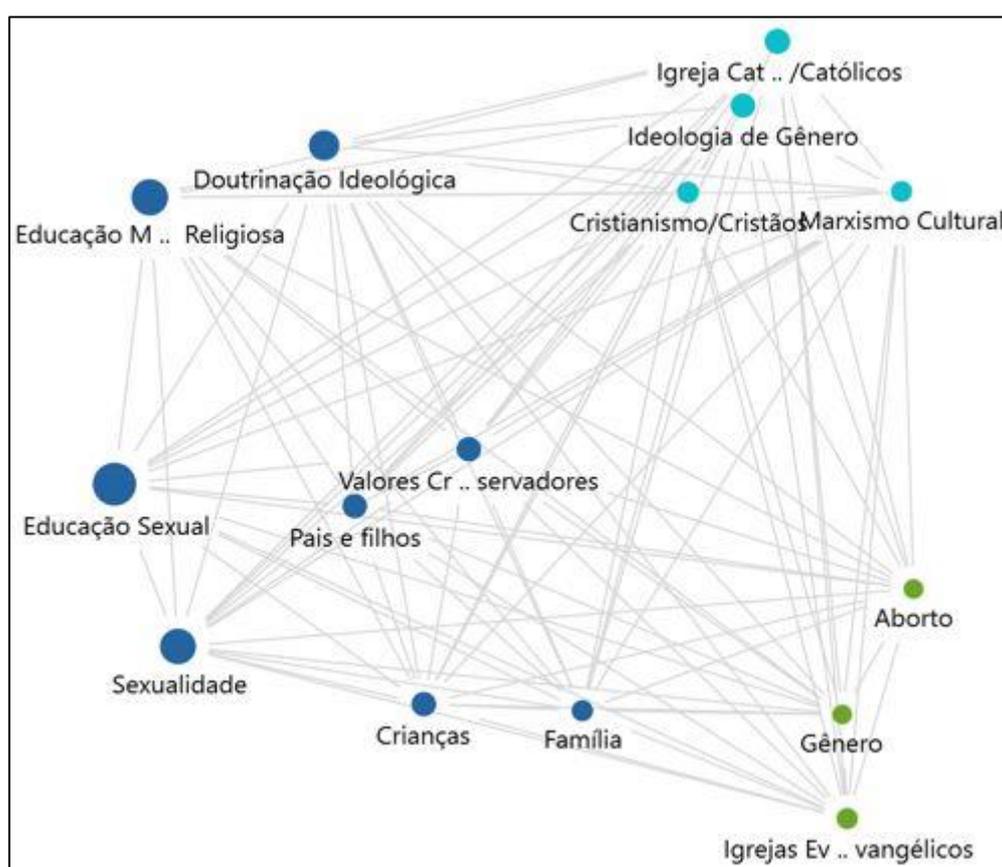
Temas abordados/codificação	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Doutrinação ideológica	12	18	9	7	3	0	49
Marxismo cultural	3	6	0	2	0	1	12
Educação sexual	6	55	33	2	0	5	101
Educação moral e religiosa	3	40	28	1	1	0	73
Ideologia de gênero	1	2	6	7	7	2	25
Sexualidade	19	33	14	2	0	3	71
Gênero	2	2	1	0	0	0	5
Crianças	7	4	9	0	4	1	25
Pais e filhos	5	6	11	2	1	0	25
Família	2	3	2	5	0	0	12
Cristianismo/Cristãos	0	8	2	1	2	0	13
Igreja Católica/Católicos	1	12	1	14	1	0	29
Igrejas Evangélicas/Evangélicos	0	11	1	0	0	0	12
Valores cristãos neoconservadores	2	8	6	7	1	0	24
SOMA	63	208	123	50	20	12	476
Documentos por ano	5	22	13	6	3	4	53

Fonte: Blog da ESP em 2023

Vale lembrar que a codificação não é exclusiva, ou seja, pode haver a interseção de códigos em um segmento, além da proximidade ou ocorrência dos códigos em um mesmo documento. Entende-se, por exemplo, que os códigos: Educação sexual, Sexualidade, Gênero, Crianças, Pais e filhos e

Família podem ser lidos como subtemas da Ideologia de gênero. Do mesmo modo, as acusações de doutrinação ideológica podem abarcar elementos do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero”. O fato é que os textos analisados não tratam, de modo objetivo ou separadamente, dos temas que foram objeto de codificação. Muitas vezes se observa a intenção de correlacionar os temas tratados para produzir um cenário fictício que “ratifica as denúncias de doutrinação”, bem como os ataques aos valores apreciados pela ESP. Para se ter noção do emaranhado entre os temas que os textos apresentam, o mapa de códigos a seguir mostra as afinidades entre tópicos estudados. Quanto maior for a frequência com a qual dois ou mais códigos foram atribuídos juntos, mais próximos eles aparecem no mapa. Vejamos:

Figura 03 – Mapa de códigos: proximidade entre os temas tratados no *blog* da ESP, seção “Educação Moral de Religiosa”



Fonte: Blog da ESP em 2023.

Três grandes blocos (*clusters*) surgem ao estabelecer a conexão entre os assuntos tratados. “Igrejas Evangélicas/Evangélicos”, “Gênero” e “Aborto” compõem o primeiro bloco, o que sugere conteúdos sobre a diversidade de gênero e a descriminalização ou legalização do aborto, questões

costumeiramente mobilizadas para gerar pânico no segmento evangélico. O segundo bloco apresenta a proximidade entre os temas: “Cristianismo/Cristãos”, “Igreja Católica/Católicos”, “Ideologia de gênero” e “Marxismo cultural”, o que pode comprovar a estreita ligação entre valores católicos e o uso das expressões como estratégia discursiva. O terceiro e último bloco é composto por oito temas/códigos estudados: “Doutrinação ideológica”, “Educação moral e religiosa”, “Valores cristãos Neoconservadores”, “Educação sexual”, “Pais e filhos”, “Sexualidade”, “Crianças” e “Família”, que abarca questões costumeiramente mobilizadas no sentido de acusar a educação sexual como pivô da destruição dos valores da família e da religião. Mesmo com três blocos distintos, as linhas de relações mostram como os temas conversam entre si, constituindo uma sinergia retórica das várias preocupações da ESP.

Tomando para análise a soma da frequência dos temas tratados, os anos de 2012 e 2013 foram os que mais apresentaram elementos codificados, o que sugere tal período como o mais intenso na mobilização de discursos. Tal dado também reflete o número de documentos publicados no período, especificamente na seção estudada. O uso dos discursos sobre a ocorrência de “doutrinação ideológica”, “marxismo cultural”, “ideologia de gênero” e a defesa de valores neoconservadores cristãos apresentam um pico em 2012, desacelerando as menções nos anos seguintes.

Cinco dos 54 textos da seção Educação moral e religiosa são assinados por Miguel Nagib. As publicações dele tratam de educação sexual nas escolas e do direito à educação moral e religiosa. Nesses escritos, Nagib faz constantes apelos aos direitos humanos e aos direitos fundamentais para defender a ideia de que o Estado, na figura dos professores, não pode efetivamente apresentar conteúdo que contrarie as concepções morais e religiosas que os pais exigem ou aspiram para seus filhos. Para defender suas ideias, no texto intitulado “Quem disse que educação sexual é conteúdo obrigatório? ”, Nagib (2013) critica a educação sexual nas escolas a partir de noções equivocadas sobre a laicidade do Estado brasileiro, e afirma que “a moral é inseparável da religião”. Além disso, ao articular a ideia de relação entre religião e moralidade, argumenta que se a maioria dos brasileiros é cristã,

logo, a educação e as escolas não deveriam constrangê-los com temas contrários a seus princípios. Trata-se, notadamente, de uma visão em que a democracia deve atender apenas aos anseios da maioria da população, excluindo minorias, uma perspectiva adotada por políticos autoritários e populistas de direita.

Oito textos são de autoria de ávidos defensores de valores cristãos neoconservadores, sacerdotes e leigos. Um dos textos, de 2013, intitulado “Estão detonando as nossas crianças”, compartilha o link – corrompido – de um vídeo de Damares Alves em que são tratados “(...) diversos assuntos importantíssimos para as famílias brasileiras, com destaque para o que vem sendo ensinado nas escolas em matéria de educação sexual e ideologia de gênero (...)” (ESP, 2013a). Damares é pastora batista, advogada, senadora eleita em 2022 pelo partido Republicanos-DF, e ocupou o cargo de ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) do Governo Bolsonaro. É conhecida por suas declarações, baseadas em fundamentalismo religioso, sobre educação, sociedade, sexualidade e aborto, entre outros temas. É muito popular entre evangélicos. A menção a Damares, em 2013, evidencia a consolidada relação entre a ESP e tais setores religiosos.

Ainda entre os religiosos, três textos são assinados e um apresenta referência a Julio Severo, definido pela ESP como “ativista cristão”. Falecido em 2021, Severo era um blogueiro com posições políticas à direita e extrema direita, fundamentalistas e neoconservadoras, e ficou conhecido pela promoção da homofobia e de organizações contrárias aos direitos das pessoas LGBTQIA+ (Guia Gay São Paulo, 2021). Entre os conteúdos tratados, novamente, se evidencia os temas da educação sexual, questões de gênero e sexualidade. Severo (2014) aponta que “A ideologia de gênero está infectando todo o ensino do Brasil”. Ademais, o autor demonstra preocupação, em um texto de 2011, sobre a possibilidade da criminalização da homofobia, pois, segundo ele, poderá ser “(...) considerado criminoso qualquer pai ou mãe que se opuser à doutrinação homossexual de seus filhos em sala de aula. O simples fato de um pai ou mãe dizer para o filho que homossexualismo é pecado poderá resultar em consequências criminais como multas, prisão e perda da guarda dos filhos” (Severo, 2011). Os dois casos aqui descritos, tanto

o de Damares Alves como o de Julio Severo, demonstram a transparência com que a ESP divulga e concorda com posições cristãs, muitas delas neoconservadoras, sobre temas que envolvem a educação.

Na seção específica estudada, encontram-se também dois textos oriundos de sites de órgãos públicos. A primeira é da Câmara Municipal de Recife e trata da tentativa de alguns vereadores suspenderem a divulgação de um livro sobre educação sexual. Um dos parlamentares citados na reportagem afirma que “Isso não é apenas uma questão de religião, vai além. Qualquer pai que lesse a cartilha ficaria estarecido com o que está lá (...)” (ESP, 2012g). A segunda se refere a uma informação extraída do site da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sobre a realização de um concurso de cartazes contra a homofobia. A ESP interpretou a atividade como “engenharia comportamental”, “lavagem cerebral” e “covardia intelectual”, com o intuito de “(...) fazer a cabeça dos estudantes para que eles repitam, sem questionar, as palavras de ordem do sindicalismo gay e o credo da ideologia de gênero”. Ainda para a associação movimentista, o evento da UFSC foi uma amostra da violação dos direitos dos pais de educar seus filhos de acordo com suas próprias convicções, não considerando “(...) todos os lados dessa complexa questão (a homofobia), que envolve, entre outros aspectos, as liberdades de consciência, de crença e de expressão” (ESP, 2013b). Observa-se o incômodo que os temas de gênero e sexualidade geram perante valores morais e religiosos.

Em síntese, os 54 artigos inseridos na seção Educação Moral e Religiosa do blog da ESP tratam de questões como educação sexual, gênero, sexualidade, doutrinação ideológica, educação domiciliar, o uso de materiais didáticos e a própria questão da educação moral e religiosa dos estudantes. Fica nítida a tensão que existe entre temas que envolvem as esferas: erótica, estética, intelectual e religiosa, nos termos de Weber (2010).

Isto posto, a partir da leitura dos textos disponíveis no blog da ESP, é possível afirmar que são recorrentes os argumentos de matriz cristã neoconservadora na defesa de suas bandeiras. Muitos preceitos religiosos são mobilizados para acusar de doutrinação ideológica as iniciativas educacionais que busquem a superação de velhas e novas formas de discriminação e

intolerância, tão presentes no Brasil contemporâneo. Portanto, não é exagero constatar que, para a ESP, qualquer proposta de educação crítica que venha a ser mobilizada nas escolas é entendida como doutrinação ideológica e um “sacrilégio” em face dos princípios cristãos.

A partir do estudo do conteúdo veiculado em seu blog, foi possível encontrar elementos que associam a ESP a atores e valores declaradamente neoconservadores cristãos. Foi possível identificar, também, que o “marxismo cultural”, a educação sexual e os debates sobre gênero e sexualidade são os temas que mais mobilizaram suas preocupações. A inquietação, em caráter quase sempre de denúncia, diz respeito à suposta violação que pais e filhos sofrem quando conteúdos tratados nas escolas acabam conflitando com as suas convicções morais e religiosas. A realidade é que a ESP não aceita que o sistema educacional, público e até mesmo privado e confessional, permitam que sejam abordadas questões confrontantes a dogmas religiosos, especialmente relativos à moral familiar e sexual. É a educação crítica vista como pecado.

Muitas são as alegorias para se referir à ESP: Moura (2018b) o chama de monstro de duas cabeças, Frigotto (2017) o evoca como “esfinge”, e Santos e Cervi (2019) o trata como Dom Quixote lutando contra os moinhos. Em nosso caso, cabe a analogia com uma paladina, uma guerreira temente a um deus, que combate seus inimigos promotores de uma educação que alvitra os mandamentos divinos. Assim, constata-se que o que dá corpo à associação movimentista, aquilo que fica evidente em sua atuação social e político-partidária, a revela como paladina dos interesses da extrema direita religiosa, o que enseja avanços na compreensão de seus fundamentos. Seja ela um monstro, um ser mitológico, uma personagem da literatura ou um cruzado, os sinais apontam que a Escola sem Partido é, de corpo e alma, expressão contundente do neoconservadorismo cristão.

1.4. O “perigo” da doutrinação ideológica nas escolas: o caráter transnacional do seu combate

Em um texto de apresentação no portal da ESP, Miguel Nagib escreve que uma das inspirações para a formação da associação movimentista foi um grupo de pais e estudantes dos Estados Unidos, que se organizaram para combater a suposta doutrinação ideológica vigente naquele país. Assim como a ESP, as ações por lá eram feitas com o suporte de um site denominado *NoIndoctrination.org*²⁹. Ademais, a ESP apresenta relações com iniciativas estrangeiras de extrema direita e compromissadas com a disseminação de ideias ultraliberais, como o grupo Students of Liberty e a empresa Atlas Network (Rodrigues; Pucci; Padilha, 2017).

Demonstramos nos tópicos anteriores a conexão entre setores neoconservadores dos Estados Unidos com a América Latina e o Brasil. Também foi possível observar que a ofensiva direitista extremada contra as democracias não é uma peculiaridade nacional, mas, sim, algo observado em outras nações. Esse panorama transnacional revela o fortalecimento do neoconservadorismo cristão enquanto algo que extrapola as fronteiras nacionais. Nesse sentido, a partir da análise documental, no presente tópico se procura analisar a característica transnacional das iniciativas que visam combater o engodo da doutrinação ideológica nas escolas.

Como visto, ações semelhantes às da ESP existem nos EUA, antes de seu surgimento da associação movimentista brasileira. Michael Apple (2003) mostra que na década de 1990 uma mobilização neoconservadora, incluindo aliados de diversas origens, pretendeu pautar o modelo educacional e disputar a elaboração do currículo escolar estadunidense. A preocupação era restaurar a ordem conservadora da educação, pois, para esses grupos, o ensino de

²⁹ O site está fora do ar, não sendo possível acessá-lo. Um registro do endereço <<http://noindoctrination.org/>> pode ser visualizado através dos arquivos do Wayback Machine, um banco de dados digital que compila páginas off-line: <http://web.archive.org/web/20100829031653/http://noindoctrination.org/>. Acesso em 19 out. 2023.

ciências, como a Teoria da Evolução das Espécies e a falta da chamada palavra de Deus nas escolas poderia trazer graves problemas à sociedade.

Apple (2003, p. 13) afirma que neoliberais, neoconservadores e populistas autoritários formaram uma aliança, que o autor denomina como *modernização conservadora*. Os neoliberais “estão comprometidos com mercados e com a liberdade enquanto ‘opção individual’”, os neoconservadores “(...) tem a visão de um passado edênico e quer um retorno à disciplina e ao saber tradicional”, e os populistas autoritários são fundamentalistas religiosos e evangélicos conservadores que almejam “(...) um retorno a (seu) Deus em todas as nossas instituições”. Como já discutido, por mais que essa aliança pareça incompatível, pois esses grupos podem possuir ideais antagônicos, há um esforço em aparar as arestas para conseguir atingir os principais objetivos educacionais de cada segmento.

Trata-se de uma aliança poderosa – embora estranha – entre forças que agora estão em atividade na educação. (...) recomendam-nos “libertar” nossas escolas colocando-as dentro de um mercado competitivo, restaurar “nossa” cultura tradicional comum e enfatizar a disciplina e o caráter, voltar-nos para Deus em nossas salas de aula, como guia de toda a nossa conduta dentro e fora da escola, e intensificar o controle central por meio de critérios de avaliação e testes mais rigorosos e exigentes em termos intelectuais. Espera-se que tudo isso seja feito ao mesmo tempo (Apple, 2003, p. 8).

A perspectiva educacional dessa modernização conservadora é a de que o ensino deve ser direcionado apenas para a preparação profissional futura, empregando o menor uso de recursos possível. Essa também é uma proposta defendida pela ESP, isto é, a escola deve ser responsável apenas por “ensinar matérias” e não “formar para a cidadania”. Por conta do enfoque da pesquisa, vejamos mais detidamente outras características dos neoconservadores e dos populistas autoritários apontadas por Apple.

Nos EUA, os neoconservadores defendem um Estado forte, não na economia, mas na regulação do que é ensinado nas escolas, incluindo temas sobre multiculturalismo e educação sexual. A proposta é impedir transformações educacionais que possam ameaçar o “verdadeiro saber”. Há uma constante instauração de medo do “outro”. Trata-se de uma investida reacionária, uma proposta de retorno a um passado imaginário, onde a sociedade estava imune aos perigos do mundo secular. Já os populistas

autoritários “geralmente baseiam suas posições na educação e na política social em certas visões da autoridade bíblica” (Apple, 2003, p. 65). A “moralidade cristã”, os “papéis” dos sexos e a família tradicional também fundamentam seu ideário. Esses grupos engrossam as fileiras da direita cristã estadunidense e afirmam que a sociedade secular declarou guerra contra eles³⁰. “A direita religiosa, populista e autoritária acredita que *ela* está sendo atacada. Suas tradições estão sendo desrespeitadas; a própria base de sua visão de mundo está ameaçada” (Apple, 2003, p. 137, grifos do autor).

Esses dois grupos entendem que o ensino público é perigoso, pois questiona e tenta invalidar os valores tradicionais e a religião cristã. Ações desses grupos produziram efeitos no currículo escolar daquele país. Em 1999, o Conselho de Educação do estado do Kansas extirpou referências sobre a Teoria da Evolução e banuiu menções sobre a Teoria do Big Bang. Em outras unidades federativas dos EUA leis foram aprovadas punindo com demissão professores por afirmarem que a evolução é a única teoria válida nas disciplinas científicas. Uma das táticas utilizadas é reduzir a importância das teorias científicas, utilizando o falso argumento de que são apenas umas das várias teorias existentes e, portanto, não merecem atenção especial.

Outro exemplo é a iniciativa denominada “*Com Mis Hijos No Te Metas*”. Conforme consta em seu site:

Somos un movimiento ciudadano conformado por padres de familias con el objetivo de defender el derecho y la libertad que tenemos de educar a nuestros hijos.

Como a ti, nos preocupan las leyes que se están tramitando en el Parlamento y los contenidos educativos que se están implementando en los colegios.

Por eso, te invitamos a sumarte en la defensa de nuestros hijos. Porque queremos lo mejor para ellos y porque no los dejaremos solos.

NOS MUEVE:

- La protección integral de la familia como unidad central de la sociedad.
- Respetar las etapas de desarrollo y aprendizaje de los niños.
- Ser escuchados y considerados por nuestros legisladores.
- Promover la autonomía de cada proyecto educativo.

³⁰ Essa ideia se baseia na noção construída pelos fundamentalistas religiosos de que “Ser cristão é ser *perseguido*” Apple (2003, p. 143, grifos do autor). Isso incita o pânico e o medo de segmentos religiosos neoconservadores, e os fazem agir contrariamente.

- Defender la educación acorde a los valores de cada familia. (ConMisHijosNoTeMetas, 2023).

Segundo descrição própria, a ação é orquestrada especialmente por pais e mães que defendem o direito de educar seus filhos com bases em seus próprios valores. A escola e os professores são vistos como violadores desse “direito”, pois permitem que seus rebentos tenham contato com conhecimentos contraditórios aos valores aprendidos no seio da família. Há a atenção nas tramitações congressuais que possuem relação com o conteúdo escolar. Assim como a ESP, a noção de “familismo” e do autodenominado movimento cidadão marca suas interpretações sobre educação. Para Junqueira (2022), o familismo é a defesa da primazia da família na educação dos filhos, ignorando ou procurando impedir a efetivação de um currículo escolar que promova a desconfiança dos valores familiares³¹.

Em um vídeo de divulgação, os organizadores do *Com Mis Hijos No Te Metas* acusam o Estado chileno de manipular a consciência e a inocência de seus filhos. Afirmam que querem oferecer uma educação com base em seus próprios valores, ao contrário do que o sistema público enseja. No vídeo, após algumas frases de manifesto, é apresentada uma tela com a figura típica de uma família tradicional, isto é, um pai, uma mãe e um filho cisgêneros, acompanhada das palavras e frase: honestidade, bondade, amor, responsabilidad, lealtad, empatía, respeto, generosidade, alegría, gratitud, humildad, solidaridad, familia, respeto por nuestro cuerpo, paciencia.

Assim como a ESP, não são esses os únicos valores que a iniciativa defende. Ao procurar angariar o apoio da opinião pública, passando a falsa impressão de neutralidade, tais empreendedores morais escamoteiam seus valores cristãos neoconservadores para o público mais geral e dão enfoque a concepções geralmente aceitas, independentemente da orientação política, religiosa ou ideológica. É fácil concordar com a ideia de que qualquer pessoa respeita o próprio corpo, mas o que esses empreendedores morais não aceitam é uma proposta educacional que valorize a diversidade sexual e de

³¹ Junqueira (2002) aborda manifestantes da Espanha que usam o *slogan* “Mis Hijos Mi Decisión”. Essa iniciativa apresenta uma agenda antigênero. No site da ação, é apresentado o “perigo” contra o que eles lutam da seguinte forma: “El Gobierno de España se está apoderando de nuestros hijos al imponer el adoctrinamiento sexual, de género, político e ideológico en las aulas” (Mis Hijos Mi Decisión, 2023).

gênero das pessoas, o que incide no reconhecimento de diferentes corpos, de modos de ser e de pensar, que não se restringem aos modelos tradicionalmente postulados pela cisheteronormatividade cristã ocidental.

Com base na análise de Romero (2021), a iniciativa *Com Mis Hijos No Te Metas* vem ganhando relevância em países da América Latina. Para ilustrar essa presença, o quadro abaixo apresenta dados de perfis em redes sociais relacionados com a iniciativa:

Quadro 06 – Perfis de redes sociais com maior alcance, por país, relacionados com o slogan “Com Mis Hijos No Te Metas”

País	Rede Social	Alcance	Link de acesso
Argentina	Facebook	40 mil seguidores	https://www.facebook.com/profile.php?id=100080107046757
Bolívia	Facebook	5,8 mil seguidores	https://www.facebook.com/conmishijosnotemetasbol/
Brasil	-	-	-
Chile	Facebook	73 mil seguidores	https://www.facebook.com/conmishijosnotemetascl
Colômbia	X / Twitter	1.992 seguidores	https://twitter.com/ConMisHijosNoCo
Costa Rica	Facebook	1,9 mil seguidores	https://www.facebook.com/profile.php?id=100067859797944
Cuba	Facebook	603 seguidores	https://www.facebook.com/cmhntmcuba
Equador	Facebook	26 mil seguidores	https://www.facebook.com/conmishijosnotemetasec
El Salvador	Facebook	3,7 mil seguidores	https://www.facebook.com/Conmishijosnotemetaselsalvadorsv
Guatemala	X / Twitter	2.956 seguidores	https://twitter.com/conmishijosguat
Haiti	-	-	-
Honduras	-	-	-
México	Facebook	18 mil seguidores	https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasCDMX/
Nicarágua	-	-	-
Panamá	-	-	-
Paraguai	X / Twitter	571 seguidores	https://twitter.com/con_metas
Peru	Facebook	247 mil seguidores	https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial
República Dominicana	Facebook	7,2 mil seguidores	https://www.facebook.com/CMHNTMRD/
Uruguai	Facebook	2,6 mil seguidores	https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasUruguay
Venezuela	-	-	-

Fonte: Conjunto de dados coletados das redes sociais, até 19 out. 2023.

Os dados coletados sobre as redes foram obtidos por meio de uma pesquisa simples no mecanismo de busca do Google e selecionados apenas os perfis com maior alcance. O Peru se destaca com um perfil do Facebook somando 247 mil seguidores. Além do Peru, a Argentina, o Chile, o Equador e

o México apresentam alcance superior à média entre os países. Não foram encontrados perfis da ação no Brasil e demais países latino-americanos.

O sucesso do *slogan* em alguns países latino-americanos tem alguma relação com o idioma. Sua primeira grande presença é observada no Peru, em 2016, quando da discussão sobre a reforma do currículo educacional daquele país. A iniciativa acusava a intenção de implementar na educação peruana os princípios advindos da “ideologia de gênero”. A atuação também se observa na Argentina, onde, em 2017, houve a eleição de três coordenadores nacionais responsáveis pelos encaminhamentos das ações naquele país. Em 2018, o *slogan* ganhou importância no debate político, mediante uma reação enérgica à reforma curricular de educação sexual. Romero mostra como essas iniciativas afetam diversos países em um processo que denomina “*ONGeización*”, isto é, a proliferação de Organizações Não Governamentais (ONGs), com roupagem civil ou secular, que se apropriam de instrumentos do jogo democrático para defender posições atreladas à religião cristã.

A ESP, antenada com os ativismos transnacionais congêneres, dedica uma seção em seu blog a casos internacionais do que consideram doutrinação ideológica. A categoria é intitulada “Doutrinação pelo mundo” e apresenta a seguinte descrição: “O flagelo da doutrinação política e ideológica em salas de aula pode ser encontrado em todo o mundo. Reunimos, aqui, informações sobre a situação do problema em outros países” (ESP, 2023). São 19 publicações compiladas nessa seção, conforme quadro a seguir:

Quadro 07 – Blog da ESP: artigos reproduzidos na seção “Doutrinação pelo mundo”

Data	País Abordado	Título	Origem da Publicação	Perfil
2014	Venezuela	Governo chavista usa escolas para doutrinar crianças na Venezuela	O Estado de S. Paulo	Imprensa
2014	EUA	Uma conversa sobre racismo	Não Encontrado	Não Encontrado
2013	Portugal	Marxismo em Lisboa, ó pá!	Blog Rodrigo Constantino	Blog Pessoal
2012	Cuba	Comunistas a la fuerza. El adoctrinamiento en la educación	Cuba Free Press	Imprensa
2012	Espanha	O catecismo do bom socialista	Fundación Faes	Sites Conservadores
2012	Espanha	Educação contra o mercado	Actualidad Economica	Imprensa
2012	Espanha	A doutrinação no banco	COPE	Imprensa

		dos réus		
2012	EUA	Reforma do Pensamento	Reason: Free Minds and Free Markets	Sites Ultraliberais
2012	EUA	Lavagem cerebral	Front Page	Sites Conservadores
2012	EUA	Estado unipartidão da América	The Economist	Imprensa
2012	EUA	Pesquisa revela pressão política generalizada em sala de aula	Students for Academic Freedom	Sites Ultraliberais
2012	EUA	Esquerdismo acadêmico bloqueia debate	Folha de São Paulo	Imprensa
2012	Itália	Senador italiano propõe CPI contra doutrinação em livros didáticos	Senato della Repubblica	Sites Governamentais
2012	Portugal	A História contada nas escolas	Sábado	Imprensa
2012	EUA	Pai é preso depois de protestar contra livro gay	WorldNetDaily (WND)	Sites Conservadores
2012	Cuba	Covardia estatal contra crianças	Não Encontrado	Não Encontrado
2012	Cuba	Infância corrompida pela mentira ideológica	Não Encontrado	Não Encontrado
2012	França	Indolence, égalité et stupidité	Não Encontrado	Não Encontrado
2012	França	Igualitarismo radical	Folha de São Paulo	Imprensa

Fonte: Conjunto de dados coletados no blog da ESP em 2023

Tais publicações ocorreram entre 2012 a 2014. A segunda coluna do Quadro 07 refere-se à relação entre os temas abordados nos textos e seus contextos nacionais. Três textos abordam Cuba, três estão relacionados ao contexto espanhol, sete tratam dos Estados Unidos, dois da França, um de Itália, dois se referem a Portugal e um a Venezuela. Alguns textos apresentam conteúdo e links corrompidos, o que impediu a análise, no entanto, todas as publicações versam sobre temas relacionados ao contexto educacional de cada país.

Assim como em outros textos já analisados, surgem elementos relacionados à “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural”. Por exemplo, no artigo intitulado “Pai é preso depois de protestar contra livro gay” (ESP, 2012h), é noticiado que nos EUA um pai protestou contra um livro que julgou ser “pró-homossexualismo”, que era usado na escola em que seu filho de seis anos estudava. A suposta “propaganda gayzista”, segundo a matéria, se justificava porque a obra incluía histórias de pais homossexuais. O pai exigia que a escola informasse quando seria abordado temas relacionados à sexualidade, numa

tentativa de policiar o que seu filho deveria ou não estudar. O interessante desse texto é que a ESP o publica no sentido de denunciar os perigos que a sociedade enfrenta por conta do conteúdo veiculado nas escolas. Na tradução para publicação no blog, o termo “homossexualismo” é utilizado em seu sentido pejorativo, uma vez que a homossexualidade não é mais considerada uma patologia. A expressão “famílias” homossexuais é escrita com aspas, também para questionar ou anular um modelo familiar não tradicional. Por fim, vale notar que o título é chamativo ao atribuir uma característica humana a um objeto, isto é, se imputa uma sexualidade a um livro, permitindo, assim, definir que o conteúdo é antagônico ao que preconiza os valores neoconservadores.

No texto “A História contada nas escolas” (ESP, 2012i), é reproduzido o editorial de uma revista portuguesa que “denuncia” um conjunto de livros de promoverem uma visão ideológica e perturbadora da história. O estímulo para a crítica dos livros são as abordagens da filosofia comunista, a definição do Exército Zapatista mexicano como um “movimento social” e a crítica feita sobre a crise dos sindicatos. Há um comentário inicial elaborado pelo administrador do blog, argumentando a importância da reportagem pela similaridade com o que estaria acontecendo no Brasil.

Levando em consideração a discussão deste tópico, é possível afirmar que há relações presentes entre mobilizações neoconservadoras cristãs espalhadas na Europa e nas Américas, cujo objetivo é pautar a agenda da educação pública, que visa transformar os currículos educacionais. A reação, no mais das vezes, se deve à revolta de setores da sociedade contrárias a discussões que rompem com os modelos tidos como corretos, em especial os conteúdos escolares voltados a gênero, sexo e sexualidade.

Para concluir o presente capítulo, as contribuições teórico-metodológicas discutidas subsidiam a interpretação sobre o perfil político e ideológico da ESP. O debate sobre o surgimento das “novas direitas” e do neoconservadorismo cristão são chaves de leitura para compreender quais são os valores e anseios que movem a associação movimentista. A crises da democracia, seja no Brasil ou em outros países, também sugere que o cenário instaurado a partir da década de 2010 possibilita as condições para a ascensão da ESP, e, em um

movimento sinérgico, acabou fortalecendo a extrema direita, como um todo, no país.

O avanço do neoconservadorismo cristão e da ESP pode ser explicado pela disseminação do pânico moral na sociedade brasileira. A partir dos sintagmas “ideologia de gênero” e “marxismo cultural”, a perseguição às transformações na educação brasileira, que visavam uma formação humanística e compromissada com o respeito à diversidade sexual e de gênero, foram em parte neutralizadas com discursos e campanhas demonizantes das mudanças propostas. Parte disso foi angariado mediante as radicais mudanças comunicacionais e de produção e compartilhamento de informação propiciadas pelas mídias digitais e redes sociais. Percebe-se a moralidade cristã como baluarte das investidas contra as políticas públicas educacionais, buscando estabelecer que são as “famílias tradicionais”, em vez do Estado, que poderiam decidir o que deve ser ensinado nas salas de aula.

Outros conceitos, outras preocupações analíticas e outros dados empíricos não tratados na presente tese permitiriam nuances que aqui não foram abarcadas. Todavia, os argumentos expostos, além de corroborar uma série de análises já produzidas sobre a ESP, avança na compreensão sobre sua perspectiva, sua agenda e suas estratégias de mobilização.

2. A ESP em atuação e a disputa pelo poder (2004-2018)

No primeiro capítulo, discutimos a ESP e seu vínculo profundo com o neoconservadorismo cristão. Ao estabelecer as bases conceituais, exploramos a relação entre o neoconservadorismo cristão, a crise democrática global e os pânicos morais que impulsionam a ESP no Brasil. Analisamos como o neoconservadorismo cristão se manifesta globalmente, influenciando estruturas democráticas e, em seguida, examinamos as especificidades do caso brasileiro, destacando como as questões religiosas se entrelaçam com a política e desafiam os princípios democráticos. O pânico moral, impulsionado pelas categorias "ideologia de gênero" e "marxismo cultural", foi discutido como uma força motriz por trás da associação movimentista, enquanto observamos o caráter transnacional dessa "luta" na era das redes sociais e das mídias digitais. Essa discussão serve como base sólida para a análise proposta no segundo capítulo.

O primeiro tópico, intitulado " 'No princípio Nagib criou a ESP': do 'porno-marxismo' ao impulso jornalístico", contribui para entender como a influência da ESP no cenário político e educacional começou a se formar, a partir de 2006. Nesse período, destacados jornalistas e veículos de comunicação deram voz a críticas e "denúncias" relacionadas à educação brasileira, criando um ambiente de perseguição à suposta doutrinação ideológica nos governos do PT. Isso lançou as bases para a construção do clima de hostilidade que caracterizaria os anos seguintes.

O segundo tópico, "A ESP em evidência: imprensa e incursão no legislativo e judiciário", aborda o período a partir de 2010, quando as críticas ao governo petista e às políticas educacionais ganharam força. Essas críticas passaram a influenciar o cotidiano das escolas, de modo a levar professores a evitar conteúdos considerados ideológicos, resultando em uma forma de autocensura. Além disso, a direita e a extrema direita passaram a pautar projetos para a educação, e a ESP buscou acionar o Poder Judiciário para penalizar gestores educacionais e professores acusados de doutrinação.

O terceiro tópico, "A ESP nas eleições de 2018: o neoconservadorismo cristão alcança o poder", examina como o neoconservadorismo cristão usou estrategicamente o discurso contra a doutrinação nas escolas como um pânico moral. Tal discurso incutiu na sociedade a preocupação com um problema causado, seja pela esquerda, seja pelo feminismo, o que contribuiu para o sucesso eleitoral da extrema direita, capitaneada por Bolsonaro. A ascensão desses grupos no Poder Legislativo e a conquista do poder no Executivo está interligada com a influência da ESP no cenário político.

2.1. “No princípio Nagib criou a ESP”: do “porno-marxismo” ao impulso jornalístico

Como mencionado na introdução dessa pesquisa, a ESP surge em 2004 por conta de uma profunda insatisfação vivenciada por aquele que viria a ser o coordenador da associação movimentista, Miguel Nagib. Na entrevista que concedeu à Bedinelli (2016), Nagib afirma que o estopim para agir contra o que entendia como doutrinação ideológica ocorreu em setembro de 2003, quando ouviu de sua filha que o professor da sua escola tinha comparado Che Guevara com São Francisco de Assis. Para Nagib, a comparação feita pelo docente era descabida e estimulava os alunos a tratar o líder revolucionário latino-americano como um santo. O mito fundador, como apontou Paolin (2022), já apresenta conexões com os valores religiosos entre criação e criatura.

Assim, em 2004, após certa frustração em face dos resultados de suas ações mais localizadas, Miguel Nagib decide fundar o que nomeou à época como “grupo”. Outras explicações são dadas por ele para a constituição da ESP, em que base da fundamentação se assenta na sua perspectiva cristã. As ações de combate à “doutrinação ideológica” se justificam, segundo Nagib, pela presente prática do que intitula como "usurpação dos direitos dos pais na educação moral e religiosa de seus filhos", supostamente cometida pelos professores nas escolas. Conforme Bedinelli:

Para deixar mais claro, ele [Nagib] oferece dois exemplos: o de um professor marxista e, portanto, ateu, que pode expor na sala de aula sua visão de mundo, diante de alunos cujas famílias praticam uma

religião e acreditam em Deus; e o de professores que durante aulas de educação sexual digam para o estudante que "não há problema nenhum com sexo, com a pornografia e que masturbação faz parte da sexualidade", o que pode fazer com que o jovem tenha "uma vida sexual ativa estimulada pelos professores e as meninas engravidem, fazendo com que os pais paguem o pato." (Bedinelli, 2016).

Desde sua origem se percebe que a ESP se baseia em factoides construídos a partir de pânico morais, como a ideia de que professores incentivam a vida sexual de seus estudantes. Há também por parte de Nagib o estabelecimento de forte oposição entre correntes marxistas e o cristianismo, como inconciliáveis. Em relação a essa afirmação, vale dizer que muitos marxistas não são ateus, além disso, Nagib não traz à baila, seja por ignorância ou por estratégia, toda a história do cristianismo da libertação na América Latina, bem como outras experiências em que socialismo e religião traçam um mesmo caminho (Löwy, 2000; Connolly, 2019). Para justificar a importância da ESP e instaurar um clima favorável para as suas ações, era preciso desenhar um inimigo imponente e irredutivelmente maligno, assim como faz a Igreja Católica em períodos de crise, além das denominações evangélicas quando evocam a imponente figura do Diabo para mobilizar seus fiéis (Muchembled, 2001; Souza, Abumanssur; Leite Júnior, 2019).

Pesquisas apontam que a ESP seguiu irrelevante no debate público entre 2008 a 2010, ano este em que começa a ganhar visibilidade. Paolin (2022) afirma que a primeira vez que a associação movimentista ganhou notoriedade foi em 2008, mediante uma matéria publicada na revista *Veja*, que sugeria a existência da doutrinação nas escolas. Miguel (2016, p. 595) afirma que a associação movimentista "(...) permaneceu na obscuridade até o início da década de 2010". Colombo (2018) argumenta que isso ocorreu porque, até a sua ascensão, a ESP era entendida como uma associação irrelevante, exótica, histórica e alarmista, que seguia na contramão das importantes mudanças sociais que o governo progressista da época buscava implantar.

Embora concordemos com os autores que a ESP começa a galgar maior influência só a partir do início da década de 2010, o clima de perseguição aos professores e as denúncias contra uma suposta doutrinação ideológica começou a ter bastante visibilidade antes desse período, com a atuação de veículos de imprensa e de jornalistas.

O primeiro indício do aparecimento da associação movimentista no debate público se dá com uma reportagem publicada pela *Folha de S. Paulo* em 12 de junho de 2007, intitulada “Cartilha escolar do sistema COC é alvo de polêmica” (Tófoli, 2007). Tal reportagem trata sobre o direito que a ex-jornalista Mirian Macedo obteve na Justiça de manter um texto de sua autoria publicado no *site* da ESP, intitulado “Luta sem classe”³², cujo o conteúdo direcionava críticas ao sistema COC de ensino³³. Na época, Mirian afirmou que o COC utilizava um “método pedagógico porno-marxista”. Ao comentar sobre o caso, Tófoli descreve Mirian como estudiosa de doutrinação e marxismo, sem a utilização de aspas. Dentre os motivos que levaram Mirian a escrever o texto, é mencionado um material que relacionava a Igreja Católica com a legitimação da escravidão no Brasil.

A repercussão do texto publicado por Mirian gerou respostas das partes envolvidas. A diretora da escola em que a filha de Mirian estudava afirmou que teria decidido alterar o material didático antes mesmo da crítica da mãe da aluna, o que não foi o bastante, uma vez que a mãe retirou sua filha do estabelecimento de ensino. O COC, ao se deparar com a crítica de Mirian, enviou uma resposta à ESP, mas decidiu acionar a Justiça por conta do uso da expressão "porno-marxista", que considerou ofensiva. Ao ser questionado sobre a polêmica o representante da Editora COC afirmou que “Educar não é doutrinar”, além de defender que os textos criticados não estavam errados, no entanto, ponderou que poderiam melhorar a redação. Como se vê, as duas reações em face das críticas de Mirian produziram efeitos concretos, seja a alteração do material didático utilizado na escola, seja a hipótese de revisão de conteúdo dos materiais didáticos por parte da editora.

A ESP dá muita atenção ao que denomina “Caso COC”, com uma seção homônima em seu blog. Na seção constam interpretações e comentários sobre o andamento do processo judicial. Há também um compilado de mensagens de apoio que a ESP recebeu devido ao ocorrido, com seis publicações que somam 64 páginas de manifestações em apoio. Isso mostra o interesse da

³² Uma versão do texto com a resposta do sistema COC está disponível no blog da ESP (Macedo, 2011).

³³ O sistema COC é descrita como uma editora que produz materiais didáticos. Na época da reportagem a Editora COC tinha parceria com 280 escolas (Tófoli, 2007).

associação movimentista em provar que suas ideias eram aceitas socialmente.

Seguem alguns trechos das manifestações de apoio reproduzidas pela ESP:

“Certa bonum certamen Fidei” (I Tm VI,12). Combater o bom combate. Jamais desista, assim como você, existem inúmeras iniciativas contra essa partidização não somente da escola, mas da Igreja (veja em www.pascendi.org), da família, enfim, da sociedade como um todo. Principalmente, porque a pior ideologização que está sendo feita é com a perversa doutrina marxista. O combate, o bom combate, possui inúmeras frentes, você está em uma delas. Aprendi que um jovem cristão deixa de ser jovem, e há muito não é cristão, quando se deixa seduzir por doutrinas ou ideologias que pregam o ódio e a violência... Aprendi que um jovem começa perigosamente a envelhecer, quando se deixa enganar pelo princípio fácil e cômodo de que ‘o fim justifica os meios’, quando passa a acreditar que a única esperança para melhorar a sociedade está em promover a luta e o ódio entre grupos sociais, na utopia de uma sociedade sem classes, que se revela bem cedo na criação de novas classes.” (Papa João Paulo II, em 1980). [nome do apoiador] [cidade e estado do apoiador].

É preciso conter a doutrinação marxista, executada segundo Gramsci e em adiantado estado de dominação. É o que faz o nefasto foro de São Paulo, que procura recuperar na América Latina o que perdeu na Europa. O marxismo não deu certo em nenhum lugar do mundo. É uma ideologia entorpecente que visa controlar o estado com o apoio de jovens e sindicalistas, principalmente. [nome do apoiador] [cidade e estado do apoiador].

Quando vi meu filho de seis anos no Colégio Sagrado Coração de Maria, na Asa Norte, ter nas aulas de “religião” ministradas por uma freira na faixa dos sessenta anos, que só falava em MST, desigualdades e luta de classes, revoltei-me e entreguei uma carta desaforada na secretaria. Um absurdo. Sou plenamente consciente de que alguma coisa tem que ser feita para mudar essa doutrinação subreptícia e covarde. [nome do apoiador] [cidade e estado do apoiador].

Tendo estudado cerca de quinze anos no mesmo colégio particular, sou testemunha de que “o método pedagógico porno-marxista” existe e é praticado sem o menor pudor. Não escapam dele nem mesmo as escolas “católicas”. Falo por experiência própria. Já fiz uma pesquisa, e não conheço ninguém da minha idade que não tenha sido submetido a essa porca pedagogia. [nome do apoiador] [cidade e estado do apoiador].

Apóio [sic] o site escolasempartido e repilo toda e qualquer ação tendente a massificar o pensamento e a inibir a expressão da consciência individual. Educação é coisa séria e ser professor não é criar papagaios, mas sim ensinar a pensar, questionar, criticar e descobrir. Ensinar é apontar, com a sabedoria de quem está passos à frente, o caminho para os demais, para que sigam adiante, em liberdade, com os pés apoiados no conhecimento, e os olhos fitando o futuro, o novo, com coragem, confiança, rompendo dogmas e criando seus próprios referenciais. Espero que essa ação proposta seja indeferida em nome da liberdade de pensar e de se expressar. Beatriz Kicis (Brasília, DF) (ESP, 2012j).

A citação acima é relevante, pois representa uma seleção das mensagens de apoio que a ESP julgou pertinente publicizar no blog. Dentre as

expressões de solidariedade, há o uso de passagens bíblicas, citações de líderes cristãos e menções a outros supostos casos de doutrinação, ocorrendo inclusive em escolas confessionais. Encontramos também uma mensagem assinada pela então procuradora do Distrito Federal – atualmente, aposentada - Beatriz Kicis, que viria a ocupar as fileiras de combate do neoconservadorismo cristão anos depois, como deputada federal.

Além das publicações sobre o Caso COC, até 2009, há outras matérias publicadas na imprensa ou escritas por jornalistas que foram reproduzidas no blog da ESP.

Quadro 08 – Publicações reproduzidas no blog da ESP, oriundas da imprensa e/ou de jornalistas, entre 2006 a 2009

Data	Nome do documento	Autor/a	Publicação Original
2009	O Lulo-petismo na prova do ENADE	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2009	ENADE (2009)	Revista Veja	Revista Veja
2008	Esquerdopatia no vestibular da UFRGS (2008)	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2008	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008)	Zero Hora	Zero Hora
2008	Patrulha e mistificação no IPEA	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2008	Universidade de Brasília (2008)	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2007	Spinoza dança frevo ou toca viola caipira?	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2007	Universidade Federal de Pernambuco (2007)	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2007	Universidade Mackenzie (junho 2007)	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2007	Vestibular vermelho	Márcio Antonio Campos	Gazeta do Povo
2007	ENADE (2007)	Carlos Alberto Sardenberg	Portal G1
2007	ENEM (2007)	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2007	Nota do MEC sobre a cartilha anticapitalista de Mário Schmidt	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2006	068 Universidade Federal do ABC (2006) - I	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal
2006	067 Universidade Federal do ABC (2006) - II	Reinaldo Azevedo	Reinaldo Azevedo Coluna / Blog de Jornal

Fonte: Blog da ESP em 2023

Conforme o quadro acima, os 15 textos reproduzidos são assinados por profissionais do jornalismo, publicados originalmente na imprensa comercial. São dois textos de 2006, sete de 2007, quatro de 2008 e dois de 2009. Os

textos foram incluídos em duas seções do blog: “Corpo de Delito” e “Artigos e Vídeos”. A primeira seção se destina a exibir “artigos, textos e documentos que comprovam a instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos”, já a segunda, sem descrição, compila publicações online sobre temas concernentes à associação movimentista. Os textos procuram denunciar supostas ingerências do governo Lula nas universidades, nos vestibulares, nos institutos de pesquisa e nos exames nacionais aplicados pelo Ministério da Educação (MEC). Termos como: esquerdopatia, MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), vestibular vermelho, Lulo-petismo e ideologia abortista surgem nos títulos e no conteúdo das publicações.

Jornalistas de grandes veículos de imprensa da época compõem a lista de autores. Um artigo de Carlos Alberto Sardenberg, conhecido por seus posicionamentos direitistas, é reproduzido no blog. No texto intitulado “Socialistas nota 10”, mas que a ESP reproduziu com o nome “ENADE (2007)”, Sardenberg (2007) discorre sobre o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) do curso de serviço social. Partindo da pergunta “Por acaso a doutrina marxista é oficial e obrigatória no Brasil? ”, o jornalista critica algumas questões que constavam no exame e afirma que as respostas que o MEC considerava corretas era uma prova de “lavagem cerebral” orquestrada pelo governo petista.

Outros 11 textos do período são de autoria de Reinaldo Azevedo e revelam o espírito de denunciismo do que entendia como doutrinação ideológica. Ele é um renomado jornalista que atua nos grandes veículos de imprensa – atualmente jornal *Folha de S. Paulo*, UOL e Rádio Bandnews-FM além de redes sociais. Católico, Azevedo ficou bastante conhecido por suas posições neoconservadoras, de direita e de apoio às políticas neoliberais. Especialmente no período que datam suas publicações reproduzidas no blog da ESP, ele foi um importante militante e articulador de setores neoconservadores contra os governos petistas. Os ataques que fazia ao PT e a seus representantes do Executivo incluíam críticas às propostas de educação para a diversidade e a reprovação de políticas de combate à homofobia.

A relevância de Azevedo para compreender o impulso que o jornalismo concedeu às pautas defendidas pela ESP se comprova na quantidade de

textos por ele assinados e que foram reproduzidos no blog. A seguir, é apresentada uma tabela com dados de publicação dos textos do jornalista:

Tabela 02 – Textos de Reinaldo Azevedo, por ano de publicação, reproduzidos no blog da ESP

Ano	Frequência	%
2014	3	3,7
2013	3	3,7
2012	34	42,
2011	21	25,9
2009	2	2,5
2008	5	6,2
2007	9	11,1
2006	4	4,9
TOTAL (válido)	81	100,00
Omissos	0	0,00
TOTAL	81	100,00

Fonte: Blog da ESP em 2023

De 712 textos publicados pela ESP, 81 são de Reinaldo Azevedo, escritos entre 2006 a 2014, e totalizam 11,4% do total de publicações – alguns deles se repetem em seções diferentes do blog. É mais que o dobro de publicações assinadas por Miguel Nagib, que conta com 40 publicações (5,62% do total), perdendo apenas para publicações registradas pelo “Administrador do Blog” – que possui 143 publicações, 20,1% do total³⁴. Entre os textos de Azevedo, que constam do blog, encontramos críticas às políticas educacionais de diversidade sexual. Uma delas refere-se ao “kit-gay”, alcunha pejorativa do material “Escola sem Homofobia”, de projeto do então governo Dilma Rousseff, intitulado “Brasil sem Homofobia”, cujo objetivo era combater a intolerância contra a população LGBTQIA+. O material foi amplamente combatido por setores neoconservadores por ter sido considerado afrontoso aos valores cristãos, tendo tido destaque o então deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) na disseminação desse discurso (Maranhão Filho; Coelho; Dias, 2018). Em uma das publicações, Azevedo faz a seguinte pergunta: “declarar o fim da família tradicional é o novo objetivo da gestão de Fernando Haddad?”

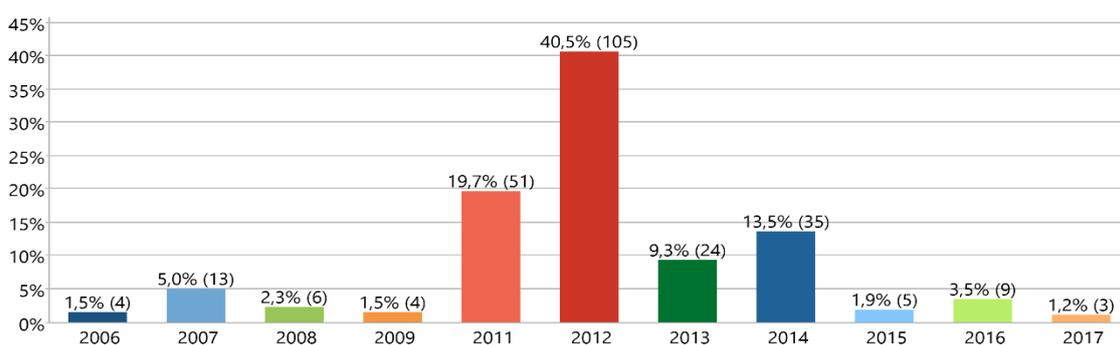
³⁴ Não há informação sobre quem administrava o portal, ainda que suspeitemos que tenha sido o próprio Miguel Nagib. Para essa pesquisa, procuramos diferenciar os textos publicados no blog em que constavam apenas o nome “administrador”, dos demais assinados por Miguel Nagib, uma vez que nesses últimos casos havia o interesse em revelar a autoria.

(Azevedo, 2014). Nota-se aqui uma junção entre neoconservadorismo cristão e antipetismo.

Outras duas publicações do referido jornalista³⁵ deixam evidente o interesse da ESP em articular os fundamentos de base religiosa com suas propostas. No texto “Guerra do petismo contra os valores da família”, publicado em 2012, Reinaldo Azevedo faz um chamamento aos cristãos – com maior atenção aos evangélicos – para combater o segundo governo de Dilma Rousseff, especialmente porque as propostas governamentais, segundo o jornalista, eram contrárias à noção de família cristã. Já no outro texto há a veiculação de um comentário feito no blog de Azevedo. O escrito tratava da formação de professores de escolas públicas do Rio de Janeiro sobre diversidade sexual e a conclusão do comentarista era que o material divulgado “É chocante, propaganda explícita do homossexualismo, ataque aos valores cristãos, à autoridade dos pais sobre os filhos, e à independência de idéias” (Azevedo, 2012).

Considerando todo o período de funcionamento do blog da ESP, encontramos 259 publicações oriundas da imprensa e escrita por jornalistas, representando 36,4% de todo o material publicado. O gráfico a seguir ilustra a distribuição das publicações por ano:

Gráfico 01 – Publicações reproduzidas no blog da ESP, por ano de publicação, oriundas da imprensa e/ou de jornalistas



Fonte: Blog da ESP em 2023

³⁵ Reinaldo Azevedo viria se tornar um grande crítico de Bolsonaro e do processo que culminou na prisão de Lula, tendo sido o primeiro jornalista, em veículo expressivo de mídia a entrevistar o ex-presidente após a saída deste do cárcere, em 1 de abril de 2021. Interessante observar ainda que em entrevista ao jornalista esquerdista Breno Altman em programa de YouTube do Opera Mundi, Azevedo fez questão de mostrar que tem um homem como marido: <https://bit.ly/3HS8NO0>. O jornalista também mudou de opinião sobre a ESP, argumentando que o movimento apresenta um caráter “policialesco” e “fascistóide”: <https://bit.ly/3qb1U44>. Acessos em 10 jan 2022.

Com base nos dados, é possível observar que há um crescimento acentuado de publicações, a partir de 2011, chegando ao pico em 2012 e decaindo nos anos subsequentes.

Não só a ESP reproduziu textos de jornalistas e da imprensa em seu blog. Alguns jornais e outros espaços de comunicação disponibilizaram espaço para a veiculação das ideias do coordenador da associação movimentista. Observemos o quadro abaixo:

Quadro 09 – Publicações de Miguel Nagib em canais jornalísticos reproduzidos no blog da ESP

Imprensa / Blog Pessoal	Frequência	Link de acesso
Gazeta do Povo	6	https://www.gazetadopovo.com.br/
Jornal O Globo	3	https://oglobo.globo.com/
Jornal Grupo Inconfidência	1	Link corrompido
Blog Rodrigo Constantino	1	https://rodrigoconstantino.blogspot.com/
Diário de Mogi	1	https://odiariodemogi.net.br/
Revista Consultor Jurídico	1	https://www.conjur.com.br/
Folha de São Paulo	1	https://www.folha.uol.com.br/

Fonte: Blog da ESP em 2023

O maior número de publicações deriva do site *Gazeta do Povo*, que dentre as “convicções editoriais”, destacamos: defesa da vida desde a concepção; o valor da família; a importância do casamento, tratando-o como “instituição natural” entre homem e mulher; o princípio da subsidiariedade: menos estado e mais cidadão; legislação sobre o casamento, deixando claro que se deve considerar legal apenas o casamento que gere proles; livre iniciativa; e a valorização da mulher, ressaltando a maternidade, “(...) que o movimento feminista desvaloriza (...)” (Gazeta do Povo, 2019). Outro espaço em que Nagib publicou seus escritos foi o *blog* do economista Rodrigo Constantino, conhecido pela defesa de agenda e de políticos de extrema direita. Constantino também tem uma coluna/blog no *Gazeta do Povo*, que se descreve como “(...) um liberal sem medo de polêmica ou da patrulha da esquerda ‘politicamente correta’”. Dentre outros espaços de publicações, os dois exemplos descritos mostram o perfil político e ideológico de canais de comunicação, que Nagib escolhia publicar seus artigos.

Para encerrar o debate sobre a relação entre imprensa, jornalismo e a ESP e seu primeiro impulso, gostaríamos de expor mais um caso que

repercutiu em 2007, e que o blog publicou entre 2011 e 2012. Ali Kamel, que ocupou por bastante tempo o cargo de diretor geral de jornalismo da Rede Globo, publicou em sua coluna do jornal *O Globo* um texto intitulado “O que ensinam às nossas crianças” (Kamel, 2007), denunciando um livro destinado aos estudantes das escolas públicas³⁶. Nas palavras de Kamel:

Não vou importunar o leitor com teorias sobre Gramsci, hegemonia, nada disso. Ao fim da leitura, tenho certeza de que todos vão entender o que se está fazendo com as nossas crianças e com que objetivo. (...) O livro didático "Nova História Crítica, 8ª série" [é] distribuído gratuitamente pelo MEC a 750 mil alunos da rede pública. O que ele leu ali é de dar medo. Apenas uma tentativa de fazer nossas crianças acreditarem que o capitalismo é mau e que a solução de todos os problemas é o socialismo, que só fracassou até aqui por culpa de burocratas autoritários. Impossível contar tudo o que há no livro. Por isso, cito apenas alguns trechos (...). Nossas crianças estão sendo enganadas, a cabeça delas vem sendo trabalhada, e o efeito disso será sentido em poucos anos. É isso o que deseja o MEC? Se não for, algo precisa ser feito, pelo ministério, pelo congresso, por alguém (Kamel, 2007).

A coluna repercutiu na época, gerando vários comentários favoráveis e contrários ao que o jornalista tinha escrito. O próprio Reinaldo Azevedo escreveu um texto, cujo título é “Por uma escola sem partido” (Azevedo, 2008), em que associa a volta da produção de reportagens da revista *Veja* sobre a suposta manipulação ideológica nas escolas.

Sim, VEJA voltará a fazer reportagens sobre a manipulação ideológica nas escolas, especialmente no ensino de história e geografia. E que se note: chegou a hora de trazer os pais para esse debate. A responsabilidade maior pela educação dos filhos, afinal, é deles. Essa é, sem dúvida, a conta mais pesada. (...) Ali Kamel, em *O Globo*, escreveu artigos essenciais sobre a manipulação ideológica dos livros didáticos. Neste blog, essa é uma preocupação permanente. Ao fim deste texto, vocês encontrarão uma série de links sobre o tema — apontando, também, as distorções hoje presentes nas provas oficiais. VEJA, reitero, certamente voltará à questão. (...) Que os pais sejam chamados ao debate, como fazem aqueles que hoje colaboram com o site Escola Sem Partido (Azevedo, 2008).

Como dito por Azevedo, ao final da coluna, há uma lista com 11 textos publicados entre 2007 e 2008 que versam sobre o que ele considerava ser “manipulação ideológica”. Os dois jornalistas – Ali Kamel e Reinaldo Azevedo – chamam atenção para o que julgam ser um problema generalizado na educação brasileira, do mesmo modo, incitam que órgãos competentes do Estado, bem como a sociedade, com foco na família, a aliarem-se em prol de

³⁶ Nos trabalhos de Moura (2018) e Moura e Silva (2020) há breve menção sobre o impacto que o texto de Ali Kamel proporcionou à época.

uma mobilização contra a “manipulação ideológica” e o “perigo” ao qual as crianças supostamente estariam submetidas.

Assim, podemos dizer que a imprensa e o jornalismo sedimentaram, já na segunda metade dos anos 2000, o caminho para a relevância política da ESP. Desde 2006, se observa o pânico moral como elemento constitutivo de parcela de publicações jornalísticas que versavam sobre a educação. Percebe-se que não se tratava de uma iniciativa individual de um jornalista ou de um veículo de imprensa, que publicava esporadicamente alguma reportagem a respeito. As publicações aqui mencionadas mostram que havia um esforço conjunto da imprensa hegemônica em denunciar a “doutrinação ideológica” que supostamente estava ocorrendo na educação brasileira. A contribuição foi retroalimentada com textos de jornalistas e da imprensa compartilhados pela ESP e Nagib publicando seus textos portais neoconservadores. Esse impulso inicial galvanizou espaço para o prosseguimento dessas publicações em jornais, blogs, colunas de opinião, entre outros, com a reprodução desse conteúdo pelo blog da ESP, até 2017. Em sequência, trataremos de outros fenômenos ocorridos que demonstram como a ESP foi ganhando influência no cenário brasileiro.

2.2. A ESP em evidência: imprensa e incursão no legislativo e judiciário

Os efeitos da ESP na política e na educação, entre os anos de 2010 a 2018, foi bastante analisado pela comunidade acadêmica. Alguns livros e artigos científicos apresentam um conjunto de reflexões, a partir das mais diferentes óticas, sobre a influência da associação movimentista no cenário político-educacional do país (Ação Educativa, 2016; Frigotto, 2017; Penna; Queiroz; Frigotto, 2018). Além dessas pesquisas, temos nossas próprias análises da ESP e seu nexos com a crise da democracia brasileira (Fonseca; Guidotti, 2021), seus laços com o neoconservadorismo cristão (Guidotti, 2022) e reflexões sobre seus interesses e efeitos no Brasil (Guidotti, 2020). Citamos também o coletivo “Professores Contra o Escola sem Partido” (2023), que

produz, aglutina e compartilha conteúdo sobre a ESP, além de monitorar iniciativas de censura na educação. Desse modo, acreditamos que análises, descrições e referências mais detalhadas podem ser dispensadas, permitindo uma discussão enfocada no que descobrimos na pesquisa que gerou a presente tese.

Em 2011, o primeiro evento que mostra o caminho que a ESP iria percorrer é a repercussão a partir das declarações que o então deputado federal Jair M Bolsonaro fazia sobre o “kit gay”. Ele iniciou uma cruzada contra as políticas de combate à homofobia articuladas pelo MEC, alegando que não admitiria “apologia ao homossexualismo” (Folha de S. Paulo, 2011). A importância que Bolsonaro concedeu ao tema foi tanta que chegou a colocar um cartaz em seu gabinete relacionando Fernando Haddad, à época, candidato à Prefeitura de São Paulo, com a defesa do “kit gay”, seguida do questionamento: “as crianças de 6 anos terão aula de homoafetividade nas escolas?” (Cabral, 2012).

Após Jair Bolsonaro relacionar o tema com o governo Dilma Rousseff, a bancada evangélica fez pressão para que fossem recolhidos os materiais do Programa Escola sem Homofobia (Guimarães; Falcão, 2011). Os materiais, que sequer tinham sido disponibilizados para as escolas, foram descontinuados com a suspensão do projeto. A ação de suspensão partiu da presidenta, afirmando que os materiais eram “inadequados” e “impróprios para seu objeto”. Segundo reportagem (Flor, 2011), a decisão ocorreu após uma reunião entre os deputados da bancada evangélica e o ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho. No encontro, os deputados afirmaram que os materiais estimulariam o “homossexualismo”.

No blog da ESP há 48 menções em 11 textos diferentes sobre o “Kit Gay”. Os textos foram postados entre 2012 a 2016. O quadro abaixo oferece um panorama da maneira como o tema foi tratado pela ESP:

Quadro 10 – Menções do “Kit Gay” e suas variações no blog da ESP

Data	Nome do documento	Autor/a	Origem
2016	A pedofilia vai à escola	Percival Puggina	Blog ESP
2014	Livros didáticos para a revolução socialista bolivariana	Orley José da Silva	Blog ESP
2013	Livro didático: ferramenta para a revolução socialista	Orley José da Silva	Mídia sem Máscara
2013	Fique de olho nesse livrinho. A escola do seu filho poderá adotá-lo	Sandro Guidalli	Portal Fé em Jesus
2012	Guerra do petismo contra os valores da família	Reinaldo Azevedo	Blog Reinaldo Azevedo
2012	1 - Farinha do mesmo saco	Folha de São Paulo	Folha de São Paulo
2012	2 - Farinha do mesmo saco	Reinaldo Azevedo	Blog Reinaldo Azevedo
2012	3 - Farinha do mesmo saco	Julio Severo	Blog Julio Severo
2012	“Especialistas” querem acabar com a autoridade moral dos pais sobre os filhos	Reinaldo Azevedo	Blog Reinaldo Azevedo
2012	Processem por dano moral as escolas e os professores que transmitirem aos seus filhos conteúdos que se choquem com os seus valores e convicções	Miguel Nagib	Gazeta do Povo
2012	Direito de resposta ao artigo “Conteúdo Imoral na Escola”	Miguel Nagib	Blog ESP

Fonte: Blog da ESP em 2023

Em uma das publicações, Julio Severo (2012) tece críticas ao “kit gay” do governo petista e sobre uma proposta semelhante desenvolvida pelo governo do PSDB de São Paulo. No decorrer do texto Severo mostra que as análises de Reinaldo Azevedo e do pastor Silas Malafaia – líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo - não conseguiram enxergar as grandes semelhanças entre as “cartilhas”. Ao concluir sua análise sobre os materiais, há a citação de um trecho bíblico e o chamamento público para lidar com a situação: “Cada um, pois, use o conhecimento aqui disponível para ajudar os líderes cristãos, eleitores e seus filhos a não serem destruídos pelas forças da depravação adotadas pelo PT e PSDB”.

Como já relatado em muitos trabalhos, a ESP começa a ser destacada no âmbito da educação e da política a partir de 2014. Pode-se citar como exemplos da influência intolerante, neoconservadora e até reacionária no campo educacional a atuação de grupos religiosos e da ESP na elaboração, em 2014, do último Plano Nacional de Educação (PNE), com a reiterada resistência à inclusão do termo gênero em sua redação. Em face da reação

neoconservadora, o PNE acabou não avançando com a garantia de políticas educacionais relacionadas à diversidade sexual e de gênero.

No *blog* são feitas 18 menções em 7 documentos do Plano Nacional de Educação (PNE), conforme quadro abaixo:

Quadro 11 – Textos do blog da ESP que mencionam o PNE

Data	Nome do documento	Autor/a	Origem
2018	MP processa colégio particular de BH por martelar ideologia	Adm ESP	Blog ESP
2016	Totalitarismo através da educação	Percival Puggina	GZH
2015	Ensino, educação e doutrinação	Odiombar Rodrigues	Blog ESP
2014	Plano Nacional de Educação: uma ameaça à liberdade	Rodrigo Constantino	Gazeta do Povo
2014	Plano Nacional de Educação: o que está acontecendo no Congresso	Luiz Gomes Jardim	Blog ESP
2014	Pais católicos reagem!	Klauber Cristofen Pires	Libertatum
2014	Plano Nacional de Educação irá aprofundar doutrinação no ensino	José Maria e Silva	Jornal Opção

Fonte: Blog da ESP em 2023

Como se pode ver, são três textos no ano de 2014, publicados no contexto da discussão e aprovação do PNE, um em 2015, outro em 2016 e outro em 2018. O artigo de Pires (2014), tratado anteriormente, menciona o PNE dentre as preocupações de católicos com o “anti-catolicismo ou anti-cristianismo” ensinado nas escolas. No comentário que Rodrigo Constantino (2014) faz sobre a tramitação do PNE, é dito que o Plano apresentava propostas autoritárias, coletivistas e estatizantes, além de “atacar” o núcleo familiar ao transferir muitas responsabilidades para o Estado. Desse modo, segundo o autor, a proposta estaria contribuindo para a “doutrinação ideológica esquerdista”.

Um texto de 2016 é assinado por Percival Puggina (2016). O perfil ideológico de Puggina é abertamente neoconservador cristão. Em seu blog pessoal (Conservadores e Liberais, 2023) constam frases e imagens de ícones da direita ou do neoconservadorismo, tais como: Margaret Thatcher, Ronald Reagon, Roger Scruton e Olavo de Carvalho. Percival se declara conservador, democrata em uma perspectiva ética cristã, pró-vida, liberal e defensor da propriedade privada. No texto reproduzido pela ESP, Puggina tece críticas à educação brasileira, indicando que o esforço dos conservadores na época da

aprovação do PNE em “retirar” a “ideologia de gênero” não foi o bastante. Afirma Percival que os conteúdos mínimos para o ensino fundamental se converteram “(...) num manual para homogeneizar cabeças e tornar hegemônica, no ambiente escolar, a ideologia que, há tempos, grassa e desgraça a educação brasileira”.

Quanto aos projetos de lei, em 2014, o então deputado estadual e filho de Jair Bolsonaro, Flávio Bolsonaro (PP-RJ), entrou em contato com Miguel Nagib solicitando uma proposta de lei com base nos anseios da ESP. Assim, surge o Projeto de Lei nº 2.974/2014, submetido à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Dentre os princípios que o PL imputava no sistema de ensino do estado fluminense citamos dois: o número VI, que propunha a “educação e informação do estudante quanto aos direitos compreendidos em sua liberdade de consciência e de crença”, e VII, referente ao “direito dos pais a que seus filhos menores não recebam a educação moral que venha a conflitar com suas próprias convicções” (ESP, 2014b). O artigo 2º do PL apresenta a seguinte redação:

É vedada a prática da doutrinação política e ideológica em sala de aula, bem como a veiculação, em disciplina obrigatória, de conteúdos que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos estudantes ou de seus pais (ESP, 2014b).

Neste PL, uma das principais preocupações era impedir o currículo e a atuação docente de tratar conteúdos que entrariam em conflito com as convicções religiosas e morais de estudantes e dos seus pais. O PL apresentava uma redação genérica, permitindo interpretações distintas sobre pontos sensíveis. Por exemplo, com base na proposta submetida, nada impediria que um pai nazista ou um estudante intolerante em relação às religiões afro-brasileiras alegassem conflito com as matérias escolares em face de suas convicções.

Após a primeira submissão de um PL baseado no programa da associação movimentista, Nagib disponibiliza no site da ESP modelos de anteprojeto de lei para o âmbito federal, estadual e municipal. O objetivo era que políticos e demais interessados utilizassem os modelos em suas cidades, estados e respectivas casas legislativas. Observou-se algumas diferenças na

redação entre os modelos de anteprojeto e o PL apresentado por Flávio Bolsonaro.

Uma das propostas do anteprojeto era a fixação de um cartaz em todas as salas de aula, que resumiria o conteúdo previsto caso a lei fosse aprovada. O cartaz, que apresentava os “deveres”³⁷ dos professores foi utilizado muitas vezes em falas públicas de Miguel Nagib. Destacamos dois dentre os seis deveres sugeridos. O segundo dever estabelecia que “O Professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou a falta delas”, e o terceiro apregoa que “O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções” (ES Brasil, 2018). Comparativamente ao primeiro PL elaborado, percebemos uma suavização textual da exigência da ESP para que as escolas e professores não discutam temas que possam conflitar com as convicções de estudantes e seus pais, no entanto, é perceptível a tentativa de censurar temas ou abordagens, sobrepondo os valores advindos de cada família à formação cidadã.

Assim, propostas de lei desabrocharam numa quantidade surpreendente por todo o país, o que indicou a ESP como um grupo relevante na conjuntura política e educacional nacional. Nesse contexto, Nagib (2015a) publica um artigo no jornal *Folha de S. Paulo* em que defende as tramitações. Afirma também que os anteprojeto estariam “despertando a fúria” de partidos que colhiam os frutos da doutrinação ideológica, supostamente em curso nas escolas. Em outro texto publicado no blog da ESP, Nagib (2015b) comenta sobre propostas de lei no estado do Paraná e desafia os detratores do projeto a provar que havia inclinações políticas ou ideológicas em tais propostas legislativas.

O levantamento de Moura e Silva (2020) aponta que, entre 2011 a 2019, 237 PLs que defendiam direta ou indiretamente o programa da ESP foram apresentados nos âmbitos: municipal, estadual e federal, sendo 214 oriundos de municípios e unidades federativas e 23 propostos no Congresso Nacional.

³⁷ Nos modelos de anteprojeto é utilizado o termo “funções” dos professores ao invés de “deveres”. A diferença pode ter o intento de suavizar a letra da lei para não transparecer seu teor autoritário.

Destes, 59 chegaram a ser aprovados. As autoras mostram que, entre 2015 e 2019, houve aumento significativo das proposições de leis desse teor.

Esse sucesso se deveu às articulações entre a associação movimentista e setores neoconservadores cristãos, católicos e evangélicos, como apontaram algumas pesquisas (Espinosa e Queiroz, 2017; Moura e Silva, 2020). Prova disso é que, em 2016, um grupo de evangélicos buscou pressionar o então presidente interino Miguel Temer em favor da ESP. Houve também ações conjuntas entre bispos, pastores e parlamentares evangélicos para que o governo recolhesse supostas cartilhas que veiculavam a “ideologia de gênero” (Bilenky, 2016). A pressão evangélica surtiu efeito e, em dezembro de 2017, o governo Temer excluiu menções de combate à discriminação de gênero na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e incluiu discussões sobre gênero e sexualidade no âmbito da disciplina de ensino religioso (Saldaña, 2017). O apoio às pautas da ESP repercutiu entre o segmento evangélico nas eleições municipais de 2016, mediante a mobilização de candidatos evangélicos alinhados com a associação movimentista (Arbex, 2016).

Com base na disseminação de uma narrativa imaginária segundo a qual as escolas brasileiras eram um antro de doutrinação, o veículo de imprensa aliado à ESP, *Gazeta do Povo*, lança em seu portal uma ferramenta chamada “Monitor da Doutrinação”. O objetivo era “receber relatos de “doutrinação ideológica” nas salas de aula brasileiras, que seriam publicados após rigorosa apuração jornalística” (*Gazeta do Povo*, 2017). A ferramenta não ficou muitos dias disponível em face das críticas que recebeu. Os efeitos desse caso, bem como o do famigerado “kit gay”, são analisados por Romancini (2018).

Além desse episódio, outros acontecimentos mostram como o clima de perseguição aos professores e às políticas educacionais estava instaurado no cenário político e social. Mencionamos brevemente alguns deles: intimidação de professores em visita de vereadores a escolas (Rodrigues, 2017); protestos contra a vinda ao Brasil da prestigiada filósofa Judith Butler, que chegou a ser agredida³⁸ (*Carta Capital*, 2017); e apurações persecutórias contra disciplinas e cursos acadêmicos (Brandino, 2018). Além desses casos, que ganharam mais

³⁸ Um texto foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo* sobre a agressão que ela sofreu no Brasil (Butler, 2017).

visibilidade pela imprensa, surgiram relatos de perseguição à professores em várias localidades do país. Um clima de policiamento foi instaurado nas escolas e muitos docentes começaram a ser sentir constrangidos a trabalhar determinados conteúdos que poderiam ser interpretados como “doutrinação ideológica”.

Neste contexto, em julho de 2018, houve a tentativa de aprovação do PL 7.180/2014 (Brasil, 2014) de autoria do deputado federal Erivelton Santana, do Partido Social Cristão (PSC-BA), apensando o PL 867/2015 (Brasil, 2015), de autoria do deputado federal Izalci Lucas (PSDB-MG), sendo que este último objetivava incluir, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido”. O PL 7.180/2014 camuflou os objetivos da ESP como proposições que denotam uma falsa impressão de íntima correlação com a garantia dos direitos humanos. O processo de votação desse PL na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, em 2018, foi conturbado, tendo havido conflito entre grupos pró e contra. Em dezembro de 2018, houve uma última tentativa de votação, que não ocorreu por conta de ações de grupos que defendem a educação laica – em especial legendas de esquerda: PT e PSOL, além de universitários e professores da educação básica.

A ESP não procurou atuar somente na tentativa de aprovar leis ou interferir na discussão dos planos decenais de educação, como também procurou acionar a Justiça. Em 2017, a associação movimentista obteve êxito na ação civil pública que contestava o princípio de avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM (Casado, 2017). Neste, antes, eram zeradas as redações que desrespeitassem os direitos humanos, pelo fato de isso ferir a liberdade de expressão e de religião, sendo que a ESP argumentou se tratar de “policiamento ideológico” (Brasil, 2017a; Brasil, 2017b)³⁹. Uma análise acurada sobre a questão foi feita por Neves (2018).

Um aspecto pertinente para compreender a incursão da ESP no Legislativo e judiciário é a interpretação de laicidade que constam nos textos acionados pela associação movimentista. O dispositivo constitucional da laicidade é mobilizado para afirmar que as políticas educacionais violam as

³⁹ A associação movimentista disponibilizou em seu blog um modelo de petição inicial para que estudantes pudessem acionar Justiça contra o edital do ENEM de 2017 (ESP, 2017).

convicções morais e religiosas dos estudantes e de seus pais. Isto é, para a ESP deve prevalecer em sala de aula uma visão religiosa em detrimento da visão educacional, ao mesmo tempo em que o professor deve ter o direito de ensinar os conteúdos curriculares, mesmo aqueles científicos ou balizados pela perspectiva dos direitos humanos.

Em 2016, a ESP entrou com representação contra o presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), alegando que o ENEM, ao zerar redações que violassem direitos humanos, estaria ofendendo a liberdade de consciência e de crença dos estudantes. Em texto do blog, há um comentário de Miguel Nagib que ilustra a concepção sobre laicidade da associação movimentista:

Segundo Nagib, “ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade. (...) Por ser inviolável, a liberdade de consciência e de crença não permite que os direitos humanos sejam transformados em ‘religião’ do Estado laico e os indivíduos obrigados a professá-la, contra suas próprias convicções, para poder usufruir dos seus direitos.” (ESP, 2016).

A interpretação sobre a laicidade da ESP é confusa. Quando convém, busca acionar o dispositivo para defender a moral cristã contra conteúdos considerados “ideológicos”. Quando procura assumir uma roupagem de neutralidade, cita a laicidade como condição para que, além de alunos religiosos, os alunos que professam outras religiosidades, ateus e agnósticos possam ter suas convicções respeitadas.

Não é possível e nem desejável que uma escola coloque em primeiro plano as convicções morais religiosas de todos os alunos para que, assim, escolha quais conteúdos serão trabalhados. Como já abordamos em outros trabalhos (Guidotti, 2019; 2011; Guidotti; Faisting, 2021), o modelo de laicidade brasileiro garantido pela Constituição Federal abarca a pluralidade religiosa, mas não aceita a intromissão de valores religiosos em questões públicas, como por exemplo no ensino. A laicidade, de acordo com a interpretação de juristas e acadêmicos, não permite que se negue o tratamento de conteúdos escolares por motivos religiosos. Mesmo assim, deve-se levar em conta que a interpretação sobre a laicidade é disputada no cenário político e religioso brasileiro e a imprecisão interpretativa permite brechas para devaneios neoconservadores. Não à toa os projetos da ESP foram defendidos por setores

religiosos, católicos e evangélicos, pois esses segmentos viram uma esperança de evitar discussões sensíveis às suas convicções intransigentes.

Outro argumento utilizado pela associação movimentista é a suposta discriminação e perseguição de estudantes cristãos que ocorre nas escolas⁴⁰. As pesquisas acadêmicas não corroboram essa afirmação. Conforme balanço de estudos com a finalidade de analisar a relação entre laicidade e educação, um número de 104 pesquisas com resultados publicados, entre 1998 e 2017, mostraram que havia uma influência cristã nas escolas brasileiras, públicas e privadas, especialmente na disciplina de ensino religioso, influência que promove o proselitismo religioso nos espaços de ensino (Guidotti; Faisting, 2019). Ao contrário de toda a concepção que fundamenta a ESP, o que existe no Brasil é, em certa medida, uma colonização religiosa da escola pública (Cunha, 2013).

A interpretação de laicidade da ESP parte de sua concepção familista, segundo a qual o Estado deveria respeitar absolutamente todas as convicções religiosas, em detrimento de um currículo de promoção da dignidade da pessoa humana, do respeito à diversidade e do combate à intolerância religiosa.

Dessa forma, percebemos que, até o ano de 2018, a ESP conseguiu grande visibilidade na política e na sociedade brasileira. Sua influência foi perceptível nos âmbitos: nacional, estadual e municipal, com a submissão de projetos de lei e representações judiciais baseados em seus princípios. Mesmo com interpretações sobre a educação diametralmente opostas à realidade, tal contexto viria consolidar a ESP como uma bandeira política e eleitoral do neoconservadorismo cristão. É o que discutiremos no próximo tópico.

⁴⁰ Dados do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), entre 2011 a 2015, apontam que 7% das denúncias de intolerância religiosa ocorriam nas escolas (Fonseca; Adad, 2016). Fonseca (2018) afirma que a maioria das vítimas nos espaços escolares eram crianças evangélicas, sendo elas de maioria pobre e negra. Os dados do RIVIR não avançam nessa explicitação e, ao discutir a violência nas escolas a partir de pesquisas na imprensa, são mencionados“(...) problemas de alunos ou professores evangélicos em relação ao ensino da cultura afro-brasileira” (Fonseca; Adad, 2016, p. 47).

2.3. A ESP nas eleições de 2018: o neoconservadorismo cristão alcança o poder

No Brasil, a disputa eleitoral nas eleições presidenciais e para os demais cargos estava marcada, em 2018, pela crise da democracia e a ascensão da extrema direita. Em 2016 ocorrera o golpe contra Dilma Rousseff; em março de 2018 a vereadora negra do Rio de Janeiro pelo PSOL, Marielle Franco, foi assassinada por milicianos; e em abril de 2018 o ex-presidente Lula foi preso em decorrência da Operação Lava Jato, prisão esta que durou 580 dias e que se mostrou injusta diante dos desdobramentos de uma série de denúncias e investigações contra os operadores do direito envolvidos. Todo esse contexto demonstrava que o pleito eleitoral de outubro de 2018 seria marcado por discursos de ódio, pânico moral, *fake news* e antipetismo.

Treze candidatos disputaram a eleição presidencial, não levando em consideração à candidatura de Lula, que foi indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No pleito, várias correntes que se espalhavam em um degradê político-ideológico buscavam alcançar o cargo maior do Executivo. No segundo turno, foram para a disputa os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), e este, com 55% dos votos, se tornou o 38º presidente da República. Explorar o período eleitoral, com foco na campanha de Bolsonaro e nos resultados do pleito para os demais cargos, nos ajuda a compreender a importância que a ESP teve nessa quadra da história brasileira.

Começamos com a apresentação da candidatura de Jair Bolsonaro, com um resumo de sua biografia. Nascido em 1955, em Campinas, ele se formou oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em 1977, e atuou como capitão do Exército Brasileiro em Nioaque-MS, de 1979 a 1981. Sete anos depois, iniciou sua carreira política como vereador no Rio de Janeiro. Entre 1991 a 2018, ocupou o cargo de deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Ao longo de sua atuação política, esteve filiado a dez partidos diferentes (Biblioteca Presidência da República, 2023), e até o término desta pesquisa, em outubro de 2023, estava filiado ao PL. Lançou sua candidatura à Presidência em uma formação de cadetes da AMAN, em 2014, e se

consolidou-se como candidato da extrema direita brasileira nas eleições presidenciais de 2018. Abaixo estão algumas de suas preocupações políticas ao longo dos anos:

Em sua carreira política, defendeu a redução da maioria penal, o direito à legítima defesa e a posse de arma de fogo para cidadãos sem antecedentes criminais. Também atuou em favor de medidas para garantir a segurança jurídica das ações policiais. É o idealizador de uma proposta para tornar obrigatório o voto impresso no Brasil, medida que ele acredita que contribuirá para a realização de eleições mais confiáveis e passíveis de auditagem. Além disso, destacou-se na defesa dos valores cristãos e da família (Biblioteca Presidência da República, 2023).

Jair Bolsonaro é efetivamente um político de extrema direita que explicita seu neoconservadorismo cristão. Como deputado federal sempre foi considerado pela imprensa como partícipe do “baixo clero”, isto é, grupo de parlamentares irrelevantes nas disputas políticas. Mesmo assim, Bolsonaro ficou famoso pelas suas aparições públicas, primeiramente com as suas manifestações contra o “kit gay”, depois, participando de programas televisivos de humor e de “fococas”.

Em 2018, na corrida presidencial, o candidato do PSL fez declarações em aceno às pautas da ESP. Chegou a propor o ensino à distância para combater o marxismo e reduzir o custo com a educação pública (Fernandes, 2018). Em uma das declarações, Bolsonaro disse: "Escola sem partido é liberdade. Pode até discutir política dentro da sala de aula, mas não perseguir ninguém por sua ideologia. Isso aí é que é escola sem partido". Na época, também afirmou que “pretende tirar do MEC a influência do educador Paulo Freire para combater o pensamento crítico”. Como contraproposta disse que as escolas militares seriam uma alternativa para a educação brasileira (Fernandes, 2018). Em entrevista ao televisivo *Jornal Nacional*, o então presidencial chegou a mostrar em rede nacional um livro que acusava de estimular sexualmente as crianças e incitar a pedofilia. Bolsonaro afirmou que o livro era distribuído pelo MEC, e que seria um grande perigo para os estudantes (Brandino *et al*, 2018).

A candidatura de Jair Bolsonaro, que tinha como *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, também era marcada pela menção a um versículo bíblico: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Sua proposta de

governo era recheada de “denúncias” contra elementos atrelados à “ideologia de gênero” e ao “marxismo cultural” (Jair Bolsonaro, 2018). Segundo o documento, a família é sagrada e o Estado não deveria intervir em sua configuração, além disso, o Brasil precisaria se livrar de “ideologias perversas”. Em uma página, há a seguinte afirmação:

A NOSSA BANDEIRA É VERDE E AMARELA

Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira. Queremos um Brasil com todas as cores verde, amarelo, azul e branco.

PRECISAMOS NOS LIBERTAR! VAMOS NOS LIBERTAR! (Jair Bolsonaro, 2018, p. 22, destaque no original).

Entre os desafios que Bolsonaro julgava ser necessário enfrentar, incluía a educação, que segundo a Proposta estaria à beira do colapso. Dentre as linhas de ação, constava para a saúde e educação: “(...) Melhorar a saúde e dar um salto de qualidade na educação com ênfase na infantil, básica e técnica, sem doutrinar”. As passagens da Proposta de Governo revelavam as preocupações do candidato Bolsonaro com a “doutrinação ideológica”:

Conteúdo e método de ensino precisam ser mudados. Mias matemática, ciências e português, SEM DOCTRINAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO PROCOCE. Além disso, a prioridade inicial precisa ser a educação básica e o ensino médio / técnico (Jair Bolsonaro, 2018, p, 41, destaque no original).

Além de mudar o método de gestão, na Educação também precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), impedindo a aprovação automática e a própria questão de disciplina dentro das escolas. Hoje, não raro, professores são agredidos, física ou moralmente, por alunos ou pais dentro das escolas

Um dos maiores males atuais é a forte doutrinação (Jair Bolsonaro, 2018, p. 46, destaque no original).

No período eleitoral, a imprensa chegou a denominar a ESP e a “ideologia de gênero” como “motores de Bolsonaro”, em alusão à importância que o presidente depositava nessas agendas em face de sua efetividade política (Saldaña, 2018). No segundo turno das eleições de 2018, o candidato de extrema direita desceu o tom sobre muitas de suas propostas para conseguir alianças importantes, mas não abandonou declarações sobre a “doutrinação nas escolas” (Gois, 2018).

Encerrada as eleições, em uma de suas primeiras aparições públicas como vitorioso nas urnas, Jair Bolsonaro concedeu entrevista e agradeceu a Deus pelo resultado eleitoral. Após as falas informais, o candidato eleito iniciou o “discurso da vitória” com o mesmo trecho bíblico que costumava utilizar em suas falas; disse que sempre sentiu a força de Deus e do povo brasileiro; mencionando a “ameaça” do rumo que o Brasil estava seguindo; e afirmou que as relações internacionais não seriam mais estabelecidas pelo “viés ideológico” (G1, 2018a).

Além disso, o resultado eleitoral para governadores, senadores, deputados federais e estaduais também evidenciou a influência que a ESP teve no pleito. Conforme pesquisa jornalística de Calçada (2018), 15 dos 27 governadores eleitos em 2018 assumiram direta ou indiretamente apoio à agenda da associação movimentista. Quanto à Câmara dos Deputados, a tabela abaixo mostra o apoio que a ESP passou a angariar com base no resultado eleitoral:

Tabela 03 – Bancadas eleitas e apoio à ESP nas eleições de 2018

Partido / Bancada	Deputados eleitos	% na Câmara dos Deputados	Apoio à ESP
DEM	29	6,8	Apoiava
MDB	34	7,9	Apoiava
PDT	28	6,5	Não apoiava
PODEMOS	11	2,6	Apoiava
PP	37	8,6	Apoiava
PR	33	7,7	Apoiava
PRB	30	7	Apoiava
PSB	32	7,5	Não apoiava
PSD	34	7,9	Apoiava
PSDB	29	6,8	Apoiava
PSL	52	12,1	Apoiava
PSOL	10	2,3	Não apoiava
PT	56	13,1	Não apoiava
SD	13	3	Apoiava
TOTAL	428	100	-
Total Parlamentares que poderiam apoiar a ESP	302	70,6	Apoiavam
Total Parlamentares que não poderiam apoiar a ESP	126	29,4	Não Apoiavam

Fonte: Adaptado a partir de Calçada (2018)

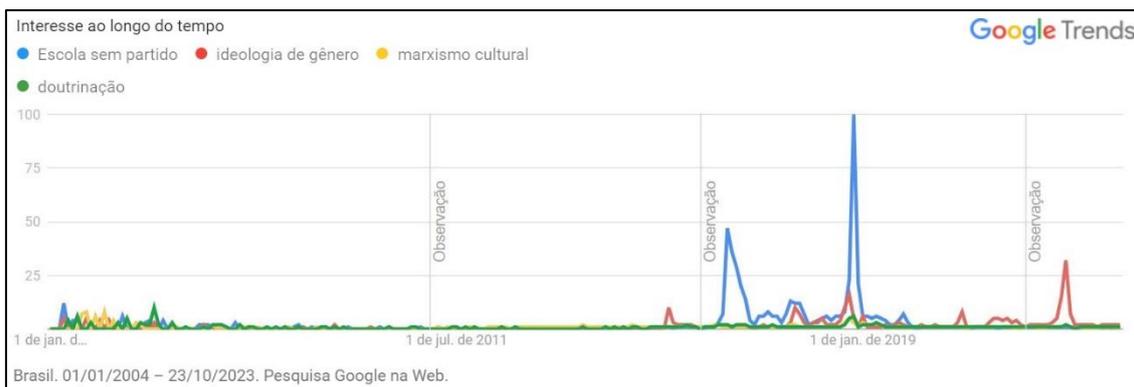
A pesquisa jornalística conseguiu mensurar a posição de 428 deputados e de 14 partidos, com base nas “informações [que] foram obtidas através do posicionamento oficial dos partidos nos respectivos sites ou por meio do

comportamento em Comissão Especial dos legisladores eleitos anteriormente” (Calçade, 2018). Ao analisar esses dados é preciso levar em consideração que o comportamento político dos deputados não é inexorável às posições que o partido ou que as bancadas determinam. Assim, observa-se que 4 bancadas partidárias eram contrárias às pautas da ESP, contra 10 bancadas favoráveis à associação movimentista. Quanto aos deputados, 302 poderiam apoiar a ESP, representando 70,6%, e 126 poderiam não apoiar, representando 29,4%, assim, o possível apoio às pautas da ESP era pelo menos duas vezes maior, conforme se observa no levantamento.

O resultado do pleito de 2018 também marcou um crescimento vertiginoso do neoconservadorismo no Congresso Nacional, como nunca antes visto nos 40 anos anteriores. Queiroz (2018) afirma que a direita saiu vitoriosa com a eleição de 209 deputados, seguidos dos demais espectros políticos que, individualmente, não chegaram a somar 100 deputados eleitos. Houve fortalecimento das bancadas: ruralista, de segurança e evangélica, em detrimento a bancadas relacionadas à área social, aos direitos humanos, ao meio ambiente e aos trabalhadores. A força da bancada evangélica demonstrava que a ESP saía fortalecida da disputa eleitoral.

A influência da associação movimentista nas eleições de 2018 é considerável. A imprensa publica muitas reportagens sobre a relação entre a agenda da ESP e a sua contribuição para a *performance* eleitoral do então presidenciável extremista de direita. Além disso, candidatos neoconservadores cristãos que pleiteavam os mais diversos cargos inserem elementos em suas campanhas narrativas em prol da ESP, ainda que não necessariamente a citem nominalmente. Para se ter uma ideia da popularidade da associação movimentista nesse período, vejamos o gráfico de pesquisa sobre o termo no Google Trends:

Figura 04 – Frequência de pesquisa do termo “Escola sem partido” no Google, período de 2004 a 2023, em comparação com outros termos (valores relativos)



Fonte: Google Trends, 2023

Com base na consulta de termos pesquisados no Google Trends, o maior pico de pesquisa sobre a ESP, entre 2004 a 2023, foi em novembro de 2018, com valor relativo de 100. Outubro e novembro de 2018 marcam 22 e 20 pontos, respectivamente. Há um pico significativo, em julho de 2016, com 48 pontos. Em síntese, o período contínuo em que a ESP foi mais buscada por usuários do Google no Brasil corresponde ao período de maio de 2016 a novembro de 2019. A comparação da pesquisa relativa mostra um aumento da tendência de pesquisa sobre os termos nos mesmos períodos, o que sugere que a mobilização das expressões se retroalimentam, principalmente nos períodos eleitorais. Após as eleições de 2018, a expressão “Escola sem Partido” foi comparativamente perdendo espaço nas buscas online, assumindo o primeiro posto de interesse a expressão “ideologia de gênero”, que atingiu seu pico no mês eleitoral de outubro de 2022.

A ESP decidiu atuar diretamente na eleição de 2018. A partir de um site⁴¹, procurou mobilizar a sociedade para que seus candidatos assinassem uma carta-compromisso com a agenda da associação movimentista. Na primeira página, o seguinte folder era apresentado:

⁴¹ Os dados analisados foram compilados do site “<https://www.programaescolasempartido.org/faca-sua-parte>”, e armazenados em arquivo pessoal. Até o momento da pesquisa, não encontramos nenhum trabalho publicado que tratou sobre esses dados.

Figura 05 – Folder da ESP nas Eleições de 2018



Fonte: Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar

No folder há a inserção de uma arte baseada na bandeira do Brasil, o que pode ser interpretado como uma relação entre a candidatura de Jair Bolsonaro e de demais candidatos que assumiram uma roupagem de “patriotismo” na disputa eleitoral. Em sequência, um texto orientava como as pessoas interessadas deveriam se mobilizar para que seu candidato firmasse compromisso com a ESP. Dentre os compromissos propostos, estava a defesa da família, além de sugerir que o interessado deveria demonstrar preocupação com “a doutrinação política e ideológica nas escolas”. Vejamos:

Deseja levar o Programa Escola Sem Partido para seu estado ou município?

É muito simples

- Identifique um deputado ou vereador comprometido com causas relacionadas a liberdade, educação e família.
- Envie uma mensagem expondo sua preocupação com a questão da doutrinação política e ideológica nas escolas do seu estado ou município.
- Se possível, marque uma reunião para sugerir a apresentação do Projeto de Lei que institui o Programa Escola Sem Partido. Não esqueça de levar o anteprojeto de lei!

Acesse aqui o anteprojeto de lei: Estadual / Municipal

Se você é eleitor, **NÃO VOTE EM CONDIDATO QUE SEJA CONTRA O ESCOLA SEM PARTIDO** (Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O *site* foi retirado do ar, grifos do original).

A ESP disponibilizou modelos de carta para os seguintes cargos: deputado estadual, deputado distrital, deputado federal, senador, governador e presidente, para que, assim, os candidatos interessados pudessem tornar público seu apoio. Para ilustrar o conteúdo da carta, escolhemos expor o modelo destinado aos candidatos a deputado federal:

Figura 06 – Modelo de carta de compromisso político público com a ESP – eleições 2018

ESCOLA
SEM PARTIDO

COMPROMISSO POLÍTICO PÚBLICO - ELEIÇÕES 2018

Eu, _____, como candidato(a) do Nome do partido ao cargo de Deputado Federal pelo Estado _____, assumo publicamente o compromisso de, sendo eleito(a), apoiar com meu voto projeto de lei contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária, nos moldes da proposta elaborada pelo Movimento Escola sem Partido.

Local, cidade, dia, de mês de 2018.

Colocar o nome do candidato aqui e assinar acima

Fonte: Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar

No modelo para deputado estadual, a ESP estabelecia que o candidato deveria apresentar, no primeiro mês do mandato ou apoiar com o voto, qualquer “projeto de lei contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária”, a partir dos anteprojetos da ESP. No modelo para deputado federal e senador, consta apenas o compromisso de apoiar com o voto o projeto de lei. No modelo para governador consta a proposta de encaminhar, no primeiro mês, um projeto de lei com o mesmo teor para a respectiva Assembleia Legislativa. No caso do modelo para presidente, a proposta era encaminhar o projeto para o Congresso Nacional.

No total 130 candidatos assinaram a carta e todos os documentos assinados foram disponibilizados no site. Além disso, havia uma aba com a foto e informações desses candidatos. A relação dos candidatos que assinaram a carta está disponível no Apêndice I, com as seguintes informações: nome, cargo em disputa, estado, partido e resultado eleitoral. Em seguida discutiremos algumas informações provenientes dos dados disponíveis no site da ESP em conjunto com dados oriundos do TSE.

Quanto ao resultado eleitoral, dos 130 candidatos, temos: 35 eleitos (26,9%), 22 não eleitos (16,9%) e 73 que ficaram na condição de suplentes

(56,1%). A seguir o conjunto de tabelas busca comparar os resultados eleitorais pelo número de candidatos que assinaram o compromisso com a ESP (130), demonstrando assim seu peso absoluto. A tabela abaixo apresenta o resultado eleitoral por cargo:

Tabela 04 – Cargos e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018

Cargo	Total	% Total	Eleito	% Eleito	Não Eleito	% Não Eleito	Suplente	% Suplente
Deputada Estadual	14	10,7	2	1,5	2	1,5	10	7,7
Deputada Federal	11	8,4	4	3,1	1	0,7	6	4,6
Deputado Distrital	5	3,8	1	0,7	2	1,5	2	1,5
Deputado Estadual	48	36,9	14	10,7	1	0,7	33	25,4
Deputado Federal	45	34,6	12	9,2	11	8,4	22	16,9
Governador	3	2,3	1	0,7	2	1,5	0	0
Senador	3	2,3	0	0	3	2,3	0	0
Senadora	1	0,7	1	0,7	0	0	0	0
TOTAL	130	100	35	26,9	22	16,9	73	56,1

Fonte: Elaborado a partir do cruzamento de dados do TSE com as informações do Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar

Com base na tabela, o maior número de candidatos que assinaram o compromisso com a ESP estava disputando as vagas para deputado estadual e distrital, e somando os dois cargos temos 67 candidatos (51,5% do total). Quanto ao pleito à deputado federal, temos 56 candidatos (43,1% do total). Na sequência, os candidatos ao Senado somaram 4 (3,1% do total) e os candidatos aos governos dos estados somaram 3 (2,3% do total). Nenhum presidenciável assumiu publicamente o compromisso com a ESP. O resultado eleitoral mostra que 26,9% do total foram eleitos, com maior número de deputados estaduais e federais, 16,9% não foram eleitos e 56,1% ficaram na posição de suplentes, neste último caso todos se resumem aos cargos de: deputado estadual, deputado distrital e deputado federal. No âmbito federal, dos 513 deputados federais e 81 senadores eleitos para a 55ª legislatura, 16 deputados e uma senadora (3,1% e 1,2% do total, respectivamente) assumiram publicamente o compromisso com a ESP.

A partir dos nomes de urna podemos intuir que 104 eram homens (80% do total) e 26 eram mulheres (20% do total)⁴². Informações sobre o resultado eleitoral a partir de recorte de gênero pode ser visualizado na tabela abaixo:

Tabela 05 – Gênero e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018

Gênero	Total	% Total	Eleito	% Eleito	Não Eleito	% Não Eleito	Suplente	% Suplente
Homem	104	80	28	21,5	19	14,6	57	43,8
Mulher	26	20	7	5,4	3	2,3	16	12,3
TOTAL	130	100	35	26,9	22	16,9	73	56,1

Fonte: Elaborado a partir do cruzamento de dados do TSE com as informações do Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar

O mesmo percentual relativo de candidatos homens e mulheres foram eleitos, com 26,9%. Em número absolutos 28 homens e 7 mulheres foram eleitos, representando, respectivamente: 21,5% e 5,4% do total. Em relação aos não eleitos, os homens somam mais, com 14,6%, e as mulheres, 2,3%. As mulheres tiveram maior êxito relativo na suplência, com 61,5%, e os homens 54,8%. No entanto, em números absolutos os homens superam em três vezes o número de candidatas eleitas ou suplentes.

A origem do compromisso com a ESP advém de vários estados do país. Vejamos:

Tabela 06 – Origem/unidade federativa e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018

Origem Estado	Total	% Total	Eleito	% Eleito	Não Eleito	% Não Eleito	Suplente	% Suplente
AC	1	0,7	0	0	1	0,7	0	0
AM	2	1,5	0	0	0	0	2	1,5
BA	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
CE	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
DF	10	7,7	2	1,5	5	3,8	3	2,3
MA	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
MG	18	13,8	7	5,4	1	0,7	10	7,7
MS	14	10,7	4	3,1	3	2,3	7	5,4
MT	5	3,8	1	0,7	2	1,5	2	1,5

⁴² Considerando o perfil político dos apoiadores da ESP, é improvável (mas não impossível) que algum candidato tenha uma identificação de gênero que destoe das imposições cisheteronormativas, mas o registro de que o dado pode apresentar variação diante dessa questão deve ser feito.

PB	2	1,5	0	0,0	1	0,7	1	0,7
PE	2	1,5	0	0,0	1	0,7	1	0,7
PR	7	5,4	2	1,5	2	1,5	3	2,3
RJ	19	14,6	6	4,6	2	1,5	11	8,4
RS	5	3,8	0	0,0	0	0	5	3,8
SC	7	5,4	4	3,1	0	0	3	2,3
SP	35	26,9	9	6,9	4	3,1	22	16,9
TOTAL	130	100	35	26,9	22	16,9	73	56,1

Fonte: Elaborado a partir do cruzamento de dados do TSE com as informações do Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar.

São Paulo é o estado com mais candidatos que assinaram a carta, com 26,9%, seguido do RJ (14,6%), MG (13,8%), MS (10,8%) e demais estados que apresentam um percentual menor que 8% individualmente. O estado paulista também é o que obteve maior número de eleitos, com 6,9%. Em números relativos, Santa Catarina é o estado que obteve o maior êxito eleitoral, com 4 dos 7 candidatos que assinaram a carta eleitos. Não à toa, o estado catarinense apresentou um elevado percentual de votação em Bolsonaro e demais políticos de extrema direita (TSE, 2023). A seguir vejamos a tabela a partir da filiação partidária dos candidatos:

Tabela 07 – Filiação partidária e resultado eleitoral dos candidatos que assumiram compromisso com a ESP nas eleições de 2018

Filiação Partidária	Total	% Total	Eleito	% Eleito	Não Eleito	% Não Eleito	Suplente	% Suplente
AVANTE	4	3,1	1	0,7	0	0	3	2,3
DC	1	0,7	0	0	1	0,7	0	0
DEM	6	4,6	2	1,5	0	0	4	3,1
MDB	1	0,7	1	0,7	0	0	0	0
NOVO	18	13,8	3	2,3	6	4,6	9	6,9
PATRI	5	3,8	0	0	2	1,5	3	2,3
PP	3	2,3	1	0,7	0	0	2	1,5
PPS	1	0,7	0	0	1	0,7	0	0
PR	4	3,1	3	2,3	0	0	1	0,7
PRB	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
PRP	3	2,3	1	0,7	1	0,7	1	0,7
PRTB	6	4,6	0	0	5	3,8	1	0,7
PSC	6	4,6	1	0,7	1	0,7	4	3,1
PSD	2	1,5	0	0	0	0	2	1,5
PSDB	5	3,8	0	0	2	1,5	3	2,3
PSL	60	46,1	22	16,9	2	1,5	36	27,7
PTC	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
PV	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7

SOLIDARIEDADE	2	1,5	0	0	1	0,7	1	0,7
TOTAL	130	100	35	26,9	22	16,9	73	56,1

Fonte: Elaborado a partir do cruzamento de dados do TSE com as informações do Programa Escola sem Partido – Faça sua parte. O site foi retirado do ar

Dois partidos despontam quanto ao número de candidatos que firmaram compromisso com a ESP: NOVO e PSL. O Partido Novo é caracterizado pelo ultraliberalismo, que preconiza uma sociedade organizada a partir dos interesses de mercado. Já o PSL, que foi o partido de Bolsonaro nas eleições, encampou a extrema direita brasileira de modo transparente. Quase 50% dos candidatos que firmaram publicamente compromisso com a ESP derivam do PSL e, dos 26,9% de candidatos eleitos, 16,9% advém do partido. Há também a presença de candidatos de partidos com manifesto vínculo religioso, como: Partido Trabalhista Cristão (PTC), Partido Social Cristão (PSC), Democracia Cristã (DC) e Republicanos, este último vinculado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)⁴³. Esses dados demonstram a relação entre visões neoconservadoras cristãs de partidos com a agenda da ESP.

Em resumo, a partir dos dados disponíveis no site da ESP, podemos dizer que o perfil do candidato que apoiou publicamente a associação movimentista nas eleições de 2018 é: homem, filiado a partido de direita ou de extrema direita, oriundo de estado em que a direita política possui relevância na disputa eleitoral, apoiador da primeira candidatura de Jair Bolsonaro e interessado em ocupar o cargo de deputado estadual ou federal.

Dentre os nomes que constam na lista de apoiadores públicos da ESP nas eleições de 2018, há políticos famosos pelos seus posicionamentos neoconservadores ou de extrema direita. Uma das deputadas estaduais é Ana Caroline Campagnolo (na época filiado ao PSL), que após o resultado das urnas, pediu aos estudantes do seu estado que denunciassem “professores que façam ‘queixas político-partidárias em virtude da vitória do presidente [Jair] Bolsonaro” (Carazzai, 2018). No entanto, ela mesma foi denunciada por um aluno por ter ministrado aulas usando uma camiseta estampada com a imagem de Jair Bolsonaro (Campos, 2018). Campagnolo é uma conhecida defensora

⁴³ Cerqueira (2021) faz uma análise da relação entre o PRB e a IURD, demonstrando como o partido é controlado para IURD e como a sigla é utilizada em prol de seus interesses político-partidários.

da ESP, que ganhou notoriedade após processar sua ex-orientadora de mestrado, a professora Marlene de Fáveri, acusando-a de “perseguição ideológica e discriminação religiosa” (Sayuri, 2018).

Presbiteriana, Ana Campagnolo se define como conservadora e antifeminista. Dentre os livros que já publicou, há os seguintes títulos: *Feminismo: perversão e subversão* (2019) e *Guia de bolso contra mentiras feministas* (2023), que espalham pânico moral a partir das expressões discutidas nesse trabalho. Em sua primeira publicação, dentre os temas discutidos por Campagnolo (2019), destacamos os capítulos: “Contestação moral religiosa e educação” e “O ódio ao cristianismo e a reação contra o totalitarismo feminista”.

Douglas Garcia também figurou entre os apoiadores da ESP nas eleições de 2018, eleito deputado estadual pelo PSL em São Paulo. Garcia foi fundador da “Direita São Paulo”, um grupo que propõe a formação de base conservadora desde 2016. Em outubro de 2018, o recém-eleito deputado afirmou publicamente que proporia para a Assembleia Legislativa de seu estado a criação de um canal de denúncias contra a doutrinação ideológica que supostamente ocorria nas escolas. Carlos Jordy, eleito deputado federal pelo PSL no RJ, já tinha um histórico de defesa da ESP. Em 2017, então vereador de Niterói-RJ pelo PSC, protocolou na Câmara Municipal o Projeto de Lei Nº 00049/201 que visava instituir “o Escola sem Partido” (Brasil. Câmara Municipal de Niterói - RJ, 2017). Garcia e Jordy compõem a tropa de choque da extrema direita no Brasil.

Outros nomes conhecidos na política é Arthur Moledo do Val, conhecido como “Arthur Mamãe Falei” e Kim Kataguiri. Arthur foi eleito deputado estadual e Kim eleito deputado Federal nas eleições de 2018, ambos por São Paulo e na época filiados ao partido Democratas. Arthur e Kim são membros do MBL e ganharam notoriedade após publicarem vídeos nas redes sociais em que invadiam escolas e universidades para denunciar supostos casos de doutrinação ideológica. Em 2017 Arthur publica um vídeo em seu perfil no YouTube comentando o debate em que ele e Kim Kataguiri participaram, cujo o tema era a Escola sem Partido (Mamaefalei, 2017). O perfil político-ideológico de ambos pode ser definido como de extrema direita.

No pleito de 2018, uma senadora e um governador apoiadores da ESP foram eleitos. Soraya Thronicke (PSL) foi eleita senadora em MS, e era conhecida pelos seus posicionamentos direitistas. Iniciou no Senado como aliada ao governo Bolsonaro, mas foi se descolando do então presidente sem deixar de manter posicionamentos à direita do espectro político. Em Minas Gerais, Romeu Zema, do Novo, foi eleito governador no primeiro turno. Zema foi defensor da ESP e em seu governo ampliou o número das escolas cívico-militares em seu estado, programa instituído no governo Bolsonaro e que pretendia militarizar o ensino na Educação Básica.

Portanto, diante do que foi discutido, fica evidente que as eleições de 2018 foi um marco para a ESP. Sua influência no pleito mostrou-se nos âmbitos: federal e estadual. Jair Bolsonaro, eleito presidente, nunca deixou de demonstrar interesse na agenda da ESP, mesmo em acenos indiretos à pauta da associação movimentista. A partir dos dados analisados oriundos do site da ESP, observou-se o apoio de candidatos e partidos de direita e de extrema direita, que sua maioria foram eleitos ou ficaram na suplência (26,9% e 56,1%, respectivamente)⁴⁴. Todo o estudo demonstra que o neoconservadorismo cristão abraçou a bandeira do combate à doutrinação nas escolas, mobilizando seu discurso persecutório contra professores, escolas e propostas pedagógicas críticas nas eleições de 2018. Não se pode afirmar que a ESP foi o principal elemento para a chegada do neoconservadorismo cristão ao poder, porém, o uso eleitoral de suas pautas contribuiu significativamente para a montagem daquele cenário.

Em síntese, o presente capítulo oportunizou uma melhor compreensão da história da ESP no período de 2004 a 2018. A partir de pesquisas já publicadas, análise do blog e do site das eleições de 2018, levantamento estatístico e estudo de sua trajetória. A partir de relevantes fontes jornalísticas, foi possível compreender como ocorrera a interlocução entre a ESP e segmentos do neoconservadorismo cristão.

⁴⁴ Nas eleições de 2022, dos 16 deputados federais eleitos que apoiaram a ESP em 2018, 09 foram reeleitos, 06 ficaram na suplência e um não participou do pleito. A senadora Soraya Thronicke finalizará o mandato em 2026. Já Romeu Zema foi reeleito governador por Minas Gerais.

No primeiro tópico pudemos analisar a origem e o impulso que a imprensa e o jornalismo propiciaram para a ESP. A base para a sua influência na política e na sociedade brasileira começou a ser construída desde 2006, com a veiculação de artigos de opinião e “denúncias” de jornalistas influentes em canais de comunicação muito acessados à época. Foi o início da instauração de um clima de perseguição contra a educação brasileira, tendo como alvos os governos do PT, tidos como progressistas ou até mesmo como comunistas por seus detratores.

A partir de 2010, as críticas ao governo petista, aos livros didáticos e às políticas públicas de educação aumentam e, com base na discussão do segundo tópico desse capítulo, começaram a influenciar o dia a dia de escolas, no trabalho dos professores e no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Conteúdos escolares entendidos como elemento da “doutrinação ideológica” são evitados por professores (Fagundez, 2018), em uma espécie de autocensura. Além disso, a força política da direita e da extrema direita ganha força e começa a pautar projetos para a educação brasileira, como o que ocorreu com o PNE de 2014. A investida neoconservadora cristã também procurou acionar o Poder Judiciário, no sentido de penalizar civil e criminalmente gestores educacionais, professores e outros profissionais da educação acusados doutrinação.

O terceiro tópico, ao discutir a ESP nas eleições de 2018, demonstra como o neoconservadorismo utilizou estrategicamente o discurso contra a doutrinação nas escolas como pânico moral, inculcando na sociedade um anseio por um problema inexistente e, assim, angariando êxito eleitoral. O aumento da extrema direita no Legislativo e a conquista do poder no Executivo federal indicam de algum modo a contribuição proporcionada pela ESP. Reiteramos que se deve levar em consideração a proporção desse apoio com outros elementos que contribuíram para a ascensão da extrema direita. A ESP não foi protagonista da ascensão do neoconservadorismo no Brasil, tampouco foi o elemento decisivo para a vitória da extrema direita nas eleições de 2018, porém, houve determinado impacto de sua agenda em todo esse processo.

No próximo capítulo, avançaremos para o período de 2019 a 2022, considerando especialmente duas variáveis cruciais: a ESP e o governo de Jair

Bolsonaro. Vamos explorar como esses fatores interagem e moldam o cenário político e educacional no Brasil nesse período.

3. O “fim” e o recomeço institucional: a ESP e o governo Bolsonaro (2019-2022)

O segundo capítulo apresentou a análise do modo como a ESP se consolidou como uma força política e educacional relevante no país, desde sua ascensão com influências jornalísticas até sua incursão no Legislativo e Judiciário. A conexão entre o discurso da ESP e o sucesso da extrema direita nas eleições de 2018 também foram destacadas, demonstrando como foi utilizado o pânico moral para angariar apoio eleitoral.

Agora, avançaremos para o período de 2019 a 2022, considerando a ESP e o governo Bolsonaro. A análise aborda um período recente e um fenômeno ainda muito explorado no âmbito da sociologia. Assim, salienta-se que mais estudos poderão aprofundar a compreensão sociológica.

Este capítulo apresenta a análise da trajetória da ESP no contexto do governo Bolsonaro. Procuramos investigar as iniciativas, os discursos, as ações oficiais e as políticas orquestradas presidente extremista de direita, seus ministros e demais membros do governo, ponderando suas similaridades com a agenda da ESP.

O primeiro tópico, "O neoconservadorismo no poder: o perfil da composição do governo Bolsonaro," trata da composição política, religiosa e ideológica do governo de extrema direita. Neste segmento, será possível identificar as semelhanças notáveis entre os valores abraçados pelo governo e os princípios que fundamentam a ESP. Observaremos como a afinidade entre a agenda da associação movimentista não se limitou apenas ao Ministério da Educação, mas se estendeu a outros ministérios, com perfis dos mandatários e iniciativas sugeridas alinhados ao objetivo declarado de combater a “doutrinação ideológica” nas escolas.

No segundo tópico, "O fim da ESP? Do abandono de seus apoiadores à inconstitucionalidade das leis," exploraremos as razões que levaram Miguel Nagib, o principal articulador da ESP, a anunciar a descontinuidade da associação. No entanto, é importante ressaltar que o encerramento oficial das

atividades da ESP não significou, de forma alguma, o desaparecimento de sua influência no debate público sobre as políticas educacionais.

No terceiro tópico, “Discursos e ações do governo Bolsonaro e sua relação com a agenda da ESP”, exploramos as iniciativas e posicionamentos do governo que se relacionam com a agenda da ESP. O levantamento das atividades governamentais permite demonstrar que a ESP se manteve viva, ainda que indiretamente, nas preocupações que Jair Bolsonaro e sua equipe apresentaram nesse período.

Este capítulo visa aprofundar a compreensão das dinâmicas políticas, educacionais e religiosas que buscaram moldar a educação no Brasil durante o governo Bolsonaro e a influência persistente da ESP nesse cenário. A análise apresentada aqui contribui para um entendimento maior das forças que influenciaram, de algum modo, o sistema educacional brasileiro nesse período e seu impacto na sociedade.

3.1. O neoconservadorismo no poder: o perfil da composição do governo Bolsonaro

Após o resultado eleitoral de 2018, surgiram especulações sobre a composição ministerial do governo Bolsonaro, que foram se elucidando a partir das definições do mandatário na Presidência da República. Em suma, as escolhas demonstraram o que já era esperado: um governo de extrema direita. Nesse sentido, vale tratar sobre o perfil de alguns indivíduos que compuseram o governo, enfocando os nomeados para o MEC, para caracterizar os aspectos políticos, ideológicos e religiosos de alguns integrantes do Executivo Federal nesse período

No Ministério da Economia (ME), o nome do ultraliberal Paulo Guedes era um dos mais cotados antes do resultado eleitoral. O escolhido de Bolsonaro é formado em Economia na Escola de Chicago, foi professor e participou como conselheiro na ditadura de Augusto Pinochet no Chile (1973-1990), uma espécie de laboratório a céu aberto do neoliberalismo (Montes, 2018). Seu flerte com o autoritarismo se mostrou presente no período em que

esteve no ME, declarando publicamente seu apreço por um novo AI-5 para conter críticas ou revoltas contra o governo (Betim, 2019). Na perspectiva do neoconservadorismo, Guedes representou a ala do libertarianismo econômico (Miguel, 2018), nome que permaneceu até o final do governo.

Para o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), Bolsonaro convidou Sergio Moro, que aceitou compor o novo governo (G1, 2018b). Moro, junto com o evangélico procurador Deltan Dallagnol, foram pivôs da Operação Lava Jato e de seus desdobramentos ilegais que culminaram na prisão de Lula, que em 2018 era favorito nas pesquisas e principal adversário político de Jair Bolsonaro. Moro foi um jurista de perfil punitivista, e defendeu ao longo do período em que esteve à frente do Ministério propostas que flertavam com os anseios da extrema direita, como o “excludente de ilicitude”. Para o neoconservadorismo, Sergio Moro representava o idealismo punitivo e o rigor criminal (Lacerda, 2019), além de personificar o discurso de combate à corrupção. Após uma crise entre Jair Bolsonaro e Sergio Moro, o então ex-juiz deixa o Ministério (Matos *et al*, 2020), e no seu lugar assume André Mendonça, advogado, evangélico e pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Pouco mais de um ano depois Mendonça deixaria o MJSP para assumir uma vaga no STF, fruto da pressão de líderes e políticos evangélicos para incluir um nome articulado com o segmento religioso. Bolsonaro também sempre demonstrou interesse em indicar um nome “terrivelmente evangélico” para a Suprema Corte brasileira (Furoni, 2021).

A Secretaria da Cultura também foi composta por nomes articulados com o neoconservadorismo. Um caso que ganhou notoriedade foi, em 2020, quando o secretário de Cultura do governo, Roberto Alvim, publicou um vídeo cujo conteúdo foi inspirado em Joseph Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista de Adolf Hitler na Alemanha. Sentado em uma cadeira, com uma bandeira do Brasil ao lado e um quadro de Jair Bolsonaro ao fundo, Alvim teceu críticas à cultura brasileira, que considerava degenerada, e afirmou: “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada” (Alessi, 2020). A repercussão do vídeo culminou na demissão de Alvim, e em seu lugar assumiu a atriz direitista Regina Duarte.

O caso ilustra uma contradição existente no neoconservadorismo, uma vez que se observa a presença do ideário neonazista ao mesmo tempo em que, com base nas experiências dos governos de extrema direita dos EUA e do Brasil, os neoconservadores demonstram apreço por Israel. Essa pesquisa não pretende se aprofundar nessa questão, mas tal conjectura pode ser em parte explicada por Lacerda (2019), ao discutir o sionismo como elemento do neoconservadorismo, algo ainda mais evidente em face do conflito militar entre Israel e grupo palestino Hamas, em 2023.

No Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), criado por Bolsonaro em aceno à sua base neoconservadora cristã, Damares Alves assumiu o cargo maior. Advogada e pastora, cujo o perfil já descrevemos anteriormente, Damares sempre se colocou em defesa da família tradicional e, em algumas de suas declarações, chegou a relacionar a submissão das mulheres como padrão ideal da sociedade (Alonso, 2018). Damares chamou a atenção logo no início do governo devido a um vídeo publicado em que afirmava a vinda de uma “nova era”, seguida da frase, aos gritos: “menino veste azul e menina veste rosa” (G1, 2019), algo muito reverberado pela ESP e pelos militantes em prol de uma educação conforme os supostos preceitos cristãos.

Outro caso que contou com participação ativa de Damares e repercutiu bastante no meio religioso neoconservador e da militância por uma educação condizente, foi quando tentou impedir o aborto legal de uma menina de 10 anos, colocando em risco a vida da criança (Vila-Nova, 2020). Os dois casos demonstram a materialização de ações baseadas no neoconservadorismo cristão, além disso, representam a reação da extrema direita à suposta influência da “ideologia de gênero”. Assim, podemos dizer que para o neoconservadorismo, Damares representava – em conjunto com outros nomes – a direita cristã.

Para as Relações Exteriores, foi nomeado o embaixador Ernesto Fraga Araújo. No período em que foi escolhido, Araújo era diplomata e diretor do Departamento de Estados Unidos, Canadá e Assuntos Interamericanos do Itamaraty (Rodrigues, 2018). O Ministro do Itamaraty de Bolsonaro procurou articular a política externa brasileira a partir da sua perspectiva ideológica, que

era fundamentada em muitas interpretações baseadas no combate ao “marxismo cultural”. No seu discurso de posse, em 2019, teceu críticas ao que nomeou “globalismo”, uma interpretação fantasiosa da globalização que afirma a existência de um plano global de dominação comunista (Oliveira; Ícaro, 2021). No período da pandemia do coronavírus, Araújo publicou um texto em seu blog⁴⁵ intitulado “Chegou o Comunavírus”, que foi reproduzido em vários veículos de imprensa. No texto, Araújo inicia com a seguinte frase: “O Coronavírus nos faz despertar novamente para o pesadelo comunista” (Araújo, 2020). No intento de tecer críticas a uma obra do filósofo Slavoj Žižek, Araújo escreve:

Žižek revela aquilo que os marxistas há trinta anos escondem: o globalismo substitui o socialismo como estágio preparatório ao comunismo. A pandemia do coronavírus representa, para ele, uma imensa oportunidade de construir uma ordem mundial sem nações e sem liberdade (Araújo, 2020).

Continuou sua crítica alegando que a pandemia seria útil para espalhar o “vírus ideológico” e assim, implantar o comunismo. No final do texto, alerta: “precisamos lutar pela saúde do corpo e pela saúde do espírito humano, contra o Coronavírus mas também contra o Comunavírus, que tenta aproveitar a oportunidade destrutiva aberta pelo primeiro, um parasita do parasita” (Araújo, 2020). Ernesto Araújo, igualmente como os outros ministros citados, representava um elemento importante do neoconservadorismo no governo Bolsonaro. Ao relevar seu intento em combater “marxismo cultural”, procurou estabelecer relações diplomáticas a partir desses princípios, ignorando ou fazendo pouco caso de países como: China e Venezuela.

A indicação de Ernesto Araújo, assim como os primeiros nomes escolhidos para assumir o MEC, que discutiremos em breve, evidenciou a influência que o “guru” da extrema direita, Olavo de Carvalho, teve na composição do governo Bolsonaro. Enquanto desenvolvia sua pesquisa sobre o retorno do Tradicionalismo, Teitelbaum (2020) obteve maiores informações sobre a participação de Carvalho nessas indicações e em demais aconselhamentos para o governo que se iniciara:

⁴⁵ Chegamos a buscar informações no blog de Ernesto Araújo, mas não encontramos. É provável que o blog tenha sido retirado do ar.

A rotina de Olavo alterara-se de maneira significativa depois que o populista Jair Bolsonaro se elegera presidente da República Federativa do Brasil. A mídia descrevia Olavo como o cérebro do novo governo; jornalista e funcionários do Planalto ligavam sem parar, chegando até a ir pessoalmente em sua propriedade na Virgínia (Teitelbaum, 2020, p. 223-224).

No início do governo Bolsonaro, mesmo com alguns conflitos entre a ala militar, representada, naquele momento, pelo vice-presidente Hamilton Mourão com a ala “olavista”, liderada pela pessoa que batiza o segmento, o presidente Jair Bolsonaro concedeu à Olavo de Carvalho, em maio de 2019, a Ordem do Rio Branco. Essa homenagem demonstrava a força que Carvalho tinha no governo, especialmente num momento de crise política interna. Na entrevista que o escritor concedeu a Teitelbaum (2020), ele afirmou que o Brasil, até aquele momento, não tinha uma boa expectativa de futuro, ainda que o novo governo pudesse fazer algo em relação a essa situação. Carvalho afirmou a seu entrevistador que a situação da educação brasileira era deprimente, citando as universidades, que, para ele era um espaço destinado para pessoas fazerem sexo. Em suma, o guru da extrema direita explicava a situação brasileira a partir de uma crítica do “apego ao materialismo”, e de certa forma sugeriu que o caminho para essa solução deveria vir, inevitavelmente, com um maior contato com Deus.

Foi a partir dessa concepção sobre o Brasil que Olavo de Carvalho orientou a indicação do já mencionado Ernesto Araújo, além do primeiro nome para a pasta da Educação, o professor colombiano, naturalizado brasileiro, Ricardo Vélez-Rodríguez (Fellet, 2019). Essa não seria a primeira escolha de Bolsonaro para o MEC⁴⁶, porém, após alguns nomes para a pasta gerarem descontentamentos na bancada evangélica (Uribe; Fernandes; Wiziack, 2018), Bolsonaro escolhe Vélez-Rodríguez, e assim, alguns deputados membros do segmento político e religioso se declaram “contempladíssimos” com a opção feita (Boldrini, 2018).

O perfil de Vélez-Rodríguez se assemelha ao de Ernesto Araújo e demais assessores, secretários e diretores que ocupavam escalões menores

⁴⁶ Na época da escolha dos ministros por Bolsonaro, a imprensa noticiou que o nome de Miguel Nagib (coordenador da ESP) foi cotado como ministro, além de outros simpatizantes da ESP, como Guilherme Zanina Schelb (Mascarenhas, 2018). No entanto, não se encontram dados que corroboram essa indicação, além de especulações jornalísticas.

no governo e que foram indicados por Olavo de Carvalho (Fellet, 2019). Em alguns textos publicados, Vélez-Rodríguez mostra sua afeição pela ESP e sua agenda. Em uma entrevista de 2004 disse que “todas as escolas deveriam ter Conselhos de Ética que zelassem pela reta educação moral dos alunos” (Folha de S. Paulo, 2018). Em seu blog pessoal, intitulado Rocinante, publicou um texto tratando sobre o conceito de “independência”, alegando que para entender o seu sentido era preciso saber qual é o valor supremo do convívio social e quais medidas permitiriam a existência desse valor (Vélez-Rodríguez, 2017a). Para ele:

O valor supremo do nosso convívio social deve ser a Liberdade. Incondicional. Sem adjetivos. A liberdade de ir e vir. A liberdade de pensar e de falar. A liberdade de tocar a própria vida do jeito que acharmos melhor. A liberdade de educarmos os nossos filhos de acordo aos valores tradicionais em que acreditamos. A liberdade de termos fé, sem que nenhuma organização queira nos impor um credo. A liberdade para todos, não apenas para uma minoria de felizardos (Vélez-Rodríguez, 2017a).

Uma das medidas para permitir a existência desse valor, disse Vélez-Rodríguez, seria a garantia das liberdades individuais. Essa medida seria a Escola sem Partido:

Escola sem partido. Esta é uma providência fundamental. O mundo de hoje está submetido, todos sabemos, à tentação totalitária, decorrente de o Estado ocupar todos os espaços, o que tornaria praticamente impossível o exercício da liberdade por parte dos indivíduos. É o velho princípio escolástico da "subsidiariedade", que devemos defender hoje. Ao Estado compete prover aquilo que não pode ser garantido, no convívio social, pelos corpos intermediários. Ora, no contexto destes situa-se a educação familiar. Ela não pode ser substituída pelo Estado. O Pátrio Poder precisa ser preservado. Todos os totalitarismos do século XX partiram para negar esse sagrado poder de a família educar os seus filhos. É a tentação do "politicamente correto" que se esconde hoje, por exemplo, nas propostas da "educação de gênero" veiculadas pelos gramscianos e outros grupos de inimigos totalitários da liberdade. No nosso país essa mefistofélica proposta está ameaçando as famílias. É uma das desgraças herdadas do lulopetismo, hoje replicada pela esquerda metida a sabichona. Essa proposta conta, aliás, com fortes aliados pelo mundo afora, inclusive dentro da Organização das Nações Unidas, onde a esquerda internacional tem os seus tentáculos. A ideologia de gênero é uma aberração que se destila desde algumas minorias intelectuais como por exemplo as que na Noruega defendem essa radical visão. Contra o globalismo politicamente correto que adotou a maluca proposta da "educação de gênero" devemos nos erguer com persistência. Essa maluquice, esse crime contra as nossas famílias, não pode prosperar no Brasil (Vélez-Rodríguez, 2017a).

Em outro texto, intitulado “Homossexualidade não é doença, mas ideologia de gênero é”, Vélez-Rodríguez (2017b) replica em seu blog um texto de Percival Puggina, nome que já abordamos nesta tese e que teve seus textos reproduzidos pelo blog da ESP. No texto, Vélez-Rodríguez afirma que a “ideologia de gênero” seria o fundamento de projetos educacionais e artísticos brasileiros, além de endossar comentários com teor homofóbico feitos por Puggina.

Já no final de 2018, próximo a ser indicado para o MEC, Vélez-Rodríguez (2018) publica o texto intitulado “Um roteiro para o MEC”. Na introdução, revela que seu nome foi escolhido para assumir o Ministério por conta da indicação do “professor” e “amigo” Olavo de Carvalho. Após tecer críticas aos governos petistas e à concentração de poder no Brasil, descreve algumas “tarefas” para o MEC, dentre elas, fazer com que a educação básica deixasse de servir à hegemonia política de uma casta que, nas últimas décadas, tornou:

(...) os brasileiros reféns de um sistema de ensino alheio às suas vidas e afinado com a tentativa de impor, à sociedade, uma doutrinação de índole cientificista e enquistada na ideologia marxista, travestida de “revolução cultural gramsciana”, com toda a coorte de invenções deletérias em matéria pedagógica como a educação de gênero, a dialética do “nós contra eles” e uma reescrita da história em função dos interesses dos denominados “intelectuais orgânicos”, destinada a desmontar os valores tradicionais da nossa sociedade, no que tange à preservação da vida, da família, da religião, da cidadania, em soma, do patriotismo (Vélez-Rodríguez 2018).

Nos textos percebemos elementos oriundos dos conceitos e expressões que abordamos neste trabalho para interpretar o neoconservadorismo cristão, como: pânico moral, “ideologia de gênero”, “marxismo cultural”, antipetismo e familismo (Miguel, 2019; Miskolci, 2021; Junqueira, 2022). Além disso, são presentes palavras-chave que aparecem no discurso da extrema direita brasileira. Vélez-Rodríguez temia que a educação escolar privasse os pais de educar seus filhos a partir de seus valores tradicionais. Além disso, estabeleceu como proposta de gestão para o MEC uma política educacional baseada numa leitura fantasiosa da realidade, e, como resposta, a educação brasileira precisaria contemplar os valores tradicionais da família e da religião. Toda a construção discursiva presente nos textos mostra a proximidade ideológica com a ESP.

Ricardo Vélez-Rodríguez foi o primeiro dos quatro ministros da Educação nomeados pelo governo Bolsonaro. Após o quadro abaixo, exporemos uma breve síntese dos motivos das mudanças e informações sobre os ocupantes do cargo.

Quadro 12 – Lista de Ministros da Educação nomeados no governo Bolsonaro (2019-2022)

Nome	Início do Mandato	Fim do Mandato
Ricardo Vélez-Rodríguez	Janeiro de 2019	Abril de 2019
Abraham Weintraub	Abril de 2019	Junho de 2020
Carlos Alberto Decotelli da Silva	Não tomou posse	
Milton Ribeiro	Julho de 2020	Março de 2022
Victor Godoy Veiga	Abril de 2022	Dezembro de 2022

Fonte: Elaborado a partir de dados coletados no site do Ministério da Educação, 2023.

Como se observa no quadro acima, Ricardo Vélez-Rodríguez permaneceu quatro meses à frente do MEC e foi substituído devido a uma série de crises internas e externas. Em seu lugar foi escolhido o nome do olavista e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Abraham Weintraub, que pouco depois de um ano no cargo, precisou deixar a função por crises que derivaram de suas declarações públicas, assim como seu antecessor. Na sequência, surge o nome de Carlos Alberto Decotelli da Silva, que não chegou a tomar posse devido a repercussão pública sobre as informações inverídicas que constavam no seu Currículo Lattes (CNN Brasil, 2020). Em seguida foi a vez do pastor presbiteriano e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Milton Ribeiro, que permaneceu no cargo por quase dois anos, quando em março de 2022 o governo oficializa sua saída em face de escândalos envolvendo o MEC e a liberação de verbas para pastores (G1, 2022). Por fim, o último a dirigir o MEC foi o servidor público Victor Godoy Veiga, que em comparação aos seus antecessores foi o que menos chamou atenção. As ações da gestão de cada ministro serão discutidas no tópico 3.3.

Outros ministérios também tiveram significativas alterações, considerando os cargos de primeiro ou demais escalões, no entanto, o MEC foi o que apresentou maior rotatividade de ministros, com cinco nomeações. Essa caracterização política, ideológica e religiosa a partir de alguns nomes do governo Bolsonaro demonstra o perfil neoconservador cristão das escolhas do presidente. No caso do MEC, é perceptível a escolha de quadros que

defendiam propostas atreladas à extrema direita, escolha que foi desidratada à medida em que a pasta promovia desgaste político. Certamente, há variação no nível de afinidade entre os nomes do governo e a defesa de ideias da extrema direita, no entanto, fica claro que a composição governamental flertava com valores e ações correspondentes à agenda da ESP.

3.2. O fim da ESP? Do abandono de seus apoiadores à inconstitucionalidade das leis

No decorrer dos primeiros anos do governo Bolsonaro, a ESP iria sofrer significativas mudanças, incluindo a comunicação do desligamento de Miguel Nagib da associação movimentista. O desligamento do coordenador da ESP significou, na prática, o fim das atividades oficiais da associação, que havia criado. Isso não significou, é claro, que a influência das suas ações na sociedade, especialmente na educação e nas escolas, não se fizesse evidente ou que estivesse em decadência. Dessa forma, o objetivo através desse tópico é discutir a trajetória da ESP, desde a vitória de Jair Bolsonaro até a comunicação da sua descontinuidade.

Logo após a vitória de Jair Bolsonaro, a ESP começa a fazer várias publicações em suas redes sociais alusivas ao momento político brasileiro. Como se observa a partir das publicações do seu perfil do Twitter (que, atualmente, é chamado de X), a atenção era dividida entre: publicar mensagens de opinião sobre a composição ministerial do governo Bolsonaro, denunciar a organização de protestos de alunos e professores contra Bolsonaro e comentar as decisões do Legislativo e Judiciário referentes aos projetos de lei inspirados na associação movimentista. Certa “distância” com o governo que iria assumir em 2019 era construída nas publicações, mas é inegável a expectativa depositada conforme os nomes dos ministros eram anunciados. Além disso, em 21 de novembro de 2018, a ESP publica um vídeo de Jair Bolsonaro reafirmando o compromisso com a associação movimentista (Escola sem Partido, 2018).

No entanto, algumas mudanças de posição de tradicionais apoiadores da ESP começaram a ocorrer. Como já citado, em 2018, o jornalista Reinaldo Azevedo começa a mudar de opinião e, em 2019, declara publicamente que a ESP tinha um caráter autoritário e fascistóide. Em resposta, a ESP começa a fazer várias publicações contra o jornalista, por exemplo, a réplica assinada por Nagib e publicada no perfil da ESP no Twitter:

Fascistóide é a mãe, @reinaldoazevedo. Chame as pessoas pelo nome, seu boquirroto irresponsável. O movimento Escola sem Partido tem milhares de apoiadores, vítimas dos abusos q vc bem conhece. Seja homem e me convide p/o seu programa q eu quero esfregar a CF na sua cara. M.Nagib (Escola sem partido, 2019).

As opiniões emitidas por Olavo de Carvalho também impactaram a ESP. Logo após a vitória de Jair Bolsonaro, Olavo publica um vídeo em seu perfil do YouTube, criticando os métodos escolhidos pela associação movimentista para alcançar seus objetivos (Olavo de Carvalho, 2018). Na época, Carvalho concede entrevista e é questionado quanto às falas públicas sobre a ESP, e assim responde:

Foram notas sobretudo para os fundadores do Escola sem Partido, que são pessoas amigas minhas. À medida que o movimento evolui na direção de um projeto de lei, a coisa se complica, porque o projeto de lei é prematuro, pelo fato de que não existe documentação científica a respeito do problema (do esquerdismo nas escolas e universidades). Você não pode começar um debate legislativo sem ter o debate científico primeiro. Acho que colocaram a carroça na frente dos bois. Nós não temos uma visão quantitativa da hegemonia comunista no ensino, e ainda estamos na esfera do argumento retórico. (O Antagonista, 2018).

Diferente de Reinaldo Azevedo, Olavo de Carvalho não rompeu com os fundamentos da ESP, mas sim com os seus métodos. Carvalho não concordava com a estratégia adotada pela ESP em propor a aprovação de uma lei. Para ele, primeiro era preciso disputar ideologicamente a sociedade, as escolas e as universidades, para assim instigar a mudança cultural desejada (Olavo de Carvalho, 2018).

O posicionamento de Olavo de Carvalho sobre a ESP impactou, no plano do discurso, a confiança que a ESP depositava no governo de extrema direita. Em 2022, Miguel Nagib, em uma interpretação sobre os acontecimentos do passado, apontou que um dos motivos do enfraquecimento da ESP foi o “abandono” de Bolsonaro a partir das declarações de Olavo de Carvalho:

Bolsonaro abandonou o ESP por causa de Olavo de Carvalho, inimigo declarado do nosso movimento a quem ele havia entregado as chaves do MEC. Sem o apoio de Bolsonaro, principal liderança do país, a base de sustentação social e política do movimento desapareceu. Esses são os fatos (Escola sem partido, 2022).

Aqui vale fazer algumas ressalvas. A interpretação de Nagib pode se referir apenas à associação movimentista, mas não necessariamente à sua agenda. Isto porque, mesmo com falta de apoio do governo à ESP, o acionamento dos “perigos” da “doutrinação ideológica”, da influência do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero” continuaram fundamentando o pânico moral que mobilizava a extrema direita do país. Não obstante, a percepção que a ESP teve de abandono por parte do governo Bolsonaro, não se comprova nas ações provenientes do MEC, como será demonstrado principalmente no tópico 3.3. Do ponto de vista político e social, não era mais necessária a existência de uma associação organizada, pois a narrativa da “doutrinação ideológica” já fazia parte do arcabouço retórico do neoconservadorismo cristão instalado efetivamente no governo federal.

Nesse contexto, como já apontamos em Guidotti (2020), a primeira vez que a ESP anuncia o encerramento de suas atividades acontece em julho de 2019, argumentando que não possuíam mais apoio para dar continuidade às atividades. A informação foi publicada nas redes sociais em conjunto com uma orientação: “Daí pra frente, denúncias, pedidos de socorro e orientação deverão ser dirigidos ao MEC, secretarias de educação, Ministério Público e políticos que se elegeram com a bandeira do ESP” (Guidotti, 2020, p. 06). Essa informação é contraditória com a interpretação de Nagib publicada em 2022. Mesmo que o interesse da publicação tenha sido chamar a atenção do governo e dos políticos que anteriormente apoiaram a ESP, não surtiria efeito sugerir a procura desse mesmo governo e dos políticos que Miguel Nagib julgava não o apoiar. O que estava em jogo era a influência política de Nagib e da associação movimentista, e não do zelo concedido pelos políticos de extrema direita ao “problema” da doutrinação ideológica. Todavia, alguns dias após a declaração de encerramento das atividades, uma postagem da ESP em seu perfil do Facebook informa que os recursos para manter ativa a associação movimentista foram obtidos, sem informar, contudo, a origem da solução (Guidotti, 2020).

Além da perda de apoio de antigos aliados da direita e da extrema direita, a ESP viria a sofrer um grande revés a partir da decisão STF referente a uma lei baseada em suas propostas. O julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 5537 ajuizada contra a Lei Estadual 7.800/2016 de Alagoas, considerou inconstitucional a proposta baseada no anteprojeto da ESP. Na prática, o julgamento da ADI nº 5537 estabeleceu jurisprudência para anular qualquer lei ou decreto com o mesmo teor.

Assim, em um cenário de perda de apoio político e a impossibilidade de continuar a defesa da aprovação de uma lei baseada em seus princípios, Miguel Nagib publica um texto no *site* da ESP com o seguinte conteúdo:

O adeus do fundador

Anuncio com tristeza o fim da minha participação no Movimento Escola sem Partido. Cessa, a partir de hoje, a atividade dos canais do ESP sob minha responsabilidade.

Brasília, 22 de agosto de 2020.

Miguel Nagib. (Nagib, 2020)

No site da ESP, ao lado da publicação da desistência de Nagib, há um vídeo de uma entrevista que o ex-coordenador da associação movimentista concedeu para Rádio Guaíba (Escola sem Partido, 2020). Na entrevista, ele afirma que a “natureza” da ESP exigia uma mobilização muito grande, e isso, em parte, foi conquistado pelo apoio de “grandes celebridades políticas”, como a observação que faz sobre as eleições de 2018:

Nós em algum momento tivemos esse apoio. O Escola sem Partido, para você ter uma ideia, chegou a pautar as eleições de 2018. A imprensa quando entrevistava os candidatos à Presidência da República perguntavam se eles eram a favor ou contra o Escola sem partido. (...) Então nós chegamos bastante longe nesse esforço de mostrar a sociedade brasileira a importância do problema que a gente genericamente chamou de doutrinação nas escolas e universidades. (Escola sem Partido, 2020).

Em continuidade, Nagib sinaliza uma mudança em relação ao apoio da ESP:

Mas de lá pra cá, desde novembro de 2018, quando as eleições acabaram e desde que o Bolsonaro foi eleito, esse assunto começou a cair no esquecimento (...). Nós notamos em algum momento que não tínhamos mais o apoio necessário para permanecer nessa luta. (Escola sem Partido, 2020).

Assim, percebendo a falta de apoio político e a diminuição de visibilidade nas redes sociais, o então coordenador declara seu abandono à causa. Além

desses apontamentos iniciais, Nagib comenta que perdeu o interesse em continuar na associação movimentista pela falta de ação do Ministério Público, que, segundo ele, também estaria cooptado ideologicamente da mesma forma que as escolas brasileiras. Além disso, critica decisões do STF contra as leis aprovadas baseadas na ESP. Em muitas de suas falas, durante a entrevista, Miguel Nagib deixa claro que o maior inimigo da ESP seriam os partidos e movimentos de esquerda, e critica outras forças políticas que não quiseram levar sua proposta adiante.

Diante do exposto, é possível afirmar que o que motivou a declaração de encerramento das atividades da ESP em 2020 se deve a dois motivos principais: a diminuição de apoio político e social e a decisão que tornou inconstitucional as leis baseadas em seus princípios. Contudo, é preciso salientar que o arrefecimento da ESP não significou um abandono do “combate” à “doutrinação ideológica” pelo neoconservadorismo cristão. Nagib ficou insatisfeito com atitudes concretas em prol da associação, mas o efeito social e o uso político da agenda da ESP nunca deixaram de existir. É o que procuraremos demonstrar no próximo tópico.

3.3. Discursos e ações do governo Bolsonaro e sua relação com a agenda da ESP

A partir do levantamento de relevantes fontes jornalísticas, esse tópico objetiva descrever um conjunto de ações realizadas pelo governo Bolsonaro que possuem relação com os valores e objetivos defendidos pela ESP.

Uma das propostas mais defendidas por Jair Bolsonaro para a educação foi a implementação do modelo de escolas cívico-militares, um arranjo que incluiu a participação de militares e civis na gestão e na área didático-pedagógica de escolas públicas. Esse projeto chegou a ser implantado em

vários estados brasileiros⁴⁷. Alguns dias antes de assumir o poder, Bolsonaro fez elogios aos modelos de escolas militares e criticou a influência da “ideologia de gênero”: “Isso é uma negação a quem é cristão e acredita no ser humano. Ou se nasce homem, ou se nasce mulher” (Rangel, 2018). Afirmou também, um dia antes da posse, que uma das soluções para melhorar a qualidade das escolas seria “combater o marxismo” e assim evitar a formação de “militantes políticos” (Fernandes, 2018). Essas declarações do presidente foram feitas após o rompimento de Olavo de Carvalho com os métodos da ESP. Isso significa que o governo de extrema direita, apesar das declarações do seu guru, não deixou de considerar a agenda do combate à doutrinação ideológica como um princípio de atuação.

No dia 1º de janeiro de 2019, no seu discurso oficial na cerimônia de posse no Congresso, Bolsonaro afirmou que uma de suas missões enquanto presidente era libertar o Brasil da submissão ideológica. Além disso, disse:

“(…) Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas. (...) Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. (...) Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política (...)” (Almeida, 2019).

Nesse discurso, percebe-se o interesse em apresentar as políticas de governo que visam a atender demandas da extrema direita e do neoconservadorismo cristão. Também se observa um aceno indireto ao combate à “doutrinação ideológica” e a pauta da ESP.

Já no segundo dia de governo, o então ministro do MEC, Ricardo Vélez-Rodríguez faz elogios à família, à igreja, aos valores tradicionais e disse que combateria o “marxismo cultural” na educação. Outra crítica feita pelo ministro em sua cerimônia de posse foi contra a “ideologia de gênero”, alegando que se tratava de uma ação que visa à destruição dos valores tradicionais:

⁴⁷ O Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim), política educacional do governo Bolsonaro, foi implementado em setembro de 2019 em estados que apresentaram interesse na proposta. As diretrizes do Pecim constam de um documento elaborado pelo MEC (Brasil, 2021).

"Essa tresloucada onda globalista, tomando carona no pensamento gramsciano (...), passou a destruir um a um os valores culturais em que se assentam nossas tradições mais caras: a família, a igreja, a escola o estado e a pátria, numa clara tentativa de sufocar os valores fundantes da nossa vida social." (Saldaña, 2019a).

Nesse sentido, uma das primeiras ações que o MEC produziu para “combater a doutrinação nas escolas” foi o desmonte da Secretaria da Diversidade, que visava tratar temas como: direitos humanos, educação étnico-racial e demais políticas relacionadas à diversidade (Saldaña, 2019b). Além disso, encaminhou alterações em um edital de produção de livros escolares, referente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Dentre as mudanças do edital, constavam: supressão de trechos sobre o combate à violência contra as mulheres e exclusão dos conteúdos sobre cultura quilombola e povos do campo. O edital também excluía o compromisso de os materiais didáticos tratarem sobre "a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país" (Saldaña, 2019c). Um dia depois do anúncio das mudanças do edital, o governo recuou e não deu continuidade com às suas propostas (Saldaña, 2019d).

A articulação entre o governo e parlamentares de extrema direita para combater a suposta doutrinação também foi noticiada. Ainda em janeiro de 2019, o presidente e seu filho, Eduardo Bolsonaro, deputado federal pelo PSL de São Paulo, fizeram declarações nas redes sociais indicando a necessidade de revisar os livros didáticos utilizados em escolas do país. O foco das “críticas” feitas por Eduardo era o modo que os livros retratavam a ditadura militar brasileira (1964-1985), pois para ele: “Um povo sem memória é um povo sem cultura, fraco. Se continuarmos no nosso marasmo os livros escolares seguirão botando assassinos como heróis e militares como facínoras" (Saldaña, 2019e).

Para coordenar o ENEM, o governo Bolsonaro chegou a cogitar o nome do economista Murilo Resende Ferreira, conhecido por defender as ideias da ESP e de combater a “ideologia de gênero”. Por conta da pressão de educadores e críticas feitas ao perfil do cotado para o cargo, como o seu explícito apreço às ideias de Olavo de Carvalho, sua indicação foi suspensa (Venaglia, 2019; Bermúdez, 2019). No seu lugar foi nomeado, no dia 22 de janeiro de 2019, Marcus Vinícius Carvalho Rodrigues, indivíduo ligado à ala militar do governo (*Folha de S. Paulo*, 2019). Em fevereiro de 2019, O MEC

anunciou a criação de uma comissão para avaliar questões político-ideológicas no ENEM. Um dos objetivos seria extrair do Exame conteúdos relacionados à “ideologia de gênero”. Conforme seu coordenador na época: “Quando a gente fala em gênero, acho que não cabe à escola tratar disso. Cabe à família tratar disso. Eu não teria como sugerir uma questão que são de assuntos familiares” (Saldaña, 2019f).

Ainda em fevereiro de 2019, o ministro Vélez-Rodríguez encaminhou um e-mail para as escolas do país, orientando que a comunidade escolar se organizasse em fila e cantasse o hino nacional em frente à bandeira do Brasil. Também foi solicitado que o momento fosse filmado e a gravação encaminhada ao MEC (Cancian; Gomes, 2019). A repercussão do e-mail trouxe problemas para a gestão de Vélez-Rodríguez, que começou a acumular crises na gestão da pasta. Ainda nesse contexto, o então ministro estava lidando com críticas do governo advindas de Olavo de Carvalho (Saldaña, 2019g). Após trocas sucessivas de membros do segundo escalão, Vélez-Rodríguez veio a deixar o comando do MEC, dois meses depois.

Um dia depois, Abraham Weintraub foi o nome escolhido para assumir a gestão da educação no governo Bolsonaro. Da mesma forma que seu antecessor, Weintraub pode ser descrito como discípulo de Olavo de Carvalho. Desde o início de seu vínculo ao governo, apresentava como principal objetivo na educação o expurgo do “marxismo cultural” (Balloussier, 2019). Uma de suas primeiras decisões foi emitir uma nota indicando que professores, alunos e pais não poderiam divulgar protestos em período escolar contra as medidas adotadas pelo governo, ação que soou como uma declaração de guerra por educadores (Cancian, 2019).

Outra medida polêmica de Weintraub foi o corte de verbas para as universidades federais, que “(...) não apresentarem desempenho acadêmico esperado e, ao mesmo tempo, estiverem promovendo ‘balbúrdia’ em seus campi”. Na época, o ministro enquadrou três delas no quesito: Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de cogitar a inclusão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (Agostini e Palhares, 2019). Da mesma forma que suas

outras declarações oficiais, a decisão também foi interpretada como perseguição a opositores políticos.

Em setembro de 2019, o ministro encaminhou ofício para secretarias de Educação de todo o país, contendo diretrizes baseadas nos princípios defendidos pela ESP, tais como: respeito a crenças religiosas, pluralismo de ideias e o veto a propagandas partidárias (Saldaña, 2019h). Em um primeiro momento, a leitura dos termos utilizados não remete a nenhuma relação específica com o neoconservadorismo cristão ou com a extrema direita. No entanto, é preciso compreender que a imposição de seus valores é dissimulada. Assim como Miguel Nagib, quando dizia que as propostas da ESP não são inéditas, pois já estavam previstas na Constituição Federal e na legislação, o ofício de Weintraub escamoteia o interesse do policiamento e da censura de temas que poderiam conflitar com a interpretação conservadora de cristianismo, família e valores tradicionais.

No mesmo mês, Jair Bolsonaro participou da 74^a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e em seu discurso encontramos elementos relacionados ao “marxismo cultural” (Vieira, 2019). Logo no início, afirma que o país esteve “à beira do socialismo”, o que segundo Bolsonaro, teria colocado o país em uma grave situação, incluindo “ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições”. Várias passagens são fundamentadas no pânico moral, incluindo comentários sobre a Venezuela, o Foro de São Paulo⁴⁸ e tentativas de implementar o socialismo na América Latina. Caminhando para o final de seu discurso, o então presidente fez menção indireta às preocupações apontadas pela ESP:

(...) Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por sistemas ideológicos de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto.

A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas.

A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família.

⁴⁸ O Foro de São Paulo foi criado em 1990 a partir da junção de líderes, partidos, movimentos e organizações que tinham como objetivo refletir sobre o mundo após a queda da União Soviética. A linha político-ideológica é declaradamente de esquerda, e o Foro procura elaborar concepções alternativas e autônomas para a América Latina e o Caribe, em contraposição às respostas “tradicionais”. Maiores informações podem ser encontradas no site: <https://forodesaopaulo.org/>.

Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica.

O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem.

A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu.

E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou.

Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus (...) (Vieira, 2019).

Nesse trecho percebemos a mobilização que Bolsonaro faz de vários elementos oriundos do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero”. Além disso, relaciona a suposta doutrinação, que ocorre não apenas nas escolas e nas universidades, mas também na cultura, na mídia e nos meios de comunicação, com a “expulsão” de Deus. Procura demonstrar que o ataque que sofreu no período eleitoral seria fruto da invasão ideológica que dominou o Brasil. Ao final do discurso, o mandatário afirma que a ONU poderia ajudar a derrotar “(...) ambiente materialista e ideológico que compromete alguns princípios básicos da dignidade humana” (Vieira, 2019). Assim, é perceptível que as preocupações com a “doutrinação ideológica” e seus “impactos” para o cristianismo mantiveram-se vivas na atuação do então mandatário da República.

Em novembro de 2019, a ministra do MMFDH anunciou um canal de denúncias para questões contra moral, religião e ética nas escolas. Uma das justificativas dadas por Damares Alves para a política adotada era que o governo estaria apenas cumprindo a lei e garantindo o que consta na Convenção Americana de Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário. Damares afirma que “(...) “Lá [na CADH] está dizendo que a escola não pode ensinar nada que atente contra a moral, a religião e a ética da família. A família precisa ser ouvida” (Canofre, 2019). A ESP, em muitos de seus documentos, modelos de anteprojetos e nas falas públicas de Nagib, sempre enfatizara o conteúdo da CADH para justificar a legitimidade de suas propostas. O canal de denúncia era uma parceria entre o MMFDH e o MEC. Em uma postagem no seu perfil do Twitter, Damares citou a notícia de um caso isolado que ocorreu em uma escola e justificou a proposta do canal de denúncias:

Figura 07 – Publicação de Damares Alves sobre a criação do canal de denúncias



Fonte: Alves (2019) e Canofre (2019)

A publicação da ministra é uma amostra de como o pânico moral é acionado para justificar atitudes de policiamento nas escolas. No exemplo, vemos a escolha de uma matéria de jornal com título sensacionalista, que relaciona a unidade educacional e professor com a estimulação sexual de crianças. Assim, a partir de um caso isolado, a ministra elaborou uma proposta para ser aplicada em todo território nacional. Não estamos aqui negando a veracidade do caso e tampouco afirmando que não se tratou de atitude equivocada por parte do docente, no entanto, esse acontecimento não justifica uma política pública em âmbito nacional de policiamento do conteúdo tratado nas escolas. O ponto é que não há pesquisas acadêmicas, dados estatísticos e diversas matérias jornalísticas que afirmam a prática da “sexualização precoce” nas escolas brasileiras. No caso do combate à “doutrinação ideológica” pelo neoconservadorismo cristão, a tática é generalizar exceções para justificar arbitrariedades. Ao final da publicação, também percebemos a “crítica” que

Damare faz às escolas, alegando que sua função é apenas ensinar. Essa concepção é muito próxima dos princípios defendidos pela ESP (Penna, 2017) e da noção de familismo compartilhada entre neoconservadores cristãos e a associação movimentista (Junqueira, 2022).

Em conjunto com a proposta do canal de denúncias, ainda em novembro de 2019, o governo Bolsonaro afirmou que iria punir municípios e estados que não resolvessem problemas oriundos de denúncias sobre o “ambiente” das escolas. A punição seria o corte de verbas federais para as redes de ensino. No ato de anúncio da medida governamental, que também foi desenvolvida em um acordo interministerial (MMFDH e MEC), Damare afirmou que “(...) Estado é laico, mas eu sou terrivelmente cristã”, e disse que a iniciativa tinha o objetivo de estabelecer “uma nova era entre família e escola”. Na ocasião Weintraub afirmou que as “denúncias” e ajustes por parte de municípios e estados também deveria contemplar a análise dos livros didáticos utilizados nas escolas (Saldaña, 2019i). Todas essas propostas do governo foram alvo de reações da parte de sindicatos, movimentos sociais e parlamentares defensores da educação laica e democrática. Essa conjuntura, incluindo processos judiciais de Weintraub, começou a produzir, novamente, um clima de crise no MEC.

Outra ação do governo Bolsonaro que demonstra o caráter autoritário das políticas propostas foi a medida provisória que alterava as escolhas de reitores das universidades federais (Saldaña, 2019j). A medida editada pelo presidente também previa eliminar a consulta paritária à comunidade acadêmica. Essa ação, de modo indireto e sem menção à associação movimentista, seria uma forma de responder a uma “denúncia” comum da ESP sobre o controle das universidades pela esquerda.

Em janeiro de 2020, Bolsonaro era foco na imprensa por algumas declarações que fizera sobre os livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras. Para ele, os livros em questão seriam um “lixo”, “(...) um montão de amontoado de muita coisa escrita (...)” e um material de propagação da “ideologia de Paulo Freire” (Fernandes, 2020). Nessa esteira de acontecimentos, em 14 de janeiro de 2020, o governo indicou para ocupar o cargo de chefe de gabinete na Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura a administradora de empresas Gislaine Targa, conhecida por ser líder do grupo

“Mães Pelo Escola Sem Partido” (Bergamo, 2020). Basicamente, o grupo liderado por Targa é uma comunidade no Facebook de simpatizantes da ESP.

Em maio de 2020, após o STF declarar inconstitucional uma lei do município de Nova Gama (GO) que vetava a discussão sobre gênero nas escolas, Jair Bolsonaro afirmou que iria encaminhar para o Congresso Nacional um projeto de lei contra a “ideologia de gênero” (Coletta, 2020a). A proposta de uma lei com esse teor já tinha sido solicitada pelo presidente ao MEC, ainda em 2019 (Cancian; Saldaña, 2019).

Em junho de 2020, em decorrência de diversas crises e após a divulgação de um vídeo ofendendo ministros do STF, Weintraub foi demitido por Bolsonaro (Saldaña e Chaib, 2020), não sem deixar sua marca. Antes de deixar o cargo, Weintraub indicou 12 nomes para compor o Conselho Nacional de Educação (CNE), contendo adeptos de Olavo de Carvalho e empresários ligados ao ramo educacional (Palhares, 2020).

Em julho de 2020, no lugar de Weintraub assumiu o pastor Milton Ribeiro. Em um de seus primeiros discursos, ele chegou a afirmar que o ensino público deveria ser laico, no entanto, ao assumir o cargo nomeou como sua assessora Inez Augusto Borges. Na época, a assessora de Ribeiro, que é doutora em ciências da religião e mestre em “educação cristã”, tinha em seu currículo a atuação como palestrante em igrejas e eventos da educação sobre o que defende: o retorno dos “princípios bíblicos” no ensino. Além disso, a assessora do então novo ministro se dedicava a pesquisar temas sobre educação, cultura e governo “a partir de uma perspectiva que integra a visão bíblica, histórica, filosófica e política”. Em muitas de suas falas, Borges tece críticas sobre os livros didáticos brasileiros e defende um retorno ao “Reino de Deus” (Saldaña, 2020).

Nesse contexto, outras ações atreladas aos anseios da ESP eram realizadas pelo governo Bolsonaro. Em outubro de 2020, foi estabelecida uma diretriz relacionada ao aborto, que preconizava o direito à vida, desde a concepção, uma interpretação presente nos discursos de neoconservadores cristãos. A ministra do MMFDH veio a público defender a diretriz, argumentando que a orientação era respaldada pela Constituição Federal

(Coletta, 2020b). No contexto do combate à “ideologia de gênero”, as ofensivas contra a legislação, que visa descriminalizar o aborto, são estratégias adotadas por segmentos da extrema direita.

Já em 2021, Milton Ribeiro nomeou como chefe da Coordenadoria de Materiais Didáticos Sandra Ramos, professora aliada à ESP. Ramos possui um histórico de contribuições à associação movimentista, participando inclusive de *lives* com Miguel Nagib. Em seus textos publicados antes de assumir o cargo, Ramos criticava alguns conteúdos que constavam da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tais como: cultura africana e indígena e violação de direitos humanos na ditadura militar (1964-1985). Também sugeria que a BNCC deveria incluir comparações entre a teoria de Charles Darwin com explicações criacionistas. Desde 2018, há registro de seu empenho no combate à “ideologia de gênero” (Saldaña, 2021a).

Com o aparelhamento da Polícia Federal (PF) pelo governo Bolsonaro, a instituição de segurança foi mobilizada, em junho de 2021, para investigar professores universitários que participaram de palestras antifascistas em outubro de 2018. A justificativa dada pela PF era que haviam indícios de que alunos haviam sido ameaçados por demonstrar apoio ao então candidato Jair Bolsonaro (Bergamo, 2021). Na mesma época, a Fundação Palmares, comandada por Sérgio Camargo, anunciou que iria retirar de sua bibliografia obras de Karl Marx, Friedrich Engels e Carlos Marighella (Moura, 2021). O início da censura na Fundação já tinha sido iniciado em 2019, quando Carmago anunciou que iria excluir do acervo obras de importantes lideranças negras. Na ocasião, artigos sobre Zumbi dos Palmares chegaram a ser retirados do site da Fundação (Borges, Simões; Fioratti, 2020). Nos dois casos, percebe-se uma tentativa de retaliação aos opositores do governo, fossem eles vivos e atuantes na educação, ou fossem parte da história do país como intelectuais considerados “subversivos”.

No MEC, as ofensivas contra o ENEM não deixaram de existir. Em junho de 2021, após Ribeiro desistir de analisar pessoalmente as questões do Exame, foi anunciada a criação de uma comissão para a sua avaliação ideológica. O documento que estabelecia as diretrizes da comissão cita a exclusão de questões subjetivas e a análise de “valores morais” presentes na

prova (Saldaña, 2021b). A medida não foi bem recebida pelo Ministério Público Federal (MPF), recomendando que tal comissão não fosse criada (Saldaña, 2021c).

Mesmo com muitas críticas advindas de setores do neoconservadorismo cristão, referente à dificuldade do MEC em emplacar as transformações esperadas, membros do governo continuaram a afirmar o interesse nessas mudanças. Foi o caso do também evangélico ministro das Comunicações, Fábio Faria – genro do empresário e apresentador de televisão, Sílvio Santos - em janeiro de 2022, durante um evento com Allan dos Santos, defensor de Bolsonaro nas redes sociais e foragido da Justiça, afirmou que o governo não tinha desistido de tratar de temas que a extrema direita considera relevantes, como: redução da maioria penal, ampliação do direito ao porte de arma, questões sobre o aborto e a “escola sem partido” (Lopes, 2022).

No Legislativo avançaram iniciativas neoconservadoras. Para citar uma que possuía relação com a agenda da ESP, temos a regulamentação da educação domiciliar, conhecida como *homeschooling*, que chegou a ser aprovada na Câmara dos Deputados e foi encaminhada para o Senado, que segue “aguardando tramitação” (Brasil, 2022). O projeto de lei visa regular a educação domiciliar, o que significaria uma alternativa para os pais que preferem ver seus filhos estudando apenas em casa. O projeto é amplamente defendido por setores da extrema direita, pois alegam que é uma forma de defender as crianças da “doutrinação nas escolas”.

Como mencionado, Milton Ribeiro viria deixar o MEC, em março de 2020, em face de denúncias sobre corrupção envolvendo pastores. No seu lugar assumiria o último nome a comandar o Ministério, Victor Godoy Veiga, que permaneceu no cargo até dezembro de 2022. Os casos aqui descritos elucidam ações do governo Bolsonaro que possuíam proximidade com interesses de extremistas de direita em geral e neoconservadores cristãos em particular, alinhadas a reivindicações e propostas da ESP. Ainda que não seja um levantamento completo de todas as ações do governo, neste sentido, tal amostra pertinentemente representativa possibilita compreender a afinidade entre as iniciativas governamentais e a agenda defendida da associação movimentista.

Em um contexto de investidas neoconservadoras contra temas relativos à diversidade, e à dignidade humana, em maio de 2022, a ONG internacional Human Rights Watch (HWR) emitiu um relatório, apontando que o Brasil estava sofrendo um enfraquecimento da educação sobre gênero e sexualidade. Segundo o relatório, iniciativas advindas dos três poderes procuravam coibir ou até proibir, de várias formas, que fosse discutida a temática nos espaços escolares (Mena, 2022).

Diante desse cenário, a perseguição contra professores, conhecimentos científicos e propostas educacionais produziu efeitos sociais observáveis. A pesquisa publicada pela Instituto Datafolha, em julho de 2022, mostrou os efeitos do pânico moral produzido a partir da “ameaça” da “doutrinação ideológica”. A pesquisa apontou que 56% dos brasileiros acreditavam que professores não poderiam falar de política em sala de aula, além disso, 54% dos entrevistados afirmaram que os pais têm direito de proibir temas que não consideram adequados para seus filhos. A pesquisa ainda mostrou que 27% conhecia a ESP, isso depois de dois anos da declaração do encerramento de suas atividades (Marques; Lucca, 2022). Se por um lado a ESP não conseguiu aprovar uma lei com a sua proposta, por outro foi exitosa em formar uma interpretação fantasiosa sobre a realidade da educação e das escolas brasileiras. O saldo foi a ampliação do fenômeno da autocensura docente, em que professores preferem não abordar determinados temas, temendo complicações futuras. Não foi preciso uma lei autoritária para produzir, em certa medida, o silenciamento que a ESP tanto almejou.

O pânico moral baseado na “doutrinação ideológica” sempre foi promovido, valorizado e incentivado pelo governo Bolsonaro. Ademais, seu acionamento foi constante na campanha de reeleição, em 2022. Não iremos abordar a campanha, no entanto, foi perceptível que o neoconservadorismo cristão arregimentou forças, buscando permanecer no poder (Pacheco, 2022). A “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural” continuaram presentes nas narrativas políticas, e o combate à “doutrinação ideológica” sempre se manteve como importante bandeira dos segmentos de extrema direita que apoiaram Jair Bolsonaro.

Desde 2019, vários pesquisadores se propuseram a analisar os fenômenos que culminaram no governo de extrema direita no Brasil. Conforme os anos foram passando, outras pesquisas se concentraram em compreender os significados e efeitos das ações do governo. Nesse sentido, para que possamos avançar na interpretação, contrastaremos a discussão desse tópico com outros trabalhos que buscaram compreender o governo Bolsonaro e o significado de suas ações na área da educação.

Rodrigo Nunes (2022) nos traz contribuições ao procurar entender o bolsonarismo. Para ele, o bolsonarismo é maior que o próprio Bolsonaro, e se resume em “(...) uma convergência real de diferentes tendências na sociedade brasileira (...)”, que implica um arranjo de forças políticas “(...) nem coerente nem necessariamente estável” (Nunes, 2022, p. 23). O bolsonarismo não é uma força indômita que emergiu no Brasil, pois sua adesão não corresponde necessariamente ao número de votos que Bolsonaro conquistou últimas eleições, de 2022. Precisamente, pode-se dizer que o bolsonarismo corresponde a 15% da população, não obstante, é uma força atuante e engajada em seus objetivos, que influencia a política nacional e que pode impactar na organização social.

Três elementos constituem o bolsonarismo: o anti-intelectualismo, o militarismo e o empreendedorismo liberal. Como dito, esses elementos não são coerentes entre si, mas se articulam a partir de afinidades eletivas, aparam arestas e orquestram ações amplas que contemplam suas agendas. Para Nunes (2022), essas matrizes possibilitaram a constituição do chamado “cidadão de bem”. Podemos interpretar como um tipo ideal, no sentido weberiano, um conjunto da sociedade brasileira que não consegue lidar com as transformações de modernização. As mudanças sociais geram o temor do novo, e as aflições vividas começam a ser justificadas pela presença de minorias e de outros grupos sociais que até então não participavam do mesmo espaço de convivência. E assim, quando o medo das mudanças começa a ser relacionado com a perda de privilégios, o desejo da “restauração” – utilizando o termo de Nunes (2022) – passa a ser evocado pelo grupo que se vê ameaçado.

A extrema direita, conectada com esse fenômeno, ofereceu uma explicação simples para o que ocorria: os problemas sociais advêm dos *diferentes*, daqueles que pedem a mudança de um mundo que é entendido pelo “cidadão de bem” como natural e justo. A efervescência política é turbinada pela fabricação de pânicos morais e, assim, propõe-se uma solução: combater o inimigo comum. Dessa forma, “pouco importa se se acredita ou não em tudo que é dito sobre o inimigo, contanto que se acredite que o inimigo existe e que precisa ser derrotado” (Nunes, 2022, p. 38). Assim, as matrizes do bolsonarismo, ao servir como base para interpretação e solução das aflições da realidade pelo “cidadão de bem”, justifica e autoriza as ações descritas ao longo desse tópico. Percebe-se aqui uma proximidade da abordagem de Nunes (2022) com o que discutimos no primeiro capítulo, sobre a origem das crises das democracias no mundo (Castells, 2018), bem como a discussão da crise democrática brasileira ocorrida (Miguel, 2019).

A respeito da educação sob o governo Bolsonaro, Renato Janine Ribeiro (2019) procura fazer uma análise dos primeiros momentos da gestão. Afirma Ribeiro que foi em 2018 a primeira vez que a educação foi vista como “ameaça” num pleito eleitoral, definida assim por Jair Bolsonaro. Como já demonstramos exaustivamente, além de outras explicações devaneadoras, Bolsonaro justificava a “imoralidade” e “degenerescência” da sociedade brasileira por conta dos efeitos da “doutrinação nas escolas”. Além disso, os neoconservadores temiam a educação por julgarem ser uma ameaça para seus valores, ao constatar que só a partir da educação surgiria uma sociedade distinta daquela que assumia os valores morais como baluartes da organização social.

É a partir dessa descrição que Ribeiro (2019, p. 150, grifos do autor) afirma que o governo Bolsonaro “(...) assumiu o poder *sem ter projetos na área da educacional*”, ademais, afirma que “(...) a educação não poderia ser prioridade no atual governo. Na verdade, ele não tem lugar nesse governo, ao menos por ora”. Discordamos dessa avaliação. O governo Bolsonaro sempre apresentou um projeto para educação, e o principal objetivo, arquitetado pelos fundamentos ideológicos do neoconservadorismo, foi combater o que nomearam como “marxismo cultural” e “ideologia de gênero”, em consonância

com a ESP e abrangendo ações que influenciaram, desde a pós-graduação até a educação infantil. A educação rigidamente conservadora, assim como a “pauta de costumes”, como ficou conhecida, foi uma das prioridades do atrapalhado governo de extrema direita. O que a gestão Bolsonaro não teve, e aí sim concordamos com Ribeiro, foi um projeto de Estado para a educação, com objetivos científica e democraticamente estabelecidos e orientados.

A análise de Fernando Luiz Abrucio (2022, p. 255) vai no caminho da nossa interpretação, ao apontar que o bolsonarismo teve como proposta “(...) a destruição da agenda educacional, do modelo institucional e da comunidade epistêmica constituída nas últimas décadas”. No projeto de educação da extrema direita, uma das etapas passava pelo desmonte das instituições democráticas que oferecem políticas públicas, incluindo a educação e as ações do MEC. Também era importante desacreditar as vozes da ciência, pois para a extrema direita a ela teria a capacidade de desnudar seus reais interesses e grandes contradições. Mas o projeto bolsonarista da educação não pretendia parar em sua destruição, queria avançar e estabelecer uma política educacional que contemplasse seus valores e ideais de vida. No lugar de uma educação crítica e democrática, o bolsonarismo buscava colocar no lugar uma educação tradicional, meritocrática, autoritária e baseada em “princípios bíblicos”, ou seja, uma educação neoconservadora cristã.

Portanto, o contraste das análises aqui discutidas permite afirmar que o governo Bolsonaro tinha um projeto para educação, que passava substancialmente por atender as demandas galvanizadas pela ESP, ao longo dos anos. Mesmo que Miguel Nagib não tenha consigo aprovar uma lei baseada em sua associação movimentista, o governo com quem ele flertou tentou emplacar uma série de mudanças que visavam implementar o programa da ESP.

Nesse sentido, podemos discutir a eficácia das ações na área da educação, promovidas pelo governo Bolsonaro. O saldo, do ponto de vista institucional, não foi positivo para a extrema direita, conforme as análises mencionadas (Ribeiro, 2019; Abrucio, 2022). Contudo, o relativo fracasso da implementação institucional das políticas neoconservadoras para a educação não significou que a ESP malogrou efetivamente em seus objetivos.

Observamos ainda na sociedade brasileira a manutenção de certo clima persecutório, que busca avançar nas propostas educacionais, nas escolas e nas práticas pedagógicas, um panorama que é, em boa medida, explicado por valores cultivados do neoconservadorismo cristão.

O presente capítulo buscou contribuir para compreensão dos efeitos da ESP no governo Bolsonaro. Antes de apresentar uma síntese do que encontramos através da pesquisa, vale lembrar, novamente, que o trabalho não contemplou todas as nuances do neoconservadorismo cristão no governo Bolsonaro.

No primeiro tópico, apresentamos o perfil político, religioso e ideológico da composição do governo. Foi possível observar as similitudes entre os valores abraçados pela gestão Bolsonaro e os valores constitutivos da ESP. A afinidade com a agenda da associação movimentista não ocorreu apenas no MEC, mas também em outros ministérios com perfis dos mandatários e iniciativas governamentais concatenadas com o combate à “doutrinação ideológica”.

No segundo tópico, procuramos explicitar os motivos que fizeram Nagib anunciar a descontinuidade da ESP. Os principais se referem à perda de apoio político e a decisão jurisprudencial determinada pelo STF sobre leis inspiradas no programa da associação movimentista. O encerramento das suas atividades, pelo menos oficialmente, em nenhum momento significou o desaparecimento de sua influência no debate público.

No terceiro tópico, buscamos demonstrar que, mesmo com Miguel Nagib abandonando oficialmente a ESP, o governo Bolsonaro elaborou várias propostas, em diferentes áreas - embora conectadas à educação - voltadas ao combate à “doutrinação ideológica” na educação brasileira. As políticas pretendidas, por mais que tenham fracassado institucionalmente, representaram, de certo modo, a absorção da agenda da associação movimentista pelo governo de extrema direita, reavivando suas pautas nos anos em que Jair Bolsonaro e a sua tropa neoconservadora cristã estiveram no poder.

Considerações finais

A pesquisa que gerou esta tese abordou sociologicamente a feição neoconservadora cristã da ESP, explorando os fundamentos e estratégias mobilizadas para a sua atuação no país. O período analisado corresponde a seu surgimento, em 2004, até o final do governo Bolsonaro, em 2022. O estudo foi realizado mediante o uso das técnicas de pesquisa: Análise de Conteúdo Categorical e Análise Textual Discursiva, tendo sido contempladas fontes primárias e secundárias, como: documentos, legislação, dados estatísticos, informações provenientes de redes sociais e de sites, além do levantamento de relevantes fontes jornalísticas.

No primeiro capítulo, propusemos uma discussão conceitual e analítica sobre o problema da pesquisa. Os conceitos de neoconservadorismo cristão e de extrema direita, assim como os debates sobre as crises da democracia no mundo e no Brasil, permitiram uma compreensão contextualizada no fenômeno investigado. Os estudos sobre pânico moral e as apreciações sobre os sintagmas “marxismo cultural” e “ideologia de gênero” foram substanciais para compreender o desenho político, ideológico e religioso da ESP, de seus aliados e de seus colaboradores. Também foi elaborada uma breve análise sobre a “doutrinação ideológica” pelo mundo, enfocando especialmente os casos dos Estados Unidos e de alguns países da América Latina.

A discussão conceitual e analítica e o estudo das fontes do primeiro capítulo permitem afirmar, com precisão, que a ESP incorpora elementos do neoconservadorismo cristão. Permite apontar também que as preocupações, modos de ação e objetivos foram formulados com base nos elementos que o compõem. Muitos estudos sobre a ESP já vinham apontando esses atributos, porém, o levantamento e a análise dos materiais discutidos corroboram decisivamente tal avaliação. Com isso, julgamos que o trabalho pode ter contribuído, definitivamente, para enquadrar a ESP no espectro político, ideológico e religioso cristão próprio da extrema direita. Portanto, ao demonstrar empiricamente sua relação umbilical com o neoconservadorismo cristão, a presente tese oferece subsídios relevantes para futuras investigações sobre iniciativas obscurantistas, com feições religiosas, quanto à educação no

país, bem como de alguma maneira também, para o estudo de outros grupos e iniciativas de extrema direita.

No segundo capítulo, exploramos a trajetória da ESP no período de 2004 a 2018, buscando compreender seus modos de ação, as alianças firmadas e os valores defendidos em sua agenda. Balizado pelos contributos conceituais e analíticos do capítulo anterior e ancorado em pesquisas sobre a ESP, foi possível avançar na compreensão da sua origem, ascensão e ganho de notoriedade na sociedade brasileira. Com a análise de sua trajetória, contrastamos interpretações sobre a influência da associação movimentista em vários campos, especialmente: o educacional, o religioso, o político e o jurídico.

Embora boa parte dos estudos afirmem que a ESP ascende a partir de 2010, a pesquisa ressaltou que a quimérica interpretação da existência da “doutrinação ideológica” nas escolas começou a ser estruturada alguns anos antes, sem a ESP como protagonista dessa iniciativa. Desse modo, entendemos que o impulso jornalístico registrado, desde 2006, galvanizou a força que a associação movimentista viria a apresentar nos anos posteriores. A motivação da imprensa e de jornalistas em combater a suposta “doutrinação” deriva, desde o início, dos efeitos gerados pelo pânico moral, especialmente quanto ao “marxismo cultural”. Como um conjunto de pesquisas já vinham demonstrando, a “ideologia de gênero” viria a ter mais influência nas discussões sobre “doutrinação nas escolas” a partir dos anos de 2010, com a aliança crescente entre a ESP e setores neoconservadores cristãos. Quanto à influência da associação movimentista nas eleições de 2018, foram analisados um conjunto de dados que demonstram a afinidade entre a agenda da ESP e o seu uso político-eleitoral por segmentos da extrema direita.

Ainda sobre o segundo capítulo, consideramos que uma das maiores contribuições dessa pesquisa foi analisar as ações orquestradas pela ESP nas eleições de 2018, estudando o perfil dos candidatos que firmaram publicamente o compromisso com a agenda do combate à “doutrinação” escolar. Justifica-se isso porque esses dados não são mais acessíveis e considerando que, até o momento, não encontramos pesquisas que se debruçaram sobre tais dados, nossa contribuição preenche uma lacuna sociológica sobre a trajetória da ESP.

No terceiro capítulo, analisamos o período do governo Bolsonaro, entre 2019 a 2022, investigando suas ações e posicionamentos em relação as pautas da associação movimentista. Através da pesquisa foi possível encontrar conexões importantes entre as iniciativas governamentais com as demandas da ESP.

Ainda que Miguel Nagib tenha anunciado publicamente o término das iniciativas da associação movimentista, em 2020, demonstramos a manutenção da agenda da ESP nas ações perpetradas pelo governo Bolsonaro, mesmo que o fundador e líder dela não tenha ocupado cargo nas instâncias governamentais, algo cuja razão não foi possível apurar. A inconstitucionalidade das leis baseadas no programa da ESP e os desafetos políticos de antigos aliados acabou por esmorecer suas atividades, mas de modo algum representou um descolamento de seus anseios por aqueles que estavam no poder. Mesmo sem grande eficácia institucional, uma vez que boa parte de suas ações no campo educacional foram neutralizadas, o governo Bolsonaro foi agente bastante importante na disseminação da “ameaça” da “doutrinação ideológica”. Esse pânico moral ganhou capilaridade e está, de certo modo, cristalizado nos segmentos sociais vulneráveis aos discursos provenientes do neoconservadorismo cristão.

Assim, diante das contribuições da pesquisa realizada, retomamos a abordagem teórico-metodológica que inicialmente nos guiou para o estudo sociológico do objeto. A partir da teoria dos campos de Pierre Bourdieu, é possível compreender que a ESP enquanto um agente voltado à conservação da ordem social marcada por desigualdade e traços de autoritarismo. Para a extrema direita, em geral, e o neoconservadorismo cristão, em particular, o campo educacional deve ser disputado, dada a importância que tem para o exercício de poder na sociedade.

A agenda da ESP configura um agente crucial nessa disputa, pois foi ela que arregimentou forças na disputa pela “produção e significação dos bens simbólicos” do campo da educação. O pânico moral que se gera por conta de uma proposta educacional, que irrompe com os postulados tradicionais de configuração social, estimula a tal agenda e assume o papel de contribuir para a manutenção da operação que “absolutiza o relativo e relativiza o arbitrário”, que “naturaliza e eterniza” as disposições que configuram a sociedade

(Bourdieu, 2011). A dominação religiosa, de certo modo, depende indiretamente da dominação do campo educacional. Com uma educação tolhida por valores neoconservadores cristãos, a alquimia ideológica bourdieusiana, isto é, a transfiguração das relações sociais em sobrenaturais, tende a cumprir mais eficazmente seu objetivo.

A agenda da ESP, entretanto, não fica circunscrita à disputa no campo da educação. A análise de sua trajetória, de seus interesses e dos valores que defende demonstra um anseio que transcende os temas da educação, abarcando aspirações relativas ao domínio do campo do poder político mais amplo. O campo da educação, para a bandeira da associação movimentista, é o principal espaço de disputa, mas seu domínio é a base para estruturar uma cosmovisão desejada, que aqui, especificamente, deve atender aos postulados atinentes ao neoconservadorismo cristão.

Contudo, não podemos afirmar que a ESP deteve protagonismo na ascensão da extrema direita no Brasil. A agenda associação movimentista foi um dentre diferentes pilares que pavimentaram o caminho para o fenômeno sócio-político no país, que, por sua vez, possibilitou a visibilidade e adesão social de vozes abertamente intolerantes, que abarca o financismo, o militarismo e o agronegócio. No caso brasileiro, há uma relação imbricada entre neoconservadorismo cristão e a ESP, em uma espécie de retroalimentação politicamente sinérgica, mas a bandeira da associação movimentista, dadas as devidas proporções, é uma peça do quebra-cabeças que compõe o fenômeno do neoconservadorismo no Brasil contemporâneo.

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa que resultou na presente tese permitiu uma profícua análise sociológica da atuação da ESP, enfocando seu caráter neoconservador, além de seus entrelaçamentos com grupos e atores alinhados a mesma corrente religiosa e político-ideológica. Neste enquadramento, perguntas foram surgindo ao longo da realização da pesquisa, e acreditamos que valem ser listadas, seja para apresentar questões que não puderam ser respondidas, seja para instigar a comunidade interessada a respondê-las.

Uma primeira questão que surge diz respeito à matriz teórica e analítica para compreensão da ESP. Operamos no trabalho conceitos que nos pareceram úteis, enquanto instrumentais de pesquisa, para estudar o objeto de

acordo com os objetivos propostos. Todavia, levando em conta que os estudos sobre o neoconservadorismo cristão, sobre a extrema direita e sobre os fenômenos correlatos estão sob a batuta de muitos pesquisadores que compõem a comunidade acadêmica, surgem, a cada dia, distintas correntes interpretativas que empregam outras teorias e conceitos para a investigação científica. Por conseguinte, acreditamos que as apreciações embasadas a partir dos estudos sobre “guerra cultural” (Hunter, 1991) e “dissonância cognitiva coletiva” (Rocha, 2023), possibilitarão instigantes avanços sociológicos. São conceitos que pretendemos utilizar nas análises vindouras.

Uma segunda pergunta que surgiu, especialmente ao analisar os primeiros passos da ESP, diz respeito à atmosfera política que existia anos antes de sua criação. Nas fontes pesquisadas, as menções sobre “doutrinação” na educação brasileira que tiveram relativa visibilidade são registradas desde 2006, publicadas por veículos de imprensa e em blogs de jornalistas influentes no campo. Porém, pela forma como surgem as críticas à suposta “doutrinação” dos governos petistas, com termos relacionados ao “marxismo cultural”, perguntamo-nos se essas manifestações anticomunistas relacionadas a uma suposta “doutrinação ideológica” datam na imprensa hegemônica em um período anterior ao que relatamos. Não tivemos condições de responder essa questão com o rigor que ela merece. Em uma rápida pesquisa, encontramos textos de Olavo de Carvalho publicados na *Folha de S. Paulo* antes de 2006. Investigar suas publicações podem trazer novos elementos para a compreensão da ascensão da extrema direita no Brasil. Pode ser uma tarefa para historiadores e sociólogos interessados em tal fenômeno.

Um terceiro ponto que merece atenção é a forma como a agenda da ESP foi apreciada pelas Igreja Católica e denominações evangélicas, e como o pânico da “doutrinação nas escolas” foi acionado e compreendido pelos fiéis. Algumas pistas podem ser encontradas nos portais oficiais das igrejas, nas redes sociais e em discursos dos seus líderes. Como no momento da pesquisa não tínhamos as condições materiais para explorar esse ponto, vale incluí-lo no conjunto de problemas que merecem investigação.

Um quarto e último tema que instiga estudos são os impactos do neoconservadorismo cristão e da ESP no cotidiano das escolas. Em 2014, o que nos inspirou a estudar a Escola sem Partido foi a influência dos valores

religiosos no tratamento de temas relacionadas aos direitos humanos em escolas sul-mato-grossenses, e ao mesmo tempo, que descobrimos mais evidências de certa colonização religiosa da escola pública, ascendia uma das associações mais deletérias para a educação crítica que se tinha relato. Por conta disso, é preciso dedicar mais atenção às condições que professores e professoras do país possuem para exercer seu ofício, sem medo de represálias ou censuras geradas por valores neoconservadores. O clima de autocensura persiste, anos depois da definição da inconstitucionalidade das leis baseadas na ESP.

Nesse contexto, é importante considerar que a influência da agenda da associação movimentista ainda é apreciada na sociedade brasileira. A extrema direita perdeu o Executivo Federal, mas seus tentáculos crescem em outros espaços de poder, em especial no Congresso Nacional. Nas análises de conjuntura da imprensa alternativa e até em alguns espaços acadêmicos, surgem avaliações desconexas da realidade que tendem a subestimar a agenda de combate à “doutrinação ideológica” promovida pelo neoconservadorismo. Essa agenda, infelizmente, continua muito presente no Brasil, e demonstraremos isso a partir de três apontamentos.

O primeiro é a “ressuscitação” da ESP, que voltou a ficar ativa em suas redes sociais, assim que o presidente Lula assumiu tomou posse. Os ataques à educação e aos professores são constantes, assim como a lamentação sobre o abandono de seus aliados. O retorno das ações relacionadas à associação movimentista pode até corroborar com um dos argumentos que apresentamos nesta tese: *não havia necessidade de atuação no governo Bolsonaro, pois, por mais que não houvesse uma aliança formal, seus interesses estavam contemplados nas políticas encampadas pelo MEC e demais ministérios*; a situação mudou assim que a extrema direita perdeu o poder central no país e, sem mais a representação no Executivo, a necessidade de voltar à ativa fez a ESP voltar a mobilizar suas redes sociais. A Escola sem Partido pode ter se tornado um zumbi, ao estilo das grandes produções cinematográficas *mainstream*: lento, desengonçado e sem capacidade de pensar. No entanto, basta qualquer brecha para que o zumbi dê sua mordida.

O segundo se refere a composição da Câmara dos Deputados, na 57ª Legislatura, da Frente Parlamentar em Defesa da Educação sem Doutrinação

Ideológica (FPDEDI), oficializada em 30 de agosto de 2023 e composta por mais de 180 deputados e 18 senadores (FPDEDI, 2023). Essa iniciativa neoconservadora representa um risco significativo para a educação pública brasileira, e deve ser observada de perto.

O terceiro apontamento é a homenagem promovida pela Câmara dos Deputados ao falecido guru da extrema direita, Olavo de Carvalho (Teles, 2023). Esse acontecimento mostra que a força dos seus devaneios permanece, com um significativo número de deputados que se definem como “alunos” ou “discípulos” dele. Carvalho foi um dos protagonistas do processo de ascensão da extrema direita no Brasil. Ignorar sua influência – novamente – não parece o melhor caminho a ser seguido.

Concluimos assim as considerações finais da presente tese, pois acreditamos que há ainda muito a ser estudado. Para finalizar, apresentamos de modo sintético as principais contribuições deste estudo, a saber: a Escola sem Partido possui uma forte feição neoconservadora cristã e atua, desde a sua origem, para deteriorar a educação formal brasileira, reivindicando e buscando um ensino tolhido pelas imposições neoconservadoras com as quais comunga. Para a Escola sem Partido, aprender e ensinar criticamente sobre o mundo é um ato tão pecaminoso quanto comer o bíblico fruto proibido.

Referências

@ESCOLASEMPARTIDOOFFICIAL. [FRASES de Antônio Gramsci e José Dirceu]. 11 mar. 2023. Instagram: @escolasempartidooficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CprCeFstomT/>. Acesso em: 17 out. 2023.

@ESCOLASEMPARTIDOOFFICIAL. [MOVIMENTOS de direita trabalhando sem o Escola sem Partido]. 6 abr. 2023. Instagram: @escolasempartidooficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqtjDySON3p/>. Acesso em: 17 out. 2023.

ABRIL, Guillermo. Ultradireitista Orbán desafia UE com lei que proíbe falar sobre homossexualidade nas escolas da Hungria. **El País**. Bruxelas. Internacional. 15 jun. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/>. Acesso em 23 out. 2023.

ABRUCIO, Fernando L.. Bolsonaro e Educação: quando a meta é desconstruir a política pública. *In*: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (Orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

AÇÃO EDUCATIVA. **A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam seu discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

AGOSTINI, Renata; PALHARES, Isabela. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já mira UnB, UFF e UFBA. **UOL**. Educação. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2019/04/30/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba.htm>. Acesso em 29 out. 2023.

ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País**. Brasil. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em 23 out. 2023.

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

ALMEIDA, Marco. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. **Folha de S. Paulo**. Política. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em 16 out. 2023.

ALONSO, Angela. Futuras ministra e primeira-dama querem universalizar seu padrão moral. **Folha de S. Paulo**. Coluna. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2018/12/futuras-ministra-e-primeira-dama-querem-universalizar-seu-padrao-moral.shtml>. Acesso em 16 out. 2023.

ALVES, Damares. Essas crianças têm 10 anos!!! Às famílias brasileiras informo que em breve o governo disponibilizará canal para o recebimento de [...]. 18 nov. 2019. Twitter: @DamaresAlves. Disponível em: <https://twitter.com/DamaresAlves/status/1196555315942170624>. Acesso em: 25 out. 2023.

ALVES, Jozimara A. C.; ROSSI, Célia R.. Políticas públicas de gênero e sexualidade na educação: breve análise sobre a “ideologia de gênero”. **Educação: Teoria e Prática**, v. 30, n. 63, p. 1–15, 2020.

AMORIM, Eduardo. Negacionismo estatístico e apagão de dados. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 11 mai. 2023.. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/negacionismo-estatistico-e-apagao-de-dados/>. Acesso em 16 out. 2023.

ANDRADE, Paulo F. C. de. As religiões no Brasil e o Censo de 2010: notas em torno do artigo números e narrativas, de Clara Mafra. **Debates do NER**. v. 14, n. 24, p. 93-98, 2013.

APPLE, Michael W. **Educando à direita**: mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

ARAÚJO, Ernesto. Chegou o Coronavírus. **Diário do Poder**. Opinião. 2020. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/opiniao/chegou-o-comunavirus>. Acesso em 28 out. 2023.

ARBEX, Thais. Evangélicos buscam atuação política mais coesa com campanha. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/09/1814577-evangelicos-buscam-atuacao-politica-mais-coesa-com-campanha.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

ASSMANN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópoles: Vozes, 1989.

OLAVO DE CARVALHO. Aviso ao Escola Sem Partido. 15 nov. 2018. 1 vídeo (12 min 28 s). Publicado pelo canal Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qySuenfRkDk>. Acesso em: 25 out. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. Por uma escola sem partido. **Escola sem Partido**. Blog. 2008. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/por-uma-escola-sem-partido-2/>. Acesso em 28 out. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. Guerra do petismo contra os valores da família. **Escola sem Partido**. Blog. 2012. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/guerra-do-petismo-contra-os-valores-da-familia/>. Acesso em 28 out. 2023.

AZEVEDO, Reinaldo. Escolas de SP acabam com “O Dia das Mães” e instituem o “Dia dos Cuidadores”. Viva o fim da família, prefeito Fernando Haddad!. **Escola sem Partido**. Blog. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3zGDGSo>. Acesso em 10 jan. 2022.

BALLOUSSIER, Ana V.. Novo ministro da Educação, Weintraub defende expurgo do 'marxismo cultural'. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/novo-ministro-da-educacao-weintraub-defende-expurgo-do-marxismo-cultural.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEDINELLI, Talita. “O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis”. **El País**. Brasil. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html. Acesso em 28 out. 2023.

BERGAMO, Mônica. Líder do grupo Mães Pelo Escola Sem Partido é nomeada a cargo na Cultura. **Folha de S. Paulo**. Coluna. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/01/lider-do-grupo-maes-pelo-escola-sem-partido-e-nomeada-a-cargo-na-cultura.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BERGAMO, Mônica. PF investiga professores por palestras antifascistas no Ceará. **Folha de S. Paulo**. Coluna. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/06/pf-investiga-professores-por-palestras-antifascistas-no-ceara.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BERMÚDEZ, Ana C.. Governo recua e suspende nomeação de diretor controverso para comandar Enem. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/governo-recua-e-suspende-nomeacao-de-diretor-controverso-para-comandar-enem.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BETIM, Felipe. Paulo Guedes repete ameaça de AI-5 e reforça investida radical do Governo Bolsonaro. **El País**. Brasil. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/politica/1574424459_017981.html. Acesso em 29 out. 2023.

BIBLIOTECA Presidência da República. 2023. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia>. Acesso em: 22 out. 2023.

BILENKY, Thais. Evangélicos fazem lobby com Temer por Escola Sem Partido. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/07/1796402-evangelicos-fazem-lobby-com-temer-por-escola-sem-partido.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das D. C.; VAGGIONE, Juan M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOLDRINI, Angela. Ala evangélica na Câmara se diz 'contempladíssima' por Véliz na Educação. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/11/ala-evangelica-na-camara-se-diz-contempladissima-por-velez-na-educacao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BORGES, Rafaela O.; BORGES, Zulmira N.. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Revista Brasileira De Educação**, v. 23, e230039, 2018.

BORGES, Pedro; SIMÕES, Nataly; FIORATTI, Gustavo. Fundação Palmares censura biografias de lideranças negras históricas em seu site. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/fundacao-palmares-censura-biografias-de-liderancas-negras-historicas-em-seu-site.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRANDINO, Géssica. Ministério da Educação pede apuração de disciplina da UnB sobre 'golpe de 2016'. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/ministerio-da-educacao-pede-apuracao-de-disciplina-da-unb-sobre-golpe-de-2016.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BRANDINO, Gécica *et al.* Livro exibido por Bolsonaro nunca foi adotado pelo MEC, diz editora. Folha de S. Paulo. Poder. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/livro-exibido-por-bolsonaro-nunca-foi-adotado-pelo-mec-diz-editora.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm. Acesso em 28 out. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei (PL) 7180/2014. Altera o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 2014. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em 12 set. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei (PL) 867/2015. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido". 2015. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em 12 set. 2022.

BRASIL. Câmara Municipal de Niterói (RJ). Projeto de Lei nº 00049/2017. Institui, no âmbito do sistema municipal de ensino, o "Programa Escola Sem Partido". 2017. Disponível em: <https://consultaniteroi.siscam.com.br/DetalhesDocumentos.aspx?IdDocumento=51897>. Acesso em: 23 out. 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Medida cautelar na suspensão de tutela antecipada 864. 2017a. Disponível em <http://www.stf.jus.br>. Acesso em 12 set. 2022.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Medida cautelar na suspensão de liminar 1.127. Disponível em <http://www.stf.jus.br>. 2017b. Acesso em 12 set. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Requerimento de 2023. Requer registro da criação da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54477-integra.pdf. Acesso em 16 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes das Escolas Cívico-Militares. 2ª Edição, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/aceso_informacao/pdf/10DIRETRIZESPECIMVERSO_observaes_14072021convertido2.pdf. Acesso em 25 out. 2023.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei nº 1338, de 2022. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e 8.069, de 13 de julho de 1990, (Estatuto da Criança e do Adolescente), para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica. 2022. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/153194>. Acesso em 25 out. 2023.

BURITY, Joanildo. A onde conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? *In*: ALMDEIA, Ronaldo DE; TONIOL, Rodrigo. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: Editora da Unicamp: 2018.

BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de S. Paulo**. Ilustríssima. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em 28 out 2023.

CABRAL, Maria C.. 'Haddad é o candidato do kit gay', diz cartaz no gabinete de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/02/1045829-haddad-e-o-candidato-do-kit-gay-diz-cartaz-no-gabinete-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

CALÇADE, Paula. Influência do Escola Sem Partido cresceu nas eleições? **Nova Escola**. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13291/influencia-do-escola-sem-partido-cresceu-nas-eleicoes>. Acesso em 28 out 2023.

CAMPAGNOLO, Ana C.. **Feminismo: perversão e subversão**. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2019.

CAMPAGNOLO, Ana C.. Guia de bolso contra mentiras feministas. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2023.

CAMPOS, Marcella. Hipócrita: deputada do PSL quer "Escola Sem Partido" e dá aula com camiseta de Bolsonaro. **Esquerda Diário**. 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Hipocrita-deputada-do-PSL-quer-Escola-Sem-Partido-e-da-aula-com-camiseta-de-Bolsonaro>. Acesso em 29 out. 2023.

CAMPOS, Carmen H. dos; BERNARDES, Márcia N.. Ideologia de gênero e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 3, p. 01-13, 2022.

CAMURÇA, Marcelo A. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CANCIAN, Natália; GOMES, Paulo. MEC pede a escolas que cantem o hino nacional e filmem as crianças. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/02/mec-pede-a-escolas-para-que-cantem-o-hino-nacional-e-filmem-as-criancas.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

CANCIAN, Natália; SALDAÑA, Paulo. Bolsonaro pede a MEC projeto de lei para proibir 'ideologia de gênero'. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/bolsonaro->

pede-a-mec-projeto-de-lei-para-proibir-ideologia-de-genero.shtml. Acesso em 29 out. 2023.

CANCIAN, Natália. MEC diz que professores, alunos e pais não podem divulgar protestos. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/mec-diz-que-professores-alunos-e-pais-nao-podem-divulgar-protestos.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

CANOFRE, Fernanda. Damares anuncia canal de denúncias para questões contra moral, religião e ética nas escolas. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/damares-anuncia-canal-de-denuncias-para-questoes-contra-moral-religiao-e-etica-nas-escolas.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

CARAZZAI, Estelita H.. Deputada eleita do PSL pede que estudantes denunciem professores contra Bolsonaro em sala de aula. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/deputada-eleita-do-psl-pede-que-estudantes-denunciem-professores-contra-bolsonaro-em-sala-de-aula.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

CARTA Capital. Judith Butler é agredida ao embarcar no aeroporto de Congonhas. **Carta Capital**. Sociedade. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas/>. Acesso em 28 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Enquanto a Zé-Lite dorme. **Escola sem Partido**. Blog. 2011a. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/enquanto-a-ze-lite-dorme/>. Acesso em 28 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Um guru da educação brasileira. **Escola sem Partido**. Blog. 2011b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/um-guru-da-educacao-brasileira/>. Acesso em 28 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Paranoia sociológica. **Escola sem Partido**. Blog. 2011c. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/paranoia-sociologica/>. Acesso em 28 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Educação e consciência – Entrevista com o filósofo Olavo de Carvalho. **Escola sem Partido**. Blog. 2011d. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/educacao-e-consciencia-entrevista-com-o-filosofo-olavo-de-carvalho/>. Acesso em 28 out. 2023.

CARVALHO, Olavo de. Reação débil e tardia. **Escola sem Partido**. Blog. 2011e. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/reacao-debil-e-tardia/>. Acesso em 28 out. 2023.

CASADO, Letícia. STF proíbe nota zero para redação do Enem que ferir direitos humanos. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/11/1932860-stf-mantem-veto-a->

nota-zero-para-redacao-do-enem-que-ferir-direitos-humanos.shtml. Acesso em 28 out. 2023.

CASIMIRO, Flávio H. C.. **A nova direita:** aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CASIMIRO, Flávio H. C.. **A tragédia e a farsa:** a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura:** a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CATANI, Afrânio Mendes *et al.* **Vocabulário Bourdieu.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CERQUEIRA, Claudia. Igreja como partido: a relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 36, n. 107, e3610703, 2021

CÉSAR, Maria R. de A.; DUARTE, André de M.. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educar Em Revista**, v. 66, p. 141–155, 2017.

CNN BRASIL. Sem tomar posse, Decotelli inclui cargo de ministro da Educação no currículo. **CNN Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/sem-tomar-posse-decotelli-inclui-cargo-de-ministro-da-educacao-no-curriculo/>. Acesso em 29 out. 2023.

COLETTA, Ricardo D.. Após STF barrar lei municipal, Bolsonaro promete enviar projeto contra 'ideologia de gênero'. **Folha de S. Paulo.** Cotidiano. 2020a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/apos-stf-barrar-lei-municipal-bolsonaro-promete-enviar-projeto-contrai-ideologia-de-genero.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

COLETTA, Ricardo D.. Em ofensiva contra aborto, governo estabelece em diretriz o direito à vida desde a concepção. **Folha de S. Paulo.** Cotidiano. 2020b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/em-ofensiva-contrai-aborto-governo-estabelece-em-diretriz-o-direito-a-vida-desde-a-concepcao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

COLOMBO, Luiza R.. Reflexões sobre o movimento Escola sem Partido e seu avanço no campo das políticas educacionais brasileiras. **Entropia**, v. 2, n. 3, p. 52-68, 2018.

CONMISHIJOSNOTEMETAS. Disponível em: <https://www.conmishijosnotemetas.cl/>. Acesso em: 19 out. 2023.

CONNOLLY, James. **Socialismo e religião.** São Paulo: Baioneta Editora, 2019.

CONSERVADORES e Liberais / Puggina.org. Disponível em: <https://www.puggina.org/home>. Acesso em: 21 out. 2023.

CONSTANTINO, Rodrigo. Plano Nacional de Educação: uma ameaça à liberdade. **Escola sem Partido**. Blog. 2014. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/plano-nacional-de-educacao-uma-ameaca-a-liberdade/>. Acesso em 28 out. 2023.

CORNEJO-VALLE, Mónica; PICHARDO, J. Ignacio. La “ideología de género” frente a los derechos sexuales y reproductivos. El escenario español. **Cadernos Pagu**, v. 50, p. 01-32, 2017.

COSTA, Iná C.. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CUNHA, Luiz A.. **Educação e Religiões: a descolonização religiosa da Escola Pública**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MAMAEFALEI. Debate Escola Sem Partido - Arthur do Val e Kim Kataguirí Vs Catatau e Carina Vitral. 18 nov. 2017. 1 vídeo (24 min 15 s). Publicado pelo canal Mamaefalei. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_E6DdW-QA6k. Acesso em: 23 out. 2023.

DIP, Andrea. **Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

ELLWANGER, Tiana M.. **Jornadas de junho: 5 anos depois**. Rio de Janeiro, Autografia Editora, 2018.

ES Brasil, 2018. Escola Sem Partido: entrevista com Miguel Nagib, criador do movimento. Disponível em: <https://esbrasil.com.br/miguel-nagib-escola-sem-partido/>. Acesso em: 21 out. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. Fundador do ESP explica por que se desligou do Movimento. 26 ago. 2020. 1 vídeo (27 min 52 s). YouTube. Publicado pelo canal Escola sem Partido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uwSpMNIWRjg>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. Para desespero dos partidos de esquerda e seus paus-mandados na academia, na imprensa, no movimento estudantil, nas ONGs educacionais e [...]. 21 nov. 2018. Twitter: @escolasempartid. Disponível em: <https://twitter.com/escolasempartid/status/1065371696906031107>. Acesso em: 24 out. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. Fascistóide é a mãe, @reinaldoazevedo. Chame as pessoas pelo nome, seu boquirroto irresponsável. O movimento Escola sem Partido tem milhares [...]. 11 out. 2019. Twitter: @escolasempartid. Disponível em: <https://twitter.com/escolasempartid/status/1182984717169246208>. Acesso em: 24 out. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. Bolsonaro abandonou o ESP por causa de Olavo de Carvalho, inimigo declarado do nosso movimento a quem ele havia entregado [...]. 9 mai 2022. Twitter: @escolasempartid. Disponível em: <https://twitter.com/escolasempartid/status/1523686473001619457>. Acesso em: 24 out. 2023.

ESP. Haddad é o responsável pelo desastre moral e intelectual na UnB. **Escola sem Partido**. Blog. 2011. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/haddad-e-o-responsavel-pelo-desastre-moral-e-intelectual-na-unb-no-dia-posse-autoridade-do-mec-exalta-o-direito-achado-na-rua/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Do jornalista Leandro Narloch, no “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”. **Escola sem Partido**. Blog. 2012a. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/do-jornalista-leandro-narloch-no-qguia-politicamente-incorreto-da-historia-do-brasilq/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. EUA – Brainwashed. **Escola sem Partido**. Blog. 2012b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/brainwashed/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. A que ponto chegou o domínio do PT sobre as escolas! **Escola sem Partido**. Blog. 2012c. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/a-que-ponto-chegou-o-dominio-do-pt-sobre-as-escolas/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Livros aprovados pelo MEC criticam FHC e elogiam Lula. **Escola sem Partido**. Blog. 2012d. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/livros-aprovados-pelo-mec-criticam-fhc-e-elogiam-lula/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Cartilha de militante petista é adotada em escolas públicas do Distrito Federal. 2020e Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/cartilha-de-militante-petista-e-adotada-em-escolas-publicas-do-distrito-federal/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Abade do Mosteiro de São Bento denuncia uso do sistema de ensino para a difusão de valores contrários à família. Escola sem Partido. Blog. 2012f. Disponível em: <https://bit.ly/3Fdax2k>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Vereadores querem suspender no Recife cartilha sobre educação sexual. **Escola sem Partido**. Blog. 2012g. Disponível em: <https://bit.ly/3fbjyhP>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Pai é preso depois de protestar contra livro gay. **Escola sem Partido**. Blog. 2012h. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/eua-pai-preso-depois-de-protestar-contralivro-gay/>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. A História contada nas escolas. **Escola sem Partido**. Blog. 2012i. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/a-historia-contada-nas-escolas/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Mensagem de apoio – 1. **Escola sem Partido**. Blog. 2012j. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/blog/mensagens-de-apoio-1/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. “Estão detonando as nossas crianças”. **Escola sem Partido**. Blog. 2013a. Disponível em: <https://bit.ly/3qcsSZ7>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Engenharia comportamental nas escolas de Santa Catarina. **Escola sem Partido**. Blog. 2013. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/engenharia-social-e-comportamental-nas-escolas-de-santa-catarina/>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Livro Infantil Promove Satanismo. **Escola sem Partido**. Blog. 2014a. Disponível em: <https://bit.ly/3zKa9Yb>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Enquanto isso, no mesmo fórum de discussão... **Escola sem Partido**. Blog. 2014b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/enquanto-isso-no-mesmo-forum-de-discussao/>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP, 2015. Programa Escola Sem Partido: por que o PT e o Sindicato dos Professores são contra. **Escola sem Partido**. Blog. 2015. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/programa-escola-sem-partido-por-que-o-pt-e-o-sindicato-dos-professores-sao-contr/>. Acesso em 10 jan. 2022.

ESP. Escola sem Partido representa contra Presidente do INEP por crime de abuso de autoridade e improbidade administrativa. **Escola sem Partido**. Blog. 2016. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/escola-sem-partido-representa-contr-presidente-do-inep-por-crime-de-abuso-de-autoridade-e-improbidade-administrativa/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Modelo de petição inicial contra o cabresto politicamente correto do ENEM. **Escola sem Partido**. Blog. 2017. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/modelo-de-peticao-inicial-contr-o-cabresto-politicamente-correto-do-enem/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Pai relata doutrinação ideológica no ensino fundamental – EMEF Pe. Serafim Martínez Gutierrez. **Escola sem Partido**. Blog. 2019. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/pai-relata-doutrinacao-ideologica-no-ensino-fundamental/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Relato de Ederson Kozoski, aluno do curso de Geografia. **Escola sem Partido**. Blog. 2020a. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/relato-de-ederson-kozoski-aluno-do-curso-de-geografia/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Arquiteta conta o que viu e viveu como aluna de uma universidade federal. **Escola sem Partido**. Blog. 2020b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/mae-de-aluno-reclama-de-pregacao-esquerdista-em-escola-catolica-de-petropolis/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Mãe relata caso de perseguição em escola. **Escola sem Partido**. Blog. 2020c. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/mae-relata-caso-de-perseguiçao-em-escola/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Mãe de aluna relata doutrinação, bullying e alienação parental em escola particular de Macapá-AP. **Escola sem Partido**. Blog. 2020d. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/mae-de-aluna-relata-doutrinacao-bullying-e-alienacao-parental-em-escola-particular-de-macapa-ap/>. Acesso em 28 out. 2023.

ESP. Home - Escola Sem Partido. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 28 out. 2023.

ESPINOSA, Betty R. S.; QUEIROZ, Felipe B. C.. Breve análise sobre as redes do Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

FAGUNDEZ, Ingrid. Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/11/mesmo-sem-lei-escola-sem-partido-se-espalha-pelo-pais-e-ja-afeta-rotina-nas-salas-de-aula.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

FELLET, João. Quem são os discípulos de Olavo de Carvalho que chegaram ao governo e Congresso. **BBC News Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265>. Acesso em 28 out. 2023.

FERNANDES, Talita. Bolsonaro propõe ensino a distância para combater marxismo e reduzir custos. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/bolsonaro-propoe-ensino-a-distancia-para-combater-marxismo-e-reduzir-custos.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

FERNANDES, Talita. Bolsonaro chama livros didáticos de "lixo" e propõe que material seja suavizado em 2021. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/01/bolsonaro-chama-livros-didaticos-de-lixo-e-propoe-que-material-seja-suavizado-em-2021.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

FONSECA, André D.; GUIDOTTI, Vitor H. R.. Nexos entre o movimento escola sem partido e a crise da democracia brasileira: o que os estudos apontam? In: COLARES, Maria L. I. S.; BRITTO, Luiz P. L.. (Org.). **Pesquisas em educação na Amazônia**: contextos formativos. 1 ed. Santarém, PA: R.D.A. Ed., 2021, v. 1, p. 46-57.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FPDEDI. Frente Parlamentar em Defesa da Educação Sem Doutrinação Ideológica - FPDE. 30 ago. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54557>. Acesso em: 26 out. 2023.

FRESTON, Paul. **Protestantes e políticas no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de doutorado em ciências sociais. Campinas, Unicamp, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *In: Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

FLOR, Ana. Dilma suspende 'kit gay' após protesto da bancada evangélica. **Folha de S. Paulo**. Poder. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/05/920652-dilma-suspende-kit-gay-apos-protesto-da-bancada-evangelica.shtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

FOLHA de S. Paulo. Não admito apologia ao homossexualismo, diz Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 31 mar. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/896687-nao-admito-apologia-ao-homossexualismo-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 22 out. 2023.

FOLHA de S. Paulo. Ministro da Educação de Bolsonaro defendeu conselhos de ética em 'todas as escolas'. **Folha de S. Paulo**. Painel. 2018. Disponível em: <https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/11/22/ministro-da-educacao-de-bolsonaro-defendeu-conselhos-de-etica-em-todas-as-escolas/>. Acesso em: 21 out. 2023.

FOLHA de S. Paulo. Após hesitação, é nomeado o novo presidente do Inep, responsável pelo Enem. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/apos-hesitacao-e-nomeado-o-novo-presidente-do-inep-responsavel-pelo-enem.shtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

FONSECA, Alexandre B.; ADAD, Clara J.. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.

FONSECA, Alexandre Brasil. Primeiras análises dos dados do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015). In: VALOIS, Luislinda

(Org). **Estado laico, intolerância e diversidade religiosa no Brasil**. Brasília, Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

FURONI, Evandro. Bolsonaro cita “terrivelmente evangélico” e parabeniza Mendonça no STF. **CNN Brasil**. Política. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-cita-terrivelmente-evangelico-e-parabeniza-mendonca-no-stf/>. Acesso em 28 out. 2023.

G1. Íntegra: discurso de Jair Bolsonaro após vitória eleitoral. **G1**. Eleições 2018. 2018a. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/integra-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-vitoria-eleitoral.ghtml>. Acesso em 28 out. 2023.

G1. Moro aceita convite de Bolsonaro para comandar o Ministério da Justiça. **G1**. Política. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/01/moro-aceita-convite-de-bolsonaro-para-comandar-o-ministerio-da-justica.ghtml>. Acesso em 29 out. 2023.

G1. Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**. Política. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em 29 out. 2023.

G1. Governo oficializa saída de Milton Ribeiro, quarto ministro da Educação de Bolsonaro. **G1**. Política. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/28/governo-oficializa-saida-de-milton-ribeiro-quarto-ministro-da-educacao-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

GAZETA do Povo. Gazeta do Povo tira do ar “Monitor da Doutrinação”. Entenda por quê. **Gazeta do Povo**. Educação. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/gazeta-do-povo-tira-do-ar-monitor-da-doutrinacao-entenda-por-que>. Acesso em: 21 out. 2023.

GAZETA do Povo. **Gazeta do Povo**. Convicções Editoriais. 1 fev. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/>. Acesso em: 21 out. 2023.

GIUMBELLI, Emerson. Em busca de narrativas de diversidade. **Debates do NER**. vol. 14, n. 24, pp. 59-75, 2013.

GOIS, Antônio. Na Educação, Escola sem Partido é principal bandeira de Bolsonaro. **O Globo**. Política. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/na-educacao-escola-sem-partido-principal-bandeira-de-bolsonaro-23193777>. Acesso em: 21 out. 2023.

GOOGLE TRENDS. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends?geo=BR&hl=pt-BR>. Acesso em: 23 out. 2023.

GUADALUPE, José L. P; CARRANZA, Brenda. **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

GUIA GAY SÃO PAULO. Morre o “maior homofóbico do Brasil”, Júlio Severo. **Guia Gay São Paulo**. Notícias - #Cidadania. 04 mai 2021. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/>. Acesso em 23 out. 2023.

GUIDALLI, Sandro. Fique de olho nesse livrinho. A escola do seu filho poderá adotá-lo. **Escola sem Partido**. Blog. Disponível em: <https://bit.ly/3qcUTQw>. Acesso em 10 jan. 2022.

GUIDOTTI, Vitor H. R.. Uma reflexão: A educação escolar laica existe no Brasil?. **Revista Pedagogia em Foco**, v. 06, p. 164-174, 2011.

GUIDOTTI, Vitor H. R.. Laicidade e educação em direitos humanos: alguns apontamentos em face à intolerância religiosa. **Geofronter**, v. 1, p. 90-111, 2019.

GUIDOTTI, Vitor H. R.. Movimento Escola Sem Partido: uma indagação de seus “reais” intentos e efeitos. **Pensata**, v.9, n. 1, p. 01-18, 2020.

GUIDOTTI, Vitor H. R.. Um paladino temente a Deus: o Movimento Escola sem Partido e os laços com o neoconservadorismo cristão. In: CAMPOS, Marcelo da S.; FAISTING, André L.; OLIVEIRA, Esmael A. de; SILVA, Marcos A. da.. (Org.). **Sociologia, Antropologia e Ciência Política: temas emergentes**. 1ed.Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 219-234.

GUIDOTTI, Vitor H. R.; FAISTING, André L. . Laicidade e educação: um balanço da produção acadêmica nas plataformas SciELO e BDTD-IBICT (1998-2017). In: ZILIANI, Rosemeire de L. M.; GUIDOTTI, Vitor H. R.. (Org.). **Cartografias da educação: história, políticas e diferença**. 1ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

GUIDOTTI, Vitor H. R.; FAISTING, André L. . A necessária simbiose entre Direitos Humanos e laicidade no Brasil: proposições ético-filosóficas e jurídicas. In: CARÍAS, Maria Gabriela Guillén; BARROS, Rodolfo Arruda Leite de; GALHERA, Katiuscia Moreno. (Org.). **A Sociologia e a realidade brasileira**. 1ed.São Paulo: LiberArs, 2021, v. 2, p. 133-158.

GUILHERME, Alexandre A.; PICOLI, Bruno A.. Escola sem Partido - elementos totalitários em uma democracia moderna: uma reflexão a partir de Arendt. **Revista Brasileira de Educação**. v. 23, p. 01-23, 2018.

GUIMARÃES, Larissa; FALCÃO Márcio. Bancada evangélica diz que não vota 'nada' até esclarecer 'kit gay'. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/917220-bancada-evangelica-diz-que-nao-vota-nada-ate-esclarecer-kit-gay.shtml>. Acesso em 17 out. 2023.

HUNTER, James. **Culture wars: the struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.

INSTITUTO ROTHBARD. Sobre Nós. 2023. Disponível em: <https://rothbardbrasil.com/sobre-nos/>. Acesso em 17 out. 2023.

IPCO. Quem Somos. Disponível em: <https://www.ipco.org.br/paginas/quem-somos>. Acesso em: 29 out. 2023.

JAIR BOLSONARO. Proposta de governo. **TSE**. 2018. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2018/2022802018/BR/280000614517>. Acesso em 28 out. 2023.

JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

JONHSON, Ben. Vaticano diz para a ONU: todos os pais têm o direito de dar educação escolar para os filhos em casa. **Escola sem Partido**. Blog. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3neUyuK>. Acesso em 10 jan. 2022.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério D.. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília: LetrasLivres, 2022.

KAMEL, Ali. O que ensinam às nossas crianças. **Ali Kamel**. 2007. Disponível em: <http://www.alikamel.com.br/artigos/que-ensinam-nossas-criancas.php>. Acesso em: 20 out. 2023.

LACERDA, Marina B.. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LAMOUNIER, Bolívar. 2012. Notícias O projeto petista de hegemonia política na educação: um elefante que as oposições não conseguem ver. **Escola sem Partido**. Blog. 2012. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/o-projeto-petista-de-hegemonia-politica-na-educacao-um-elefante-que-as-oposicoes-nao-conseguem-ver/>. Acesso em 10 jan. 2022.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, n. 32, p. 119–142, 2019.

LIMA, Iana G. de; HYPOLITO, Álvaro M.. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**. v. 45, p. 01-15, 2019.

LOPES, Raquel. Ministro participa de evento ao lado de Allan dos Santos, foragido da Justiça. **Folha de S. Paulo**. Política. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/ministro-participa-de-evento-ao-lado-de-allan-dos-santos-foragido-da-justica.shtml>. Acesso em 10 out. 2023.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis, Vozes, 2000.

LUCKESI, Cipriano C.. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do Movimento Escola sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. **Educação & Sociedade**. v. 38, n. 139, p. 507-524, 2017.

MACEDO, Elizabeth. Repolitizar o social e tomar de volta a liberdade. **Educação em Revista**. v. 34, p.01-15, 2018.

MACEDO, Mírian. Luta sem classe. **Escola sem Partido**. Blog. 2011. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/blog/luta-sem-classe/>. Acesso em 28 out. 2023.

MACHADO, Maria das D. C.. Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. **Religião e Sociedade**, v. 35, 2015, p 45-72.

MACHADO, Maria das D. C.. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**. v. 26, n. 2, p. 447-463, 2018.

MACHADO, Maria das D. C.. O neoconservadorismo cristão no Brasil e na Colômbia. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das D. C.; VAGGIONE, Juan M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo, 2020.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. **Debates do NER**. vol. 14, n. 24, pp. 13-25, 2013.

MANDUCA, Vinicius. **O aborto em pauta**: a atuação de movimentos pró-vida no Brasil contemporâneo. 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

MANO, Maira K.. As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**. v. 56. p. 01-25, 2019.

MARANHÃO FILHO, Eduardo M. de A.; COELHO, Fernanda M. F.; DIAS, Tainah B.. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional. **Correlatio**, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**. vol. 14, n. 24, pp. 119-137, 2013.

MARQUES, Rafaela. Entenda o golpe que depôs Evo Morales na Bolívia. **Congresso em Foco**. Brasília. Mundo. 12 nov. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/>. Acesso em 23 out. 2023.

MARQUES, Gilvan; LUCCA, Bruno. Datafolha: Maioria diz que professor deve evitar falar sobre política. **Escola S. Partido**. Educação. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/07/datafolha-maioria-diz-que-professor-deve-evitar-falar-sobre-politica.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

MASCARENHAS, Gabriel. Procurador e líder do movimento Escola sem Partido cotados para a Educação. **Veja**. Coluna. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/procurador-e-lider-do-movimento-escola-sem-partido-cotados-para-a-educacao>. Acesso em 23 out. 2023.

MASCARO, Alysson L.. **Crise e golpe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MATOS, Vitor *et al.* Ex-juiz Sergio Moro anuncia demissão do Ministério da Justiça e deixa o governo Bolsonaro. **G1**. Política. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 29 out. 2023.

MELO, Felipe A.. A aula como instrumento de doutrinação ideológica. **Escola sem Partido**. Blog. 2012. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/a-aula-como-instrumento-de-doutrinacao-ideologica/>. Acesso em 28 out. 2023.

MENA, Fernanda. Brasil vive ataque legislativo e político contra educação sexual e de gênero, aponta ONG. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/brasil-vive-ataque-legislativo-e-politico-contr-educacao-sexual-e-de-genero-aponta-ong.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

MICHALSKI, Rafael; PAULA, Lorena T. de. Os bots de disseminação de informação na conjuntura das campanhas presidenciais de 2018 no Brasil. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, p. 01-16, jul. 2019.

MIGUEL, Luis F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, v. 07, n. 15, p. 590-621, 2016.

MIGUEL, Luis F.. A reemergência da direita brasileira. *In*: GALLEGO, Esther S. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MIGUEL, Luis F.. **O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016**. 1 ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

MIGUEL, Luis F.. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. *Cadernos Pagu*. v. 62, p. 01-14, 2021.

MIGUEL NAGIB RESPONDE OS CRISTÃOS SOBRE O ESCOLA SEM PARTIDO. 8 ago. 2017. 1 vídeo (12 min 32 s). Publicado pelo canal Dois Dedos de Teologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sgX-Dz9gpng>. Acesso em: 28 out. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. GOV.BR. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em: 24 out. 2023.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de F.. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 06, n. 12, p. 132-156, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-mediatizadora. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MIS HIJOS Mi Decisión. Disponível em: <https://mishijosmidecision.org/>. Acesso em: 28 out. 2023.

MONTEIRO, José M. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MONTES, Rocío. O laço de Paulo Guedes com os ‘Chicago boys’ do Chile de Pinochet. **El País**. Brasil. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/politica/1540925012_110097.html. Acesso em: 28 out. 2023.

MORAES. Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise textual discursiva**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MOURA, Fernanda P. de. O catolicismo e o Escola sem Partido: sacerdotes e leigos em "defesa da família". In: CABRAL, Bruna M.; ALBUQUERQUE, Bruno da S.; BRITO, Glaucia F L de. **Religião não se discute?** diálogos entre religiões, política e história. 1. Ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

MOURA, Fernanda P. de. O movimento Escola sem Partido e a reação conservadora contra a discussão de gênero na escola. In: PENNA, Fernando; QUEIROZ, Felipe; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Educação democrática: antídoto ao Escola sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018b.

MOURA, Fernanda P. de; SILVA, Renata da C. A. da. **6 anos de projetos “Escola sem Partido” no Brasil**: levantamento dos projetos de lei estaduais, municipais, distritais e federais que censuram a liberdade de aprender e ensinar. Brasília: Frente Nacional Escola Sem Mordança, 2020.

MOURA, Eduardo. Fundação Palmares faz cruzada ideológica e deve excluir metade do seu acervo. **Folha de S. Paulo**. Ilustrada. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/fundacao-palmares-faz-cruzada-ideologica-e-deve-excluir-metade-do-seu-acervo.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

MUCHEMBLED, Robert. Satã entra em cena (séculos XII-XIV). In: MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do diabo**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.

NAGIB, Miguel. Quem disse que educação sexual é conteúdo obrigatório? **Escola sem Partido**. 2013. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/quem-disse-que-educacao-sexual-e-conteudo-obrigatorio/>. Acesso em: 25 out. 2023.

NAGIB, Miguel. Combater ideologização em sala de aula é censura? Não. **Folha de S. Paulo**. Tendências/Debates. 2015a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2015/07/1657376-combater-ideologizacao-em-sala-de-aula-e-censura-nao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

NAGIB, Miguel. Eu desafio. Escola sem Partido. Blog. 2015b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/eu-desafio/>. Acesso em 28 out. 2023.

NAGIB, Miguel. O adeus do fundador. **Escola sem Partido**. 2020. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 25 out. 2023.

NEVES, Cynthia A. de B. Direitos humanos e educação: a polêmica em torno da prova de redação do ENEM 2015 e 2017. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 57, n. 2, p. 731-755, 2018.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

O ANTAGONISTA. Olavo de Carvalho, sobre o Escola sem Partido: "Acho que colocaram a carroça na frente dos bois". **O Antagonista**. 2018. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/olavo-de-carvalho-sobre-o-escola-sem-partido-acho-que-colocaram-carroca-na-frente-dos-bois/>. Acesso em: 25 out. 2023.

O GLOBO. Ex-presidente na Bolívia é sentenciada a 10 anos de prisão por golpe de Estado contra Evo Morales em 2019. **O Globo**. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/06/ex-presidente-na-bolivia-e-sentenciada-a-10-anos-de-prisao-pelo-crime-de-golpe-de-estado-em-2019.ghml>. Acesso em 07 nov. 2023.

OLAVO DE CARVALHO. Website Oficial. 2023. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/>. Acesso em 28 out. 2023.

OLIVEIRA, Pedro R. de. **As religiões no Censo 2010: uma reflexão**. Debates do NER. v. 14, n. 24, p. 99-107, 2013.

OLIVEIRA, Cleide E. de *et al* 2020. A construção do pânico moral a partir das questões de gênero e sexualidades nos discursos ultraconservadores no Brasil. **Ex aequo**. n.41, p. 27-44, 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, Humberto R. de. **Nuances da visão evangélica dos direitos humanos**. 2022. 166 p. Tese — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2022.

OLIVEIRA, Alexia; ÍCARO, Pedro. Relembre as polêmicas do ex-ministro Ernesto Araújo à frente do Itamaraty. **Correio Braziliense**. Política. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/03/4914900-relembre-as-polemicas-do-ex-ministro-ernesto-araujo-a-frente-do-itamaraty.html>. Acesso em 29 out. 2023.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORTUNES, Leandro; MARTINHO, Silvana; CHAIA, Vera. Lideranças políticas no Brasil: da Teologia da Libertação ao Neofundamentalismo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, s/v, n. 28, p. 195-232, 2019.

PACHECO, Ronilso. Reeleição de Bolsonaro impulsionaria radicalização de extremistas cristãos. **Folha de S. Paulo**. Ilustríssima. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/10/reeleicao-de-bolsonaro-impulsionaria-radicalizacao-de-extremistas-cristaos.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

PALHARES, Isabela. Weintraub deixou lista com olavistas e empresários para conselho de educação. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/weintraub-deixou-lista-com-olavistas-e-empresarios-para-conselho-de-educacao.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

PALOMO, Elvira. Orbán reforça domínio da ultradireita na Hungria com reforma que inclui gestão das universidades. **El País**. Madri / Budapeste. Internacional. 27 abri. 2021.

PAOLIN, Mariana M.. **A associação movimentista Escola sem Partido na cruzada antigênero: Análise de sua militância no Instagram**. 2022. 86 p. Dissertação — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2022.

PENA, Anderson dos A. P.; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de libertação, teologia da prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 27, e270022, p. 1-25, 2022.

PENNA, Fernando. O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem”**

partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

PENNA, Fernando; QUEIROZ, Felipe; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Educação democrática:** antídoto ao Escola sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

PIERUCCI, Antônio F. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, vol. 18, n. 52, pp. 17-28, 2004.

PIERUCCI, Antônio F. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PIERUCCI, Antônio F.. **Ciladas da diferença**. 3ª ed. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

PIRES, Klauber C.. Flagrante de doutrinação ideológica em livro didático. **Escola sem Partido**. Blog. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/flagrante-de-doutrinacao-ideologica/>. Acesso em 28 out. 2023.

PIRES, Klauber C.. Pais católicos reagem!. **Escola sem Partido**. Blog. 2014 Disponível em: <https://bit.ly/3qY1Nbe>. Acesso em 10 jan. 2022.

POTECHI, Bruna. Os direitos das gestantes sob a ótica da “ideologia de gênero” na Câmara dos Deputados. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, n. 65, p. 01-31, 2023.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica:** Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Ed. Lux, 2021.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan W dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187-214, 2017.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João L.. Em nome do pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**. v. 33, n. 96, p. 01-22, 2018.

PROFESSORES contra o escola sem partido. Disponível em: <https://profscontraoesp.org/>. Acesso em: 28 out. 2023.

PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson (Orgs.). **A resistência ao golpe de 2016**. Bauru: Canal 6, 2016.

PUGGINA, Percival. Totalitarismo através da educação. **Escola sem Partido**. Blog. 2016. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/totalitarismo-atraves-da-educacao/>. Acesso em 28 out. 2023.

QUEIROZ, Antônio A. de. O Congresso mais conservador dos últimos quarenta anos. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Eleições 2018. 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-congresso-mais-conservador-dos-ultimos-quarenta-anos/>. Acesso em 29 out. 2023.

RANGEL, Sergio. Bolsonaro pede disciplina e critica 'ideologia de gênero' em entrega de colégio da PM. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/12/bolsonaro-pede-disciplina-e-critica-ideologia-de-genero-em-entrega-de-colegio-da-pm.shtml>. Acesso em: 28 out. 2023.

REIS, Marcos Vinícius Freitas *Política e religião: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira*. Dissertação de mestrado em ciência política. São Carlos, UFSCar, 2011.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 138, 09–26, 2017.

RIBEIRO, Renato J.. A Educação nos Inícios do Governo Bolsonaro. *In*: GALLEGO, Esther S. (Org.). **Brasil em colapso**. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

ROCHA, João C. de C.. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1. ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROCHA, João C. de C.. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RODRIGUES, Artur. Visita de vereador a escolas municipais provoca polêmica em São Paulo. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1872673-secretario-de-doria-diz-que-vereador-ligado-ao-mbl-intimidou-professores.shtml>. Acesso em: 28 out. 2023.

RODRIGUES, Cesar A.; PUCCI, Bruno; PADILHA, Anna M. L.. O que move o movimento escola sem partido? **Comunicações Piracicaba**, v. 24, n. 2, p. 267-282, 2017.

RODRIGUES, Alex. Embaixador Ernesto Araújo é escolhido para Relações Exteriores. **Agência Brasil**. Política. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/embaixador-ernesto-araujo-e-escolhido-para-relacoes-exteriores>. Acesso em 29 out. 2023.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor Da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

ROMERO, Guillermo. Orden, familia y educación sexual. análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #conmishijosnotemetas en Argentina. **Revista Cultura & Religión** v. 15, n. 1, 2021.

RONDÓN, Manuel A. R.. La ideología de género como exceso: Pánico moral y decisión ética en la política colombiana. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, v. 27, p. 128–148, 2017.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SALDAÑA. Paulo. Governo Temer esvazia gênero na base curricular e mistura tema com religião. Folha de S. Paulo. Educação. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/12/1940989-governo-temer-esvazia-genero-na-base-curricular-e-mistura-tema-com-religiao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Motores de Bolsonaro, Escola sem Partido e ideologia de gênero têm raízes religiosas. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/10/motores-de-bolsonaro-escola-sem-partido-e-ideologia-de-genero-tem-raizes-religiosas.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Vélez exalta igreja e família e diz que MEC vai combater marxismo cultural. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-exalta-igreja-e-familia-e-diz-que-mec-vai-combater-marxismo-cultural.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Vélez desmonta secretaria de diversidade e cria nova subpasta de alfabetização. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-desmonta-secretaria-de-diversidade-e-cria-nova-subpasta-de-alfabetizacao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Gestão Bolsonaro muda edital de livros, abre margem para erros e retira violência contra a mulher. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/gestao-bolsonaro-retira-violencia-contra-mulher-e-quilombo-de-edital-de-livros.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Bolsonaro recua e anula texto que dá margem a erros em livros didáticos. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019d. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/governo-bolsonaro-diz-que-vai-de-anular-mudanca-em-edital-de-compra-de-livros.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA. Paulo. Filho de Bolsonaro propõe revisão histórica sobre ditadura em livro didático. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019e. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/filho-de-bolsonaro-propoe->

revisao-historica-sobre-ditadura-em-livro-didatico.shtml. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Governo Bolsonaro vai criar comissão para pente-fino ideológico de questões do Enem. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019f. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/02/governo-bolsonaro-vai-criar-comissao-para-pente-fino-ideologico-de-questoes-do-enem.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Véléz faz dança das cadeiras no MEC em meio a críticas de Olavo de Carvalho. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019g. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/velez-faz-danca-das-cadeiras-no-mec-apos-criticas-de-olavo-de-carvalho.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Weintraub manda ofício para redes de ensino que retoma diretrizes do Escola sem Partido. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019h. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/weintraub-manda-oficio-para-redes-de-ensino-que-retoma-diretrizes-do-escola-sem-partido.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Governo quer punir estado que ignora denúncia de ambiente escolar. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019i. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/11/governo-quer-punir-estado-que-ignora-denuncia-de-ambiente-escolar.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Bolsonaro edita medida provisória que muda escolha de reitor e reduz autonomia das federais. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2019j. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/bolsonaro-edita-medida-provisoria-sobre-escolha-de-reitor-e-reduce-autonomia-das-federais.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo; CHAIB, Julia. Abraham Weintraub é demitido por Bolsonaro após insultar Supremo. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/abraham-weintraub-e-demitido-por-bolsonaro-apos-insultar-supremo.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. Assessora de Milton Ribeiro defende 'princípios bíblicos' na educação. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/assessora-de-milton-ribeiro-defende-principios-biblicos-na-educacao.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. MEC nomeia aliada do Escola sem Partido para coordenar materiais didáticos. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2021a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/mec-nomeia-aliada-do-escola-sem-partido-para-coordenar-materiais-didaticos.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. MEC ignora área técnica e quer criar 'tribunal ideológico' do Enem. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2021b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/06/mec-ignora-area-tecnica-e-quer-criar-tribunal-ideologico-do-enem.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SALDAÑA, Paulo. MPF vê risco à liberdade de expressão e recomenda que Inep desista de 'tribunal ideológico' do Enem. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2021c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/10/mpf-ve-risco-a-liberdade-de-expressao-e-recomenda-que-inep-desista-de-tribunal-ideologico-do-enem.shtml>. Acesso em 28 out. 2023.

SAMPAIO, Rafael C.; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Tiago R.; CERVI, Gicele M. D. Quixote contra os moinhos: um ensaio sobre o Movimento Escola Sem Partido. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. v. 27, n. 105, pp. 712-731, 2015.

SANTOS, Fabio L. B. dos. O nacionalismo hindu de Modi: autoritarismo e neoliberalismo na Índia. **Revista Katálysis**. v. 24, n. 1 p. 53-65, 2021.

SARDENBERG, Carlos A.. ENADE (2007). **Escola sem Partido**. Blog. 2007. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/blog/enade-2007/>. Acesso em 28 out. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43 ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

SAYURI, Juliana. Briga judicial entre professora e aluna ilustra racha político no país. **Folha de S. Paulo**. Ilustríssima. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/briga-judicial-entre-professora-e-aluna-ilustra-racha-politico-no-pais.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. Orbán recorre a um cristianismo distorcido para governar a Hungria. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo. Notícias. 18 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/590887-orban-recorre-a-um-cristianismo-distorcido-para-governar-a-hungria>. Acesso em 28 out. 2023.

SCHLAGWEIN, Felix. Viktor Orbán e o antissemitismo. **Deutsche Welle**. Alemanha. Política. 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/viktor-orb%C3%A1n-e-o-antissemitismo/a-55966575>. Acesso em 28 out. 2023.

SEVERO, Júlio. Ministério da Educação vai distribuir livro sobre diversidade sexual em escolas. **Escola sem Partido**. Blog. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3Fk9bmM>. Acesso em 10 jan. 2022.

SEVERO, Júlio. 3 – Farinha do mesmo saco? **Escola sem Partido**. Blog. 2012. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/farinha-do-mesmo-saco-3/>. Acesso em 28 out. 2023.

SEVERO, Júlio. Agenda de gênero: redefinindo a igualdade. **Escola sem Partido**. Blog. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3JXBjQ0>. Acesso em 10 jan. 2022.

SEVERO, Ricardo G.; GONÇALVES, Suzane da R. V.; ESTRADA, Rodrigo D.. A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, e84073, 2019.

SILVA, Ivan H. de M.. “Liberal na economia e conservador nos costumes” Uma totalidade dialética. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 36, n. 107, e3610702, 2021

SILVA, Wellington T. da; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel I.. O marxismo cultural no brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. **Cultura y religión**, v. 15, n. 1, p. 180-222, 2021.

SIMÃO, Roberta. Bela Adormecida percebe que universidade não é príncipe encantado. **Escola sem Partido**. Blog. 2020a. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/bela-adormecida-percebe-que-universidade-nao-e-principe-encantado/>. Acesso em 28 out. 2023.

SIMÃO, Roberta. Doutrinação, intimidação e aliciamento no IFRN. **Escola sem Partido**. Blog. 2020b. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/blog/doutrinacao-intimidacao-e-aliamento-no-ifrn/>. Acesso em 28 out. 2023.

SOUZA, André R. de; PRANDI, Reginaldo. A carismática despolíticação da Igreja Católica. *In*: PIERUCCI, Antônio F.; PRANCID, Reginaldo. (Org.). **A realidade social das religiões no Brasil: religião, política e sociedade**. 1ed. São Paulo: Hucitec, 1996, v. 1, p. 59-91.

SOUZA, André R. de. Meandros da força política evangélica no Brasil. **Cultura y Religión**, v. 7, p. 117-128, 2013.

SOUZA, André R. de. Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro. **Revista USP**, v. 120, p. 15-22, 2019.

SOUZA, André Ricardo de; ABUMANSUR, Edin Sued; LEITE JÚNIOR, Jorge. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 385-410, 2019.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda como e porque você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA, Jessé; VALIM, Rafael (Orgs.). **Resgatar o Brasil**. São Paulo: Editora Contracorrente/Boitempo, 2016.

SOUZA, Andréa S. de. Religião e Educação: as marcas do fundamentalismo religioso no programa “Escola sem Partido”. **Religare**, v. 16, n. 1, p. 09-33, 2019.

TAVANO, Vinicius; LEÃO, Andreza M. de C.. A ideologia da ideologia de gênero: seus discursos e (des)construções. v. 21, n. 1, p. 311-326, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: e retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, Faustino. Os dados sobre religiões no Brasil em debate. **Debates do NER**. v. 14, n. 24, p. 77-84, 2013.

TEIXEIRA, Raniery P.; BIROLI, Flávia. Contra o gênero: a “ideologia de gênero” na Câmara dos Deputados brasileira. **Revista Brasileira De Ciência Política**, n. 38, e248884, 2022.

TELES, Levy. Homenagem a Olavo de Carvalho na Câmara tem sessão esvaziada, choro, música e poema. **Estadão**. Política. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/homenagem-olavo-de-carvalho-camara-tem-sessao-esvaziada-choro-musica-poema-nprp/>. Acesso em: 26 out. 2023.

TÓFOLI, Daniela. Cartilha escolar do sistema COC é alvo de polêmica. **Folha de S. Paulo**. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2007/06/303562-cartilha-escolar-do-sistema-coc-e-alvo-de-polemica.shtml>. Acesso em: 28 out. 2023.

TSE. Tribunal Superior Eleitoral. Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>. Acesso em 23 out. 2023.

UENO, Alessandra. Desincentivo e corte de recursos trazem problemas ao Censo Demográfico de 2022. **Jornal da USP**. Atualidades. 03 mar. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/desincentivo-e-corte-de-recursos-trazem-problemas-ao-censo-demografico-de-2022/>. Acesso em 16 out. 2023.

URIBE, Gustavo; FERNANDES, Talita; WIZIACK, Julio. Escolha de Bolsonaro para Educação causa crise com bancada evangélica. **Folha de S. Paulo**. Educação. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/11/escolha-de-bolsonaro-para-educacao-causa-crise-com-bancada-evangelica.shtml>. Acesso em: 24 out. 2023.

VAGGIONE, Juan M.; MACHADO, Maria das D. C.; BIROLI, Flávia. Matrizes do neoconservadorismo religiosos na América Latina. *In*: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das D. C.; VAGGIONE, Juan M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. Independência: escola sem partido, república sem bambú. **Rocinante**. Blog. 2017a. Disponível em: <https://pensadordelamancha.blogspot.com/2017/09/independencia-escola-sem-partido.html>. Acesso em 29 out. 2023.

VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. Homossexualidade não é doença, mas ideologia de gênero é - Percival Puggina. **Rocinante**. Blog. 2017b. Disponível em: <https://pensadordelamancha.blogspot.com/2017/10/homossexualidade-nao-e-doenca-mas.html>. Acesso em 29 out. 2023.

VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. Um roteiro para o MEC. **Rocinante**. Blog. 2018. Disponível em: <https://pensadordelamancha.blogspot.com/2018/11/um-roteiro-para-o-mec.html>. Acesso em 29 out. 2023.

VENAGLIA, Guilherme. Diretor responsável pelo Enem é demitido um dia após nomeação. **Veja**. Política. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/diretor-responsavel-pelo-enem-e-demitido-um-dia-apos-nomeacao>. Acesso em 29 out. 2023.

VIEIRA, Bianka. Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na ONU com checagens e contextualizações. **Folha de S. Paulo**. Mundo. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-onu-com-checagens-e-contextualizacoes.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

VILA-NOVA, Carolina. Ministra Damares Alves agiu para impedir aborto em criança de 10 anos. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damares-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos.shtml>. Acesso em 29 out. 2023.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo V. L.. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

ZANOTTO, Gizele. Plínio Corrêa e a TFP: um reacionário a serviço da contra-revolução. **Esboços: histórias em contextos globais**. v. 9, n. 9, p. 193-214, 2001.

WEBER, Max. Tipologia da renúncia religiosa ao mundo. *In*: WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**. 1. Ed. São Paulo: Ícone, 2010.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

APÊNDICES

Apêndice I - Relação de candidatos que assinaram o compromisso público com a ESP – Eleições 2018

Nome	Cargo	Estado	Partido	ELEITO
Adriano Campello	Deputado Federal	AC	PSL	NÃO ELEITO
Eduardo Costa	Deputado Estadual	AM	PSL	SUPLENTE
Major Fabio Huss	Deputado Estadual	AM	PSL	SUPLENTE
Ideval Kleber	Deputado Estadual	BA	PSL	SUPLENTE
Cabo Sabino	Deputado Federal	CE	AVANTE	SUPLENTE
Regis Machado	Deputado Distrital	DF	PRP	NÃO ELEITO
João Cardoso Professor - Auditor	Deputado Distrital	DF	AVANTE	ELEITO
Eduardo Favaro	Deputado Distrital	DF	PSD	SUPLENTE
Professor Manoel Morais	Deputado Distrital	DF	PPS	NÃO ELEITO
Evandro Araujo	Deputado Distrital	DF	PRP	SUPLENTE
Assis Marinho	Deputado Federal	DF	NOVO	NÃO ELEITO
Bia Kicis	Deputada Federal	DF	PRP	ELEITO
Francisco Lucio	Deputado Federal	DF	PR	SUPLENTE
Thiago Manzoni	Deputado Federal	DF	NOVO	NÃO ELEITO
Paulo Fernando	Deputado Federal	DF	PATRI	NÃO ELEITO
Ciro Nolasco	Deputado Federal	MA	PTC	SUPLENTE
Bruno Engler	Deputado Estadual	MG	PSL	ELEITO
Cabo Cleines	Deputado Estadual	MG	PSL	SUPLENTE
Caio Bellote	Deputado Estadual	MG	PSL	SUPLENTE
Bartô do Novo	Deputado Estadual	MG	NOVO	ELEITO
Léo Portela	Deputado Estadual	MG	PR	ELEITO
Sergio Americano Mendes	Deputado Estadual	MG	NOVO	SUPLENTE
Tenente Melo	Deputado Estadual	MG	SOLIDARIEDADE	SUPLENTE
Wellington Ramos	Deputado Estadual	MG	PRTB	SUPLENTE
Leonardo Vitor MBL	Deputado Estadual	MG	PSC	SUPLENTE
Alê Silva	Deputada Federal	MG	PSL	ELEITO
Cabo Junio Amaral	Deputado Federal	MG	PSL	ELEITO
Adriana Moreira Borges	Deputada Federal	MG	PSL	SUPLENTE
Fernando Borja	Deputado Federal	MG	AVANTE	SUPLENTE
Gabriel Toledo	Deputado Federal	MG	PSL	SUPLENTE
Prof. Carlos Lindomar	Deputado Federal	MG	PSL	SUPLENTE
Lincoln Portela	Deputado Federal	MG	PR	ELEITO
Romeu Zema	Governador	MG	NOVO	ELEITO
Dinis Pinheiro	Senador	MG	SOLIDARIEDADE	NÃO ELEITO

João Henrique	Deputado Estadual	MS	PR	ELEITO
Capitão Contar	Deputado Estadual	MS	PSL	ELEITO
Defensor Cabral	Deputado Estadual	MS	PSDB	NÃO ELEITO
Mara Caseiro	Deputada Estadual	MS	PSDB	SUPLENTE
Betinho	Deputado Estadual	MS	PRB	SUPLENTE
Mauricio Picarelli	Deputado Estadual	MS	PSDB	SUPLENTE
Raquel Portioli	Deputada Estadual	MS	PSL	SUPLENTE
Struck	Deputado Estadual	MS	PATRI	SUPLENTE
Fabio Luis	Deputado Federal	MS	PSC	NÃO ELEITO
Tio Trutis	Deputado Federal	MS	PSL	ELEITO
Miriam Gimenez	Deputada Federal	MS	NOVO	NÃO ELEITO
Sindoley Moraes	Deputado Federal	MS	PSL	SUPLENTE
Zé da Viola	Deputado Federal	MS	PSL	SUPLENTE
Soraya Thronicke	Senador	MS	PSL	ELEITO
Elias Galli	Deputado Estadual	MT	PSL	SUPLENTE
Nelson Barbudo	Deputado Federal	MT	PSL	ELEITO
Heitor Santana	Deputado Federal	MT	NOVO	NÃO ELEITO
Victório Galli	Deputado Federal	MT	PSL	SUPLENTE
Nilson Leitão	Senador	MT	PSDB	NÃO ELEITO
Diego Dusol	Deputado Federal	PB	NOVO	NÃO ELEITO
Pimentel Filho	Deputado Federal	PB	PSD	SUPLENTE
Aleksandra Serbim	Deputada Estadual	PE	PSC	SUPLENTE
Charbel	Deputado Federal	PE	NOVO	NÃO ELEITO
Marcella Kretsch	Deputada Estadual	PR	PSL	SUPLENTE
Gilson de Souza	Deputado Estadual	PR	PSC	ELEITO
Filipe Barros	Deputado Federal	PR	PSL	ELEITO
Ivan Cesar Rossoni	Deputado Federal	PR	PSL	SUPLENTE
Luciano Keluc	Deputado Federal	PR	PRTB	NÃO ELEITO
Marisa Lobo	Deputada Federal	PR	AVANTE	SUPLENTE
Zé Boni	Senador	PR	PRTB	NÃO ELEITO
Alexandre Knoploch	Deputado Estadual	RJ	PSL	ELEITO
Charlles Batista	Deputado Estadual	RJ	PSL	SUPLENTE
Douglas Lacerda	Deputado Estadual	RJ	PSL	SUPLENTE
Gabriel Araújo	Deputado Estadual	RJ	PSL	SUPLENTE
Gustavo Schmidt	Deputado Estadual	RJ	PSL	ELEITO
Livia Bonates	Deputada Estadual	RJ	NOVO	SUPLENTE
Monique Terra	Deputada Estadual	RJ	PSL	NÃO ELEITO
Professora Valéria	Deputada Estadual	RJ	NOVO	SUPLENTE
Regina Carquejo	Deputada Estadual	RJ	NOVO	SUPLENTE
Davi PQD	Deputado Estadual	RJ	PSL	SUPLENTE
Carlos Jordy	Deputado Federal	RJ	PSL	ELEITO
Danilo Bastos Jr.	Deputado Federal	RJ	PSL	SUPLENTE
Chris Tonietto	Deputado Federal	RJ	PSL	ELEITO
Roberto Motta	Deputado Federal	RJ	PSC	SUPLENTE
Márcio Labre	Deputado Federal	RJ	PSL	ELEITO

Sargento Gurgel	Deputado Federal	RJ	PSL	ELEITO
Andre Ricardo	Deputado Federal	RJ	PSDB	SUPLENTE
Antonio Mamede	Deputado Federal	RJ	PRTB	NÃO ELEITO
Sara Winter	Deputado Federal	RJ	DEM	SUPLENTE
José Westphalen Neto	Deputado Estadual	RS	DEM	SUPLENTE
Marcelo Buz	Deputado Estadual	RS	DEM	SUPLENTE
Su Vargas	Deputada Estadual	RS	PP	SUPLENTE
Daniel Santos	Deputado Estadual	RS	PSL	SUPLENTE
Paula Cassol	Deputada Federal	RS	PP	SUPLENTE
Ana Caroline Campagnolo	Deputada Estadual	SC	PSL	ELEITO
Ramiro Zinder	Deputado Estadual	SC	DEM	SUPLENTE
Altair Silva	Deputado Estadual	SC	PP	ELEITO
Caroline de Toni	Deputada Federal	SC	PSL	ELEITO
Leandro Schmoekel Gonçalves	Deputado Federal	SC	NOVO	SUPLENTE
Tatiana Barreto	Deputada Federal	SC	PSL	SUPLENTE
Peninha	Deputado Federal	SC	MDB	ELEITO
Alex Timóteo	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Castelo Branco	Deputado Estadual	SP	PSL	ELEITO
Douglas Garcia	Deputado Estadual	SP	PSL	ELEITO
Dr. Ulysses	Deputado Estadual	SP	PV	SUPLENTE
Felipe Luiz	Deputado Estadual	SP	NOVO	SUPLENTE
Professor Megione	Deputado Estadual	SP	PATRI	SUPLENTE
Leticia Aguiar	Deputada Estadual	SP	PSL	ELEITO
Gil Diniz	Deputado Estadual	SP	NOVO	ELEITO
Lívia Fidelix	Deputada Estadual	SP	PRTB	NÃO ELEITO
Luciana Alberto	Deputada Estadual	SP	NOVO	SUPLENTE
Daniela Bruzarrosco	Deputada Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Moisés Costa	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Ricardo Sicchiero	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Paulo Vieira	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Luis Alexandre	Deputado Estadual	SP	NOVO	SUPLENTE
Coronel Nishikawa	Deputado Estadual	SP	PSL	ELEITO
Cabo Wilson	Deputado Estadual	SP	PATRI	SUPLENTE
Everton Sodario	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Paulo Mello	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Arthur Mamãe Falei	Deputado Estadual	SP	DEM	ELEITO
Dr Julio Casarin	Deputado Estadual	SP	PSL	SUPLENTE
Carla Zambelli	Deputada Federal	SP	PSL	ELEITO
Clau de Luca	Deputada Federal	SP	PSL	SUPLENTE
Patricia Bueno	Deputada Federal	SP	PSL	SUPLENTE
Ferraz Junior	Deputado Federal	SP	NOVO	SUPLENTE
General Peternelli	Deputado Federal	SP	PSL	ELEITO
Luiz Carlos Valle	Deputado Federal	SP	PSL	SUPLENTE

Marcus Dantas	Deputado Federal	SP	PSL	SUPLENTE
Osmar Bernardes	Deputado Federal	SP	PSL	SUPLENTE
Silvinho Zabisky	Deputado Federal	SP	PSC	SUPLENTE
Dr Vinicius Rodrigues	Deputado Federal	SP	PSL	SUPLENTE
Kim Kataguirí	Deputado Federal	SP	DEM	ELEITO
Wellbabo	Deputado Federal	SP	PATRI	NÃO ELEITO
Major Costa e Silva	Governador	SP	DC	NÃO ELEITO
Rodrigo Tavares	Governador	SP	PRTB	NÃO ELEITO